

THE *Duet*
A NOVEL
DUET

ALEXA RILEY

Sweet CLUB BOOK'S



Disponibilização: *Eva*

Tradução: *Ma.k*

Revisão Inicial: *Val*

Revisão Final: *Janay*

Leitura Final: *Thay*

Formatação: *Eva*

Um alfa lindo, obsessivo e bilionário.

*Uma gostosa cheia de curvas vinda do lado mais
simples da cidade.*

Ambos virgens...

Quando Becs e Bray fazem um acordo, nenhum dos dois tem ideia de que isso vai levá-los a desejos sexuais e luxúrias incontroláveis.

Será que Bray vai permitir que o caos governe seu mundo perfeito?

Será que Becs vai permitir que o amor penetre em seu coração gelado?

Será que a falta de carinho vai se inflamar no calor sexual? Só há uma maneira de descobrir...

AVISO: você pode se queimar! Leia com responsabilidade.



The Virgin
THE
DUET
ALEXA RILEY

DEDICATÓRIA

Para Jess. Você inspira esta história e tantas outras fantasias sujas.

Obrigada.

CAPÍTULO UM

BECS

A raiva borbulha dentro de mim enquanto olho as imponentes portas duplas de seu escritório. Elas vão até o teto e parece que precisaria usar todo seu peso para abri-las. No outro lado está um bundão arrogante. Se abrir as portas, provavelmente ele estará sentado atrás de uma mesa gigante, ou talvez num trono como se fosse um rei. Acho que ele é o rei deste prédio. Sr. Baunilha, como gosto de chamá-lo apenas para deixá-lo irritado, é o dono do lugar. Eu trabalho na cafeteria do térreo, no lobby do prédio. Bem, ou trabalhava até quinze minutos atrás. Sei que ele é o motivo da minha rápida demissão hoje e estou aqui para lhe dizer poucas e boas.

De jeito nenhum vou voltar ao abrigo. O dinheiro que ganho no café mal dá para pagar semanalmente o motel que eu e meu irmão mais velho ficamos. Estamos lá nos últimos meses, mas nada supera a porcaria que é ter que ficar no abrigo. Se eu ficar uma semana desempregada, teremos que voltar para lá. E isso é uma coisa com a qual não posso lidar.

“O bundão do seu chefe está aí dentro?” Pergunto para a mulher sentada em frente às portas duplas.

Levantando a cabeça, ela olha para mim em estado de choque, mas seu rosto rapidamente se transforma numa careta com nojo. É claro que ele tem uma assistente de aparência perfeita sentada do lado de fora do seu escritório. Cabelos loiros

queimados de sol e puxados para trás num coque apertado, olhos de um azul cristalino emoldurados com óculos pretos de armação fininha e uma blusa decotada. Bem decotada. Parece que a qualquer momento ela poderá se transformar numa sexy bibliotecária. Às vezes é isso que ela faz.

Pelo franzir de seu nariz, posso dizer que ela me considera repulsiva. Sou seu oposto, em todos os sentidos. Podemos ambas ter cabelos loiros, mas esta é a única semelhança. Meu tom de loiro é mais brilhante que o dela, mas também tem mechas em tons de rosa e roxo. O colorido do cabelo faz com que meus olhos pareçam mais roxos do que são na verdade. Debaixo da mesa posso ver suas longas pernas e sapatos, que provavelmente custam mais do que ganho em três meses. Se ela levantar, tenho certeza que será bem mais alta que os meus um metro e sessenta. Minhas botas pretas de estilo militar não me fornecem ajuda extra nesse departamento. Ela é magra e tenho certeza que dedica tempo para se manter em forma. Completamente diferentes.

“Vou ter que te pedir para ir embora”, ela ladra para mim com uma voz que parece com unhas arranhando um quadro negro. Pega o telefone em sua mesa e tenho certeza de que vai chamar a segurança porque estou meio nua. Estou vestindo somente sutiã, calças pretas e botas. De jeito nenhum vou deixar o imbecil lá de baixo descontar cinquenta dólares do meu último pagamento pelo uniforme. De qualquer forma, não quero olhar para a cara dele nunca mais. O cara tem coragem. Depois de me despedir, sugeri que eu lhe desse um boquete em troca do dinheiro que preciso tão desesperadamente. Quando comecei a desabotoar minha blusa, o cabeção achou que ia se dar bem. Tudo que ele conseguiu foi minha blusa e avental jogados sobre ele. Isso, e um olho roxo. Ainda sinto a dor nos meus dedos devido ao soco. Ah sim, seu olho vai ficar uma belezura em roxo e preto amanhã. Crescendo em lares adotivos precisei aprender como dar um bom soco.

Sabendo que meu tempo está se esgotando, passo por ela e empurro as portas abertas.

“Cindy, eu disse –” suas palavras morrem quando ele olha para cima e me vê. Apertando a mandíbula e com as narinas se dilatando enquanto observa meus trajes. Ou a falta deles. Hoje, como todos os outros dias, ele está vestindo um terno de três peças, no mesmo tom de cinza dos seus olhos. Está sempre tão bem arrumado. Até mesmo seu estúpido rosto bonito é reto, com linhas perfeitas. Toda vez que ele entra na cafeteria tenho vontade de bagunçá-lo. Sempre tenho vontade de passar os dedos por seu cabelo, para deixá-lo com aquela aparência de quem acabou de transar. Já pensei em passar meus lábios por seu pescoço, deixando uma mancha de gloss ali, para que ele não pareça tão perfeito. Da primeira vez que ele entrou, me deu um meio sorriso e pediu um café preto. Sem creme ou açúcar. Nem mesmo um sabor. Parece que é deste jeito que ele gosta de todas as coisas. Todos os dias ele entrava, pegava seu café e batia um curto papo comigo. Eu ansiava sua volta. Ele era diferente do outros engravatados. A maioria deles, ou me trata como se eu pudesse ser uma foda rápida para eles, ou me dá um olhar de desgosto.

Então, um dia, ele entrou acompanhado de uma mulher. Fiquei de costas para eles, mas podia ouvir o que diziam. Dando uma espiada por sobre o ombro, pude observar que a mulher era linda. Elegante, de um jeito que nem consigo me imaginar. Ela lhe disse, “Ela parece deslocada. Estou chocada que permitam que ela trabalhe aqui com esta aparência.” A única resposta dele foi, “Tenho certeza que ela poderia ficar bem atraente, se quisesse.” Fazia tempo que eu não me deixava atingir pelas palavras de alguém e seu comentário me deixou puta. Assim, naquele dia, os jogos começaram. Meus sorrisos e minha excitação ao vê-lo se foram. Sei que minha aparência é diferente. Gosto do meu cabelo rosa e roxo, do meu esmalte fosforescente e meu gloss. Esta sou eu. Parei de tentar me encaixar nos moldes

de outras pessoas quando saí do sistema de adoção. Não preciso fingir ser alguém que não sou.

Depois disso, tentei fazer da vida dele um inferno, sempre que ele entrava na cafeteria. Talvez se eu fosse uma cadela bem grande, ele deixaria de aparecer. Fiquei puta por ter acreditado que ele gostava de mim.

Olhando em volta de seu escritório, tudo é tão frio – vidro e cromado para todo lado. Faz arrepios surgirem na minha pele exposta. Tudo em seu escritório está perfeitamente no lugar, assim como ele. Continuo olhando ao redor, não querendo encontrar seus olhos ainda.

“Uau, Bray. Não sabia que havia contratado recreação para esta reunião”, diz o homem sentado em frente ao Sr. Baunilha – também conhecido como Bray. Ele nunca me disse seu primeiro nome, mas gosto de Bray. Foi só depois dele ter me irritado, e de eu ter começado a chamá-lo de Sr. Baunilha, que me disse quem era. Haviam zombado da minha aparência e sei que isso é criancice, mas quis me vingar. Então, quando ele me perguntou o motivo de eu chamá-lo assim, disse: “Porque você não poderia ser mais simples e chato nem se tentasse.” Foi então que ele me informou que era o Sr. Spencer. Quando não respondi, ele acrescentou: “Sr. Spencer, como em Spencer Holding, o dono deste maldito edifício inteiro.” Mesmo assim, não fiz mais do que revirar meus olhos. Como se eu me importasse com isto...

Olho para o outro cara e ele parece tão bem arrumado quanto Bray. Esse cara parece mais relaxado, com um sorriso brincando em seus lábios. Ele é atraente, mas não tão bonito quanto Bray. Estou começando a pensar que ninguém chega aos seus pés.

“Pelo preço certo, eu até posso brincar um pouco, se for isso que estiver procurando. Acontece que estou de volta ao

mercado, procurando um novo emprego”, digo, lançando um olhar duro na direção do Sr. Baunilha, enquanto me volto para o outro homem e dou uma piscadela.

“É sério isso? Estaria mais do que disposto a ajudar uma mulher necessitada”, ele responde enquanto dá uma ajeitada em si mesmo. Não sou uma garota promíscua. Na verdade, sou virgem. Mas sei como usar meu corpo para conseguir o que quero. Um pequeno flerte pode te ajudar a conseguir as coisas que precisa. Não estou me agarrando a virgindade. Apenas nunca tive vontade de experimentar. Acho que nunca senti atração por ninguém, até conhecer Bray. E então, ele se mostrou igual aos outros.

Lançando meu olhar de volta a Bray, posso ver que sua boca está aberta, em choque. Quando seus olhos se fixam nos meus, raiva aparece. Esta é a primeira vez. Acho que esta é a maior emoção que já o vi demonstrar. Eu quero mais. Quero-o tão louco quanto eu. Ele entra no meu trabalho e consegue me fazer ser despedida. Bem, vou entrar no escritório dele e causar estragos. Talvez até mesmo arruinar um negócio.

Enquanto ando na direção do outro homem, corro o dedo ao longo de uma das prateleiras alinhadas contra a parede. Um por um, suavemente empurro os objetos. As bugigangas atingem o chão de mármore e seus ruídos soam na sala. As coisas quebram, mas não paro nem por um segundo.

Um suspiro alto atrás de mim me alerta que Cindy está de volta.

“A segurança já está a caminho, Sr. Spencer,” diz ela no mesmo tom de voz de antes. Como ele aguenta isso todos os dias é uma incógnita. Ele não assente na direção dela, apenas fica me encarando enquanto continuo meu ataque às suas prateleiras. Quando chego ao fim, viro e caminho na direção do outro cara, parando somente ao ficar entre suas pernas.

Deixo claras as minhas intenções ao levantar e baixar minhas sobrancelhas e olhar para baixo onde ele está sentado. Quando ele dá tapinhas no seu colo, eu monto nele.

“Quer uma provinha?” Pergunto com voz rouca. “Sabe, antes de comprar.”

Olho de relance para Bray, que agora está segurando sua mesa de vidro. Ele parece estar apertando-a com tanta força que ela poderia se quebrar. Voltando-me para o cara em quem estou sentada, me inclino para beijá-lo. Sinto sua respiração bater em meus lábios, mas antes de fazer contato, estou no ar. Sinto-me voar de seu colo e aterrissar atrás de Bray, que agora enfrenta seu amigo. Posso dizer que ele está enfurecido sem ver seu rosto. Seus punhos estão apertados em seus lados e posso vê-lo tomar longas respirações como se estivesse acabado de correr uma maratona.

“Saia, Smith,” ele rosna.

“Vai ser assim?” Pergunta Smith.

“Sim, vai ser assim. Eu te conheço há muito tempo, e realmente não quero me indispor com você.”

“Eu sei. Isso é o que está me deixando tão intrigado. Está com ciúmes de uma mulher?”

Ele acaba de falar em ciúmes? Ah, sim. Com tanto ciúme que acabou conseguindo me deixar desempregada para não ter mais que olhar minha cara.

“Tudo bem. Vejo você no evento de caridade, mês que vem. Vai levar Chelsea, certo?”

Odeio o ciúme que me atravessa quando ouço que ele tem um encontro com outra mulher.

“Provavelmente. Como sempre. Vejo você lá.”

Ouço Smith sair da sala, mas não posso vê-lo com Bray bloqueando minha frente. Escapando detrás dele, me movo para ficar um pouco afastada. Uma sacuda de desejo passou por meu corpo quando ele me agarrou. Achei que ele não estava a fim de mim, mas agora não tenho tanta certeza. Está chateado por eu bagunçar seu escritório? Ou por eu montar seu amigo?

“É aquela, logo ali. Podem pegar. Chamem a polícia. Tenho certeza que o Sr. Spencer vai querer que ela seja presa. Vejam só o que fez no escritório!” Cindy grita como se não pudesse entender o que aconteceu.

Dois brutamontes vêm na minha direção, me fazendo tropeçar para trás, quase escorregando num dois enfeites que derrubei da prateleira. Isso sim seria um carma instantâneo.

“Não. Toquem. Nela,” rosna Bray outra vez. Se eu parar para pensar, tudo o que ele falou desde o momento que entrei no seu escritório foi rosnado. Tão diferente da calma e controlada voz de sempre.

Os dois guardas param imediatamente. Pela primeira vez fico realmente grata pela presença de Bray. Não quero aqueles dois homens gigantes pegando em mim.

“Sim, Hulk um e Hulk dois: botem suas mãos em mim e serão incapazes de urinar durante uma semana inteira”, provoco.

“Cindy, eu não me lembro de ter pedido que chamasse a segurança.” Diz Bray em sua voz controlada habitual. Ele tira o paletó e o colete, colocando-os sobre as costas de uma das cadeiras. Então ele começa a desabotoar sua camisa. Que porra é essa?

"Senhor, ela entrou aqui e destruiu seu escritório", ela gagueja.

"Meu Deus, como aguenta ouvir essa voz todos os dias? Você é masoquista ou algo assim? Ela deve fazer um boquete de primeira", divago, enquanto olho para baixo certificando-me que meus peitos não saíram do meu sutiã. Graças a Deus que coloquei meu sutiã bonito hoje.

"Você, cale a boca," ele grita para mim. Atira sua camisa em minha direção e eu a pego. Então ele se vira. "E você," ele diz apontando para Cindy. "Chame o pessoal da limpeza, e então pode ir para casa pelo resto do dia."

"Mas senhor, nós ainda temos..."

"Já chega! Eu já lhe dei instruções, Cindy. Você está dispensada." Cindy me lança um olhar mortal, mas apenas sorrio. Deixando a camisa de Bray cair no chão, caminho até sua escrivaninha e me jogo na cadeira. Coloco os pés no vidro, mas não antes de derrubar o mouse do computador com o pé.

Cindy sai da sala ofendida. Os caras da segurança apenas encaram meus peitos.

"Estão gostando do que estão vendo meninos? Acontece que estou mesmo procurando—"

"*Fora!*" Grita Bray, dando a todos um pequeno susto. Consigo enxergar a tensão nas veias de seu pescoço. Bray não é tão gigante quanto Hulk um e Hulk dois – ele é mais magro, com ombros largos e cintura estreita – mas esses caras parecem intimidados por ele. É difícil ver seu corpo todo, já que ele continua vestindo sua camiseta de baixo branca e apertada. Mas consigo ver bem seus contornos. A camisa se agarra ao corpo como uma segunda pele e sinto um pouco de baba no meu lábio.

"Jesus! Você não tem modos, Sr. Baunilha? Poderia pedir com gentileza e eu sairia – talvez," digo, mas não faço nenhum movimento para me levantar. Não vou embora. Ainda não terminei com ele. Ele ainda me deve um emprego e estou

começando a pensar que está com ciúmes. Por que não deixar a segurança me levar? Isso é algo que posso usar.

“Você não. Mantenha sua bunda nesta cadeira.” Oh que merda. Não tem mais graça sentar na sua cadeira se ele quer que eu fique sentada. Só sentei aqui para irritá-lo mais ainda.

"Vocês dois, quero-os fora. Nunca toquem nela. Entenderam?"

“Sim, senhor. Desculpe,” eles dizem em uníssono antes de darem a volta e saírem da sala. Não consigo evitar revirar meus olhos. O Sr. Spencer dá uma ordem e todo mundo obedece. Provavelmente foi assim que perdi meu emprego. Ele foi lá embaixo e disse que queria que eu fosse demitida e, bam, eu fui.

"Bem, agora olhe o que fez. Acabou de espantar mais dois clientes em potencial. Está me dando muito prejuízo hoje e está realmente começando a me encher o saco.”

“Está me dizendo que é uma prostituta, Rebecca?”

O uso do meu nome me deixa confusa. Ninguém, nunca, me chama de Rebecca. Eu odeio este nome.

“Bem, tempos difíceis exigem medidas desesperadas. Não que saiba qualquer coisa sobre isso, mas tenho certeza que não quero voltar ao abrigo. Meu irmão e eu temos que conseguir a grana do aluguel e ele está sem trabalho agora.” Lamento interiormente. Por que disse isso a ele? E por que estou envergonhada com isso? Eu não fico envergonhada.

Vejo simpatia cintilar em seus olhos.

“Não”, digo levantando a mão para pará-lo antes que aquilo se transforme numa festa de piedade. Claro que não ia dormir com aqueles homens, mas quando vi a emoção que ele demonstrou quando brinquei sobre isso, não pude me conter. Tive que cutucar o urso um pouquinho. “Não preciso de sua

pena. Sei como me virar sozinha e tem sido assim há anos. O que não preciso é de você conseguindo me fazer ser demitida. Eu gostava deste emprego.” Ok, isso é mentira. Eu odiava o emprego na cafeteria, mas é o trabalho mais legal que já tive.

“Eu não causei sua demissão.”

“Mentira,” retruco. Ele tem alguma coisa a ver com isso. “Mas o que vai fazer é arranjar outro emprego para mim, ou farei da sua vida um inferno. Como pode ver, tenho tempo para gastar nisso.” Ele tem que ter algo que eu possa fazer por aqui. Ele é dono da merda de um edifício inteiro, pelo amor de Deus. Sabe lá o que mais ele tem.

"Quantos anos tem?", ele pergunta.

"Vinte e três."

Ele me lança um olhar que me diz que sabe que estou mentindo. "Velha o suficiente", finalmente digo.

"Você realmente ia se prostituir?" Ele pergunta, abrindo caminho até mim. Fico chocada com a facilidade com que ele me levanta da cadeira e me coloca sentada em sua mesa, deslizando entre minhas pernas.

“Por quê? Está procurando alguém?”, pergunto. Por que ele precisaria de uma prostituta? Algumas meninas do abrigo fazem dinheiro fácil vendendo seus corpos. Nunca estive tão desesperada assim, mas entendo porque o fazem. Não as julgo por isso. Minha vida não foi tão dura quanto à vida de algumas das outras meninas. Eu tive sorte. Pode ser uma sorte de merda, mas ainda é sorte. Aposto que as mulheres se jogam nele, então, não entendo por que ele precisaria pagar por sexo. Quem quer que seja esta Chelsea, tenho certeza que ela pode ajudá-lo com isso. “Não. Honestamente, nunca me prostituí, mas talvez se o preço fosse o certo. Talvez se eu estivesse desesperada o suficiente.” Pausando, olho em seus olhos. Ele pressiona contra

mim e posso sentir que seu pau está duro. “Você fica duro ao pensar que poderia me comprar? Será que virgindade está em alta nestes dias? Talvez eu esteja no negócio, depois de tudo...”

CAPÍTULO DOIS

BRAY

Minhas mãos agarram a mesa, uma de cada lado das pernas de Rebecca e continuo entre elas, com meu pau grosso empurrando contra ela. Meu corpo está tremendo com esse toque e não vou durar muito tempo. Nunca estive tão perto do corpo de uma mulher antes.

Suas palavras finalmente penetram minha mente e entendo que ela não só é virgem, como está disposta a se entregar pelo preço certo.

“Está falando sério quando diz que poderia se vender para mim?” Pergunto enojado comigo mesmo por realmente levar em consideração a oferta dela. Eu imagino como seria entrar nela e torná-la minha. Não sei de onde esses pensamentos vem. Nunca senti nada assim antes. Sempre consegui suprimir todos os desejos que já tive. Ela é diferente e não entende que está me provocando.

“Olha só, Baunilha”, ela me tira dos pensamentos. “Hoje você me fez perder meu emprego e meu aluguel não se paga sozinho. Do jeito que vejo isso, aquele seu cara grandão lá de baixo está bem interessado em fazer um acordo. Então, que tal se a gente falasse em números? Quer me fazer uma oferta?”

Antes de perder a calma completamente, solto a escrivadinha e dou um passo para trás. Preciso de alguma distância dela. O pensamento de entrar nela ainda brinca em minha mente e seu cheiro doce não está ajudando. “Vou dizer isso claramente, e pela segunda vez. Rebecca, eu não fiz você perder seu emprego.”

“Mentiroso,” diz ela inclinando-se para trás, sobre a mesa, com as mãos apoiadas no vidro. Ela está manchando minha mesa imaculada e fazendo uma bagunça danada nas minhas coisas. Ela destruiu meu escritório e deixou minha agenda de hoje completamente de cabeça para baixo.

Chegar à posição em que estou hoje requer um rigoroso controle e agendamento. Acontece que sou um cara que fica ansioso quando minha agenda não está sendo cumprida, mesmo que por um momento. Sofro de ataques de pânico quando sinto que uma situação está além do meu controle, mas surpreendentemente, agora, nenhuma dessas emoções está se apresentando. Neste momento, só sinto o desejo furioso, que é tão desconhecido para mim como minha situação atual.

“Você não vai me chamar de mentiroso, Rebecca.” Estou respirando com dificuldade, mas agora que não estou a tocando, posso tentar ajeitar essa bagunça. Talvez parte do sangue que flui para meu pênis retorne ao cérebro. Posso fazer isso. Basta dar um passo de cada vez.

“Primeiro, precisa colocar minha camisa.” Digo, e me abaixo para pegá-la do chão. Aproximo-me dela novamente, mas tenho o cuidado de não tocar quando ela tira a camisa de mim. Depois que está em sua mão, dou um passo para trás para poder me distanciar de sua atração.

“Novidade, Baunilha: não vou colocar essa camisa. Você pode superar isso ou morrer chateado. Não vai rolar. Agora vamos falar sobre o fato de você ter conseguido minha demissão.”

“Certo. Já que insiste em não vestir nada, teremos essa discussão como um adulto falando com uma criança.” Isso parece irônico, porque sem uma camisa ela não se parece em nada com uma criança. Há exuberância e curvas em todos os lugares certos.

“Oba! Vamos brincar de papai/filhinha! Agora sim estamos falando a mesma língua.”

Cerro meus punhos na lateral do corpo, tentando manter o controle. Quem ela pensa que é? Ninguém fala comigo deste jeito. Encaro a menina por um segundo e tudo o que consigo pensar é em como seus lábios rosa, carnudos, podem parecer tão saborosos e beijáveis e no quanto gostaria de contorná-los com minha língua.

Sacudo a cabeça para clarear os pensamentos. “Rebecca.”

“Se vai continuar me chamando pelo meu nome, me chame de Becs. Não Rebecca.”

“Rebecca, por favor, não me interrompa.”

Ela revira os olhos para mim, levanta da minha mesa e joga minha camisa no chão. Eu deveria estar mais aborrecido pelo fato de uma camisa feita sob medida, que custou mais de mil dólares ser tratada como se fosse lixo. Mas usaria esta camisa para esfregar o chão se com isso pudesse provar um gostinho daqueles lábios.

Sacudo a cabeça outra vez para remover estes pensamentos desconhecidos e malucos da mente. Parece que não consigo me concentrar. O que há de errado?

“Beleza. Você me chama de Becs e eu te chamo de Bray. Combinado?”

“Rebecca,” digo novamente, ignorando o pedido dela. Becs parece coisa que um amigo a chamaria e minhas intenções não

são nada amigáveis quando penso nela. “Se puder, por favor, parar de me interromper, poderei te explicar que não pedi sua demissão. Hoje de manhã bati um papo com seu chefe a respeito de seu desempenho no trabalho. Nas últimas semanas, toda vez que tentei conversar com você no trabalho, esteve fria e distante, até mesmo rude. Estava preocupado que houvesse algum problema em sua casa. Apenas falei com ele para deixar as coisas esclarecidas. Nunca disse que era problema ou que deveria ser despedida. Eu simplesmente comentei que havia observado uma mudança na sua atitude no trabalho e perguntei se havia qualquer motivo pessoal para este comportamento.”

Ela me dá um olhar cético e aguardo pelo julgamento. Realmente estive preocupado com ela, que parecia distante e já não tinha mais aquele sorriso doce. Eu só queria os sorrisos de volta. Sabia que os sorrisos seriam tudo que conseguiria dela e quando eles sumiram, doeu mais do que eu imaginei.

“Por que deveria acreditar nisso? No momento em que dei as caras hoje, minha bunda foi chutada. Explique-me o motivo.”

“Eu não sei. Mas se ficar feliz, pode ficar aqui sentada enquanto dou um telefonema e faço com que seja readmitida. Estava apenas tentando ajudar e não queria que nada disso acontecesse.”

Deveria ter sido mais cauteloso ao fazer perguntas a respeito dela. Todo mundo está sempre tão empenhado em me agradar que tenho certeza que o gerente achou que demiti-la era o que eu queria. Jamais teria feito perguntas do jeito que fiz se pudesse imaginar que isso custaria o emprego a ela.

“Por que estaria interessado em saber do meu bem estar? Para mim, deixou bem claro que não me encaixo aqui.” Ela joga a última frase como uma acusação, mas não sei o que ela quer dizer com isso.

Sou excelente em algumas coisas e ler pessoas é uma delas. Olho para o rosto dela e vejo as emoções em seus olhos. Ela parece vulnerável e mesmo assim, forte. Vejo que quer acreditar em mim, mas que tem medo. Sua linguagem corporal demonstra que ela está confiante, mas seus dedos nervosos acabam por traí-la.

“O que quer dizer com deixei claro que não se encaixa aqui? Quando fiz isso?” Tento me lembrar de ter dito qualquer coisa assim dela... De repente me lembro. “Ai, Deus, não.” Sussurro.

“Pois é. Eu ouvi aquela conversinha. Nada demais, Baunilha. Foi bom para saber onde estava pisando.”

“Eu não queria que tivesse ouvido aquilo. Não é verdade. A mulher que estava comigo naquele dia é a ex-esposa do meu sócio. Ela havia agendado uma reunião para revisar os documentos finais e acredite, se ela percebesse qualquer interesse meu por você, ela teria transformado sua vida num inferno.”

Ela me lança um olhar cético, mas percebo esperança em seus olhos.

“Você não se encaixa em lugar algum.” Digo e vejo a derrota cruzar seu rosto. Não entendo porque isso a deixa chateada. Ela é única. Seus olhos são lindos e enormes e a cor é quase roxa. Seu cabelo loiro curtinho tem mechas cor roxas e rosa. Ela se parece com uma Tinkerbell¹ punk-rock. Nunca vi ninguém tão diferentemente linda e que me deixasse assim, sem fôlego.

¹ Sininho – fada do Peter Pan

“Eu sinto muito. Não queria que ouvisse aquilo. Mas aquela mulher é um demônio e não precisava que ela soubesse o quanto você é importante para mim.”

Com esta confissão, um pequeno sorriso começa a brincar no canto de sua boca. Eu poderia chutar minha própria bunda por admitir isto em voz alta.

Quero consertar a situação. Quero voltar a receber os sorrisos doces quando pego meu café no lobby. Então começo a fazer um checklist mental de como resolver este problema.

“Quer seu emprego de volta? Posso resolver este problema com apenas um telefonema, mas parece que prefere fazer uma cena e oferecer seu corpo ao invés disso.” Meu pau remexe com a lembrança de que podia ter ficado e me apossado dela.

Com um salto ela desce da mesa e se aproxima de mim. “Não sei como poderia voltar a trabalhar para aquele bundão depois dele ter me oferecido uma graninha em troca de um boquete.”

Instantaneamente a raiva corre pelas minhas veias e dou um passo à frente, deixando poucos centímetros entre nós. A emoção que ela é capaz de provocar em mim, em poucos segundos é perturbadora e emocionante ao mesmo tempo. Passei a vida inteira tentando não sentir nada por ninguém. Posso sentir o calor que vem do corpo dela e não consigo saber o que é mais forte: minha raiva ou o desejo. “O que foi que ele disse?”

“Não precisa começar a fazer rolinhos com suas notas de cem, Baunilha. Eu não aceitei a oferta. Só não tenho certeza de que quero saber qual vai ser a próxima para que volte a trabalhar lá. Por que não pensa em algum outro posto para mim?”

Mentalmente, acrescento demitir o gerente da cafeteria à minha lista de tarefas do dia. Ele terá sorte se demiti-lo for tudo o que fizer.

“Preciso de alguém para limpar minha casa.” Deixo escapar e não sei o que dá na minha cabeça para dizer uma coisa destas. Primeiro: eu limpo minha própria casa porque sou obsessivo e gosto das coisas de certa maneira. Segundo: não gosto de pessoas em minha casa. Apenas poucas pessoas sabem onde moro. O pensamento de estranhos no meu espaço faz meu estômago revirar, mas apenas sugeri isso a ela livremente.

“Ah,” ela diz e recomeça a andar pelo meu escritório outra vez. Deveria estar preocupado com os itens que ela quebrou, mas quando ela está perto de mim, nada mais no mundo interessa.

“Sim. Também preciso de alguém para cozinhar.” O que estou fazendo? Minha comida é outra questão de controle para mim, e deixar que ela assuma isso vai me deixar louco de ansiedade. Não gosto de sair para restaurantes porque os problemas potenciais me apavoram. Não consigo lidar com o estresse que vem junto. No entanto, aqui estou: pedindo que ela cozinhe para mim. É como se meu cérebro e minha boca não conseguissem entender um ao outro.

“Então, iria para sua casa limpar e cozinhar? É isso? Quanto?” Ela pergunta, me olhando com desconfiança. Como deveria. Se ela soubesse os pensamentos que tenho com ela desde que a vi na cafeteria, iria embora correndo. No começo, até fiquei feliz quando ela parou de falar comigo e começou com a rispidez. Bom. Ela precisa de espaço e isso era o melhor que podia acontecer. Mas no segundo dia eu já estava estranhando. Precisava de seus sorrisos de volta. Ansiava por eles. Quem anseia por um sorriso? Somente alguém que poderia ficar obcecado. Alguém que sabe o que a obsessão pode fazer a uma pessoa.

Mentalmente tento calcular quanto ela devia receber antes. Depois deixo de lado. Qual o valor dela para mim? Essa é uma pergunta que não sou capaz de responder. Tenho que pensar sobre o que posso oferecer razoavelmente sem parecer um idiota jogando dinheiro na cara dela. Não quero que ela recuse a proposta.

“Mil dólares por semana.”

“Por semana?” Ela grita, e imediatamente lamento não ter oferecido mais. Apressadamente, reviso minha oferta para que ela não possa recusar.

“Ouvi que tem um irmão que mora com você num motel. Este acordo também inclui o pagamento da conta do motel. No entanto, vou precisar que fique na minha casa a maior parte do tempo, de forma que possa garantir que todo trabalho que precise seja feito e concluído. Trabalho em horários estranhos, por isso ter você à minha disposição é crucial.”

Tento me convencer que preciso dela por perto. A ideia de que ela fique num motel de pagamento semanal, me irrita. Se soubesse antes que era assim que ela estava vivendo, já teria feito algo mais cedo. Mas ela é tão bonita e perfeita. Presumi que a garota pertencesse a alguém. Que alguém a mantinha a salvo de homens como eu.

Eu a vejo caminhar pela sala enquanto estou lhe digo todas estas coisas, torcendo que não enxergue dentro de mim. Não sei o que há de errado comigo. Num segundo estou dizendo a mim mesmo para afastá-la e no segundo seguinte, para que eu a traga para perto. Acabei de dizer que ela vai dormir na minha casa. Ninguém nunca dorme lá, exceto eu. O que estou pensando? *Você está pensando que ela é sua*, ouço o sussurro na minha cabeça. Não, não minha. Apenas vou mantê-la segura. Não vou tocá-la. Vou mantê-la à distância, mas ainda poderei vê-la. Talvez recuperar aqueles sorrisos.

Ela para de dar voltas na sala e me encara nos olhos. “Fechado.” Ela diz e volta para minha mesa. Um sentimento de vitória me atravessa. Ela fica do outro lado e cruza os braços. Isso faz seus seios ficarem empinados e meu olhar vai direto para seu decote.

“Mas este valor não inclui a perseguida. Entendeu?” Ela diz, e ergue uma sobrancelha.

Acho que ela está falando de suas partes íntimas. “Concordo”, digo, torcendo para que seja isso que ela está falando. Não vou tocá-la, então isso não faz parte do negócio. Só preciso vê-la. Vou mantê-la por perto.

“Quando começo?”

“Hoje,” digo rapidamente e mentalmente começo a reorganizar minha lista de tarefas. Quanto mais cedo melhor, diz a voz na minha cabeça. “Agora mesmo, na verdade.”

“Ok,” ela diz e olha para mim com desconfiança. “Encontro você lá. Anote seu endereço e estarei lá.”

“Vou te enviar por sms. Qual seu telefone?” Pergunto, pegando meu celular.

“Não tenho telefone. Apenas anote num papel e vou encontrar o local.”

Acrescento a compra de um celular para ela à minha lista. Será um bom jeito de manter o controle sobre ela. Sempre saberei onde está.

“Vou pedir ao meu motorista para levá-la. Eu insisto,” digo, anotando meu endereço de qualquer maneira. Não sei por que, mas realmente quero que ela fique com ele.

“Não. Preciso ir para casa pegar algumas coisas primeiro. Tipo, uma camisa?” Diz ela e olha o sutiã.

“Posso pedir pra alguém pegar suas coisas e dar notícias ao seu irmão sobre o novo arranjo que fizemos.” Olho seu decote outra vez e sei que não tenho como deixá-la andar pelo prédio deste jeito. Também não quero arriscar: vai que ela mude de ideia. Agora que já concordou, não tem como voltar atrás.

“Opa, espera aí. Posso pegar minhas coisas amanhã, se isso for um problema.”

“Ok,” concordo hesitando. Acho que preciso fazer algumas concessões. “Enquanto isso, por favor, vista minha camisa para não ter que andar por aí só com sua roupa íntima.” Estou usando todo meu autocontrole para não segurá-la e vestir a força a camisa nela eu mesmo. Não quero que ninguém mais a veja deste jeito. Sinto minha mandíbula apertar ao pensar que ela subiu até meu escritório praticamente sem roupa.

“Tudo bem. Mas não ganhou esta rodada. Só estou permitindo isso por que... Bem. Por que.”

Luto contra o sorriso espreitando os lábios e recolho a camisa do chão pela segunda vez. Aproximo-me e ela vira as costas para mim enquanto a ajudo se vestir. Quando seus braços estão dentro das mangas, ela se vira e trava os olhos nos meus enquanto abotoa a camisa lentamente.

Meu pau continua duro, mas agora posso sentir meus batimentos cardíacos dentro das minhas calças. Meu rosto aquece e começo a me contorcer outra vez enquanto ela fecha botão por botão. É como se pudesse ler minha mente quando sua pequena língua sai da boca para lambar todo o lábio inferior, deixando ali um rastro de umidade. Olho para seu gloss cor de rosa e sei que se a beijasse, todo o meu rosto acabaria coberto de brilhos.

“Pó mágico,” sussurro e ela inclina sua cabeça de lado.

“O que disse?”

Quebro o encanto e dou um passo para trás, percebendo que acabei falando em voz alta. “Não foi nada. Devemos ir agora. Tenho um itinerário a cumprir.” Digo e saio do escritório. Preciso encontrar onde foi parar o ar deste edifício. Aparentemente não sobrou nenhum na minha sala.

* * * * *

“Então, você é tipo o Patrick Bateman, né?”

“Quem?”, pergunto enquanto acompanho Rebecca.

“Cara! Psicopata Americano? Olááá... Super arrumado, louco, assassino corporativo. Só estou perguntando por que realmente não quero acabar numa escada, sendo perseguida com uma motosserra ou qualquer coisa quando insultar seu cartão de visita.”

Não tenho a menor ideia do que ela está falando, então simplesmente continuo com o tour.

Rebecca anda em silêncio, ao meu lado na parte de trás do carro. Acho que ela está tão nervosa quanto eu. Provavelmente não ajuda muito eu telefonar ao gerente da cafeteria e demiti-lo por assédio sexual. Tenho certeza que ela ficou feliz por ele ter dançado, mas me pareceu estar desconfortável por estar presente quando isso acontece. Ela tem sorte que senti um desejo irresistível de acompanhá-la até minha casa. Do contrário, teria ido pessoalmente à cafeteria fazer uma visitinha ao indivíduo.

Como sempre, ao chegarmos ao meu prédio, Hank abre a porta e então volta para dentro do carro. Ele sabe que quase ninguém é bem vindo à minha casa. Assim, acredito que qualquer pergunta que ele esteja se fazendo sobre a presença de Rebecca aqui, é esperto suficiente para manter para si.

Digo 'olá' a Claude, o porteiro do dia e encarregado geral da portaria do prédio. Há outros quatro porteiros que trabalham aqui, mas Claude é o único com quem tenho qualquer contato. Não é nada comum para ele me ver duas vezes no mesmo dia. Normalmente está aqui às cinco horas da manhã quando saio para o trabalho, mas é o porteiro da noite que geralmente me recebe em casa. Claude trabalha como porteiro há décadas e lida com qualquer coisa fora do comum como se fosse parte do cotidiano. Ele cumprimenta Rebecca e eu com cortesia, como se aquilo fosse uma ocorrência cotidiana e não algo fora do normal. Adiciono uma nota mental para lhe enviar um e-mail e conceder a Rebecca acesso total ao prédio. Também reforço o lembrete de dar-lhe um bônus de Natal a mais este ano. Profissionalismo é tudo para mim.

Assim que Rebecca e eu estamos dentro da cobertura, lhe mostro o ambiente. Quando saio do elevador, há um foyer com duas grandes portas duplas. Dou a Rebecca minha chave reserva e a aviso para que mantenha as portas trancadas. Em caso de emergência, Claude tem uma chave que pode ser usada. Além de Hank, Rebecca é a única pessoa que pode entrar em minha casa. As pessoas podem sair do elevador e chegar até as portas de entrada, mas o acesso ao interior é limitado.

Acompanho Rebecca pelas portas e mostro a ela o ambiente amplo. O grande espaço é cercado por janelas com vista para a cidade. Eu amo este espaço e isso é bom, já que qualquer momento em que não estou trabalhando é gasto aqui. Mas, por algum motivo, quero que ela também goste do ambiente. Quero sua aprovação.

Ao terminar de lhe mostrar a cozinha, a sala de jantar e a sala de ginástica, é hora de apresentar os quartos. Sinto apreensão quanto a isso, pois sei que vou sentir tesão com o fato de tê-la no meu espaço. Ninguém além de mim já esteve no meu quarto, então vou me preparando para o inevitável ataque de pânico.

“Então, esta é a toca do dragão?” pergunta ela quando abro a porta da suíte máster.

“Sim, é aqui que durmo,” e me preparo para a ansiedade.

Rebecca me empurra e caminha até minha cama. A suíte máster é bem grande, com a cama no meio do quarto. Queria poder ficar voltado para a cidade quando estivesse dormindo e foi o único jeito de controlar isso. Ela faz um círculo completo em torno da cama e, em seguida, eventualmente senta-se na borda do colchão. Ela parece estar confortável nos meus domínios. Como se este fosse seu lugar. Sinto meu peito aquecer e quase quero começar a rir. Eu peguei uma fada!

“Por que este sorriso?” ela pergunta e cruza as pernas.

“Estou apenas me perguntado se foi assim que Peter Pan se sentiu,” murmuro.

“Como?”

“Nada, não. Nós deveríamos...”

Ding dong.

Mentalmente reviso minha agenda e percebo que deve ser Cindy chegando para o evento que terei esta noite. Merda! Como fui esquecer isso?

“Esperando companhia?” Pergunta Rebecca e posso ver que ela está confusa.

“Meu dia ficou meio enrolado depois de eu ter sido interrompido. Acabei me esquecendo de um compromisso de trabalho que tenho esta noite,” digo e me afasto para sair.

Antes de ir até as portas de entrada, observo Rebecca sentada em minha cama e percebo que não tive sequer um segundo de pânico. Isto é novidade para mim e não sei exatamente como devo interpretar o que está acontecendo.

“Fique aqui, ok? Vou dar um jeito nisso e já volto.”

Faço meu caminho pela cobertura e abro as portas. Cindy está ali parada, usando um vestido preto. Ela sempre é a cartada segura para um jantar de negócios. Não fala muito e sabe qual o garfo certo a se usar. Eu me pergunto como seria se eu levasse Rebecca comigo. Afasto o pensamento enquanto permito que Cindy entre na sala de estar. Esqueci, com todo o caos do dia, que agendei um jantar com um investidor em potencial. Convidei Cindy para me acompanhar, já que o cliente levará sua esposa.

“Você está adiantada.”

“Sei o quanto se importa com pontualidade. Tentei lembrá-lo mais cedo, quando fui dispensada pelo resto do dia, mas assumi que o jantar continuaria de pé. Nossa reserva é para as quatro e trinta. Então queria ter certeza que teríamos tempo para uma preparação antes da reunião”.

“Jesus. Pensei ter escutado um gato morrendo.”

Viro a tempo de ver Rebecca entrando na sala tapando os ouvidos com os dedos. Nunca percebi o quanto a voz de Cindy é irritante, até Rebecca mencionar isso.

“Rebecca, lembra de minha assistente, Cindy?”

“O que *ela* está fazendo aqui?” Cindy acusa, e viro-me devido ao seu tom.

"Ela é uma convidada em minha casa e se não pode demonstrar respeito, a porta está exatamente atrás de você", digo friamente. Sei que Cindy pode ser um pouco metida e esnobe às vezes, mas nunca observei isso direcionado a alguém antes.

"Estarei no quarto, caso precise de mim," diz Rebecca ao caminhar para longe, nos deixando sozinhos.

"Nós ainda vamos jantar?"

"É claro. Só preciso trocar de roupa. Por favor, sente-se no sofá e estarei pronto em poucos minutos."

Parece que todos estão testando minha paciência hoje. Vou surtar daqui a pouco. Posso sentir.

Entro no quarto e vejo Rebecca deitada atravessada sobre a cama. Paro e me viro para fechar a porta atrás de mim. Seja qual for a razão, isso parece íntimo. Cindy precisa deixar o prédio. Ninguém deveria testemunhar isso acontecendo comigo.

Rebecca olha para mim e então se espreguiça sobre as cobertas como se fosse um gatinho, bagunçando completamente a cama bem feita.

"Se importa se eu tomar um banho antes de ir para a cama? Este dia tem sido longo e vejo que já tem planos para esta noite." Ela diz, mas juro que percebo um pouco de raiva. Ela está chateada por eu deixá-la sozinha esta noite? Eu poderia cancelar, mas este investidor em potencial é grande e quero fechar o negócio.

Mais cedo mostrei a Rebecca o quarto de visitas que tem um banheiro anexo. Mas nunca deixei bem claro que aquele seria o quarto dela. Acho que bem no fundo da minha mente, eu queria mesmo ver o que ela faria com os arranjos para dormir.

"Sim. Não tem problema. Faça de conta que está em casa," digo nervoso. Não sei qual será seu próximo passo e estou

apavorado. Se continuar de pé por muito mais tempo, não serei capaz de me controlar. Acho que vou acabar estendendo a mão e a tocando.

Vou para o closet e puxo um terno. Tento alcançar a porta do closet para fechá-la de forma que possa me trocar, mas Rebecca entra. Ela começa a tirar minha camisa, bem como suas calças. Por baixo ela está vestindo uma tanga pink que mal cobre suas partes íntimas e preciso agarrar o cabide do terno que estou segurando para poder conter minhas mãos. Minha atenção se concentra no meio de suas pernas até que ela estala os dedos e pisco.

“O que?” Pergunto, sem ter ouvido qualquer frase que ela acabou de proferir.

“Disse que preciso de alguma coisa pra vestir depois do banho.” Ela apoia a mão no quadril e pisco, sacudindo a cabeça e tentando descobrir como resolver seu problema.

“Sim. Uma camiseta. Acho que tenho aqui.”

“Você acha?” ela diz e dá uma boa olhada no meu closet. Ele tem quase o tamanho de um quarto e tudo está perfeitamente organizado com camisas, jeans, ternos e qualquer outra coisa que possa imaginar.

Dou alguns passos, pego uma camiseta branca e estendo-a para ela. Tento não encarar seu corpo ao fazer isso, então continuo desviando os olhos.

“Obrigada, Baunilha,” diz ela piscando para mim. Ela está me provocando com seu corpo e sabe disso. Sinto suor brotando em minha testa e ela se vira para sair.

“Deus Todo-Poderoso,” digo enquanto a vejo ir embora. Rebecca tem uma bunda de jogadora de vôlei brasileira. Grande, exuberante e com ginga. Como foi que não percebi isso antes?

Acho que aquelas suas calças de trabalho pretas e retas não a favoreciam de jeito nenhum.

Boto minha mão sobre o peito, tentando controlar as batidas do meu coração. Não sei se vou sobreviver a isso.

Fecho a porta do closet, pego uma cadeira da penteadeira e uso para calçar a porta fechada. Não posso arriscar que ela entre aqui enquanto estiver me trocando. Não sei o que farei.

Tiro minhas roupas e olho para baixo, para minha cueca preta, um pouco envergonhado. Tenho manchas brancas de pré-goço por toda a frente, de hoje mais cedo. Pareço um adolescente de quinze anos que acaba de acordar de um sonho molhado. Tiro a cueca e meu pau balança para cima e pra baixo dolorosamente. Ele aponta para cima e acabo não conseguindo evitar: acaricio-o algumas vezes para tentar aliviar a dor. Ela está do outro lado da porta, provavelmente se preparando para um banho, e me pergunto se poderia ir e espiar rapinho. Só dar uma olhada?

Contra meu melhor julgamento, e contra tudo dentro de mim, tiro a cadeira da porta. Silenciosamente abro a porta, apenas meio centímetro e espio para fora.

Paro de respirar quando vejo Rebecca curvada sobre a banheira. Ela está se abaixando para testar a temperatura da água e sua bunda está em plena exibição. Posso ver o fio-dental pink espreitando entre suas nádegas e começo a me tocar.

Estou tão envergonhado, mas só estou olhando. Ela já estava andando nestes trajes mais cedo, então não estou fazendo nada errado, certo?

Continuo a me acariciar e me concentro naquele pequeno fio rosa e em como seria se ela o puxasse de lado. Será que ela teria que segurar suas bochechas afastadas para que eu pudesse ver seus buracos? Será que eles seriam belos e rosados como seus lábios? Gostaria de saber que gosto ela tem. Será que ela

me deixaria colocar a boca ali? Nunca fiz nada sexual, mas acho que daria conta. Faria qualquer coisa que ela deixasse, e faria ser muito gostoso para ela.

Aperto meu pau com tanta força que fico surpreso quando de repente estou gozando. Sinto os jatos saindo de meu membro e escorrendo por minhas mãos. “Meu Deus,” sussurro enquanto meu esperma cai por toda parte. Não é o que tinha planejado, mas Deus, como é gostoso. Olho para cima e vejo Rebecca se virar. Antes que possa ver sua reação, bato a porta do closet e coloco a cadeira de volta.

“Perfeito,” digo a mim mesmo e olho a bagunça que aprontei. Pego minha cueca e começo a me limpar, com a vergonha tomando conta de mim. Termino de me vestir numa pressa embaraçosa e tento colocar meu pau ainda duro dentro da cueca limpa. “O que há de errado comigo?”

Ao sair do closet, a porta do banheiro está aberta, mas não olho lá para dentro.

“Vou comparecer a um jantar esta noite,” digo em voz alta.

“Sim, estou lembrada. Estava lá há dez minutos.”

Ouçoo uma risadinha na voz dela e fico mortificado.

“Estarei de volta em quatro horas.”

“Isso é muito preciso.”

“Gosto de me manter dentro de uma agenda. Sinta-se em casa. Amanhã podemos repassar suas tarefas. Hoje à noite, relaxe. Você deve encontrar tudo que precisar por aí. Se faltar algo, por favor, interfone lá para baixo, fale com Claude e ele vai me avisar.”

“Divirta-se esta noite. Espero que esteja levando tampões de ouvido.”

Dou um pequeno sorriso com sua piada e saio do quarto. Quando entro na sala de estar, vejo Cindy parada e pronta para ir.

“Vamos?” Ela pergunta com um pouco de aborrecimento na voz. Acho que ela não está acostumada a esperar.

“Vamos fazer isso rapidamente. Preciso voltar logo que acabar.” Quem sabe o que aquela mulher na minha banheira vai fazer enquanto estou longe.

CAPÍTULO TRÊS

BECS

Putá merda! Acho que poderia dar umas braçadas nesta banheira se quisesse. Creio que nunca estive numa tão grande assim. Abaixando, deixo a água morna me cobrir completamente. Se eu tivesse conseguido fazer com que ele aceitasse a oferta da minha virgindade, agora poderia estar fazendo a cena do filme *Uma Linda Mulher*. Não consigo acreditar que recusou. Outros já me ofereceram grana em troca de sexo antes. Os caras veem você ir e vir para o abrigo ou para um motel de merda e já tiram conclusões. Por que me sinto tão desapontada com a recusa dele? Eu realmente teria feito?

Olhando para mim mesma, sei que não tenho a beleza do tipo top model. Sou baixinha e cheia de curvas. Meus quadris são largos e meus seios são fartos, dão mais do que uma mão cheia. Talvez não faça o tipo dele. Seu mundo é ordem e perfeição, sou um caos e anarquia.

Eu deveria estar feliz. Aterrissei num emprego que paga bem e vou acabar vendo a bunda do Sr. Baunilha muitas vezes mais, além de ter um lugar sólido para ficar por um tempo. Mas por algum motivo me sinto irritada comigo mesma.

Cindy. Só de pensar em seu nome já tenho que revirar os olhos. Ela é tão... Fodidamente perfeita. Encaixa-se perfeitamente na ordem e perfeição dele. Por que me importo

tanto com isso? Ah sim... Porque ela está num encontro com meu Sr. Baunilha. Meu? Foda-se! Sim, como se tivesse qualquer chance com ele. Ele me acha estranha, o que não é tão errado assim. Claramente nunca poderei me encaixar no mundo dele.

Reclinando-me na banheira, rapidamente enxáguo meu cabelo e lavo o corpo. Pego um par de toalhas brancas e macias e enrolo uma em volta do meu corpo e uso a outra para secar meus cabelos. Ao terminar, deixo-a cair no chão.

O banheiro é completamente branco e maior que o quarto inteiro do motel barato onde estou dormindo. Não há sequer um pingo de cor em qualquer lugar aqui. Exceto por mim. A água da banheira tem alguns restos de roxo e rosa do meu cabelo tingido. A toalha no chão também ficou um pouco colorida. Até mesmo o piso tem respingos das cores do meu cabelo, parecendo que um unicórnio mijou pelo chão. Por algum motivo, isso me faz sorrir. Provavelmente porque sei que isso vai incomodá-lo tanto quanto estou incomodada com o encontro dele com a Cindy. Quem sabe? Talvez nem seja um encontro.

Quem estou tentando enganar? Levando em conta o que ela vestia e o fato dele ter ido colocar um terno limpo, obviamente os dois vão a algum lugar agradável. Provavelmente um lugar tão interessante que não poderia conseguir um emprego servindo mesas lá.

Pego a camiseta que Sr. Baunilha me deu de cima do balcão da pia e me enfio nela. A camiseta se encaixa em meus quadris e cai até o meio das coxas, o que me lembra do quão alto ele é. Seu corpo é esguio e tem um físico de corredor, não de levantador de pesos.

Aposto que a camiseta ficaria folgada na pequena Srta. Cindy, mas aposto também que ela passa fome a semana inteira. Este pensamento me lembra de que não comi o dia todo. No caminho para cozinha, não consigo deixar de observar o quão

suave é tudo aqui. A cobertura é linda, com suas janelas que permitem a entrada da iluminação da rua. Mas tudo parece sem emoção. Vou até uma das janelas e pressiono minha testa no vidro frio. Olho para fora. Estamos no andar mais alto do prédio e é difícil distinguir qualquer coisa lá embaixo. Sinto meus dedos coçando. Daria qualquer coisa para ter um pincel agora. Faz muito tempo.

Sacudindo minha cabeça com a ideia tola de pintar, vou até a cozinha. Provavelmente deveria ligar para o meu irmão antes que ele enlouqueça. Ainda está cedo, mas não quero esquecer. Pego o telefone na bancada e disco o número do celular dele.

Chama duas vezes e então vai para caixa postal. Acabei de receber o famoso “foda-se, ignorar chamada”, o que não me surpreende. Sam nunca atende qualquer chamada de números desconhecidos. Gostaria de ainda ter um celular, assim poderei simplesmente lhe enviar uma mensagem de texto. Acho que vou deixar uma mensagem de voz mesmo.

“Sam, é Becs. Só queria te avisar que não estarei em casa hoje à noite. Consegui um belo trabalho, que já vem com cama e mesa inclusos e ainda paga muito mais. Assim vou poder ajudar com o aluguel. Passo aí por volta das dez da manhã para te dar os detalhes. Eu te amo e não precisa se preocupar. Vejo-te amanhã e vou levar o café. Cuide-se.” Digo antes de desligar. Eu gostaria de ter deixado para ele um número de telefone, mas talvez ele ligue de volta usando o número que vai aparecer no identificador de chamadas.

Odeio não estar lá para me certificar que ele vai voltar para casa. Se ele acabar na cadeia outra vez, não tenho como lhe dar uma força novamente. Pior, ele poderia acabar num hospital. Amo meu irmão e apesar de não termos laços de sangue, ele continua sendo meu irmão. É assim há anos. Desde que eu tinha

dez anos de idade e ele deu uma surra no nosso pai de criação que estava se esgueirando para dentro do meu quarto numa noite. Sam não saiu ileso. Ele passou uma noite no hospital e quebrou três dedos. No dia seguinte, fomos transferidos para novas casas. Felizmente acabamos na mesma. Depois disso sempre demos um jeito de ficarmos nas mesmas casas, até termos idade suficiente para sair sozinhos. Estivemos pulando de abrigo em abrigo e motéis aleatórios nos últimos meses.

Só estou fora há oito meses. De qualquer forma, na maior parte das casas adotivas é como viver na rua de qualquer jeito. Não tem tanta diferença assim. Só que nas casas adotivas sabe que terá um lugar para deitar a cabeça à noite. Nós somos apenas cheques de pagamento para a maioria deles. Mesmo quando tento ser perfeita, ainda assim ninguém se importava. Foi quando parei de me importar com o que as pessoas pensam a meu respeito. Meus pais não me quiseram e nenhuma família adotiva quis ficar comigo. Mas sempre tive Sam. Ele é a única constância desde os meus dez anos.

Ele tem se envolvido em coisas ruins ultimamente. Há certas pessoas que deve ficar longe, mas Sam não consegue fazer isso. Ele gosta de brincar com as pessoas erradas, o que me assusta demais. Nico é o pior. O jeito como Nico olha para mim me dá arrepios. Lembra os olhares que alguns pais adotivos davam. Sei que ele trafica e sabe lá o que mais, mas Sam simplesmente não consegue ficar longe. Toda vez que levanto a questão de que ele não deveria andar com Nico, Sam me corta. Tenho a impressão que meu irmão está fazendo uns trabalhos para Nico, depois que ele me deu o dinheiro para pagar a fiança de Sam. Sam me fez pegar a grana com ele e dizer que conseguir o dinheiro foi fácil é simplificar a questão. Nico praticamente jogou o dinheiro em mim. Desde então, Nico se comporta como se eu lhe devesse um favor. Tenho tentado devolver o valor para ele, mas ele não aceita. De vez em quando ele aparece

aleatoriamente nos lugares onde estou. Pelo menos agora ele não vai mais saber onde trabalho.

Alguns meses atrás levei uma surra tentando encontrar Sam em uma casa de drogas conhecida. Ouvi que ele estava lá. Não o via faz três dias, e fiquei tão preocupada que fui procurá-lo. Foi estúpido entrar sozinha, mas não tinha mais ninguém para ir comigo.

Acabei encurralada por dois rapazes e enquanto lutava com eles, levei boas pancadas. Por sorte os policiais apareceram e consegui me safar no meio da confusão. Quando finalmente consegui voltar ao abrigo onde estávamos ficando, Sam estava lá, ainda completamente chapado. Não sei como ele conseguiu chegar ao abrigo ou quem o deixou entrar. Normalmente, se aparece chapado, eles te colocam para correr.

Logo depois disso, consegui alugar o quarto no motel. Eu queria manter Sam limpo e longe dos abrigos. É muito fácil se envolver com as pessoas erradas naquele tipo de lugar. Acho que Sam continua enrolado. Algumas meninas me deram uma bronca danada por eu sempre ajudá-lo. Mas sinto como se devesse isso a ele. Por anos ele foi meu protetor e agora que posso, é a minha vez de lhe fazer um favor. Nem que seja só um quarto de motel barato.

Abro a geladeira e meu estômago revira com o conteúdo. Só têm vegetais, frutas e... Isso é leite de soja? Com certeza terei que dar um pulo no mercado se for ficar por aqui. Preciso de comida de verdade. Pego umas uvas e uma garrafa de água e continuo revirando as prateleiras.

Bingo. Encontro um livro de receitas, puxo-o para fora e folheio através das páginas, marcando o canto nas receitas que chamam minha atenção. Quando finalmente chego ao fim do livro, olho para cima e percebo que o sol se pôs. Não posso acreditar no tempo que passei com este livro. Nunca tive uma

cozinha só minha para cozinhar antes. Mal posso esperar para tentar algo amanhã com o Baunilha.

Pegando minha água e as uvas de cima do balcão, vou em direção ao meu quarto. No final do corredor não tenho certeza de para onde devo me dirigir. Ele não aceitou minha oferta para dormir com ele. Então, provavelmente ele me quer num dos quartos de hóspedes. Com isso em mente me direciono ao quarto dele. Deixo minha água e uvas na mesinha de cabeceira, jogo as cobertas de lado e subo em sua cama. Este quarto é tão chato quanto o resto da casa. Não tem nem mesmo uma TV aqui. Agora que penso nisso, não me lembro de ter visto uma TV em qualquer lugar... Quem é que não tem uma TV? Deitada, daqui tenho, pelo menos, a vista panorâmica da cidade lá embaixo. Isso também não é tão ruim.

As paredes são brancas e estão nuas. A porta do seu closet está aberta e posso ver seus ternos alinhados, ordenados por cor – cinza, azul e preto. Descendo da cama, entro em seu closet. Isso parece o closet mais chato do mundo inteiro e está me enlouquecendo. Um por um troco os ternos de lugar, bagunçando a ordem. Vamos ver amanhã cedo se ele vai curtir isso. Talvez eu espere acordada, fingindo estar dormindo, apenas para ver sua reação ao ver o banheiro, o closet e o fato de eu estar deitada em sua cama. Não sei por que estou testando minha sorte assim. Provavelmente ele vai me mandar embora. Mas hoje, no seu escritório quando o cutuquei e ele ficou agitado, me deleitei com a emoção que cruzou seu rosto. Quero fazer isso novamente.

Deitando na cama, os minutos passam e não consigo parar de pensar no que ele deve estar fazendo agora, com Cindy. Será que ele resolveu voltar para a casa dela para não ter que vir para cá e lidar comigo? Alguns pais adotivos escolhem apenas te ignorar. Por algum motivo, seu silêncio era muito pior do que os gritos de alguns outros.

Sinto-me como se estivesse numa nuvem. Abro os olhos e preciso de alguns minutos para me ajustar à iluminação do ambiente. O brilho do sol reflete nas paredes brancas fazendo tudo mais brilhante do que deveria ser. Sentando-me, dou uma olhada em volta. Onde está Baunilha? Talvez ele não tenha vindo para a casa. Este pensamento me causa um enjoo. Arrastando-me da cama mais confortável do mundo, dirijo-me ao banheiro para fazer o que preciso fazer. Não sou a mãe dele. Não posso ficar chateada por ele não ter voltado para casa ontem à noite.

Então percebo que a toalha que deixei jogada no chão se foi. Corro até o closet e abro a porta. Todos os ternos foram reordenados. Um sorriso cruza meu rosto. Não por ele ter colocado tudo de volta em seu devido lugar, mas porque isso significa que ele voltou para casa. Pergunto-me também se dormiu comigo. A ideia dele escorregando ao meu lado na cama manda uma onda de prazer por meu corpo. Tinha certeza de que eu seria acordada e que ele me mandaria mover minha bunda para outro quarto.

Procuro por ele no restante da cobertura, sem sorte, até que percebo um bilhete no balcão da cozinha. Próximo ao bilhete há algum dinheiro, um cartão de crédito e um celular. Passando meus dedos pelo telefone, vejo que a capinha dele tem a imagem de uma fada. Estranho. Abrindo os contatos, vejo que há dois telefones salvos ali: Celular do Bray e Escritório do Bray.

Apanho o bilhete e vejo sua caligrafia perfeita.

Esteja em casa por volta das 7. Deixei algum dinheiro para pagar o motel e um cartão de crédito para qualquer outra coisa que possa precisar.

Sua simplicidade me desaponta. Nenhum ‘me liga’ ou mesmo uma palavra sobre ontem à noite. Sua falta de reconhecimento me incomoda.

Pego a grana e conto quanto há ali. Jesus, ele deixou mil dólares. Volto a levantar o telefone e corro meu dedo sobre o número do celular de Bray. Quero lhe telefonar, mas não quero parecer carente, desesperada, ou qualquer outra coisa. Odeio como isso me faz sentir. Por que sou deste jeito com ele? Merda! Já são nove e meia. Vou me atrasar para o encontro com Sam.

Rapidamente coloco minhas calças de trabalho e sapatos e pego uma das camisas de Baunilha, enfiando dentro das calças. É tudo que tenho e vai ter que servir até eu chegar ao motel e pegar meus pertences.

Levo somente trinta minutos para atravessar a cidade de táxi, usando o dinheiro que Bray deixou. Peço ao motorista para me deixar no começo da rua, assim posso pegar uns donuts na cafeteria próxima. Quando finalmente chego ao quarto, fico desapontada. Sam não está aqui. Que droga! Tomara que ele tenha ouvido minha mensagem.

Deixando os donuts sobre a cama, tiro meu celular novo do bolso e ligo para ele. Vai direto para caixa postal. Merda, merda!

Vou até o banheiro e começo a empacotar minhas coisas. Acho que vou simplesmente deixar um bilhete. Então me ocorre que posso enviar uma mensagem de texto.

Eu: Sou eu, Becs. Tenho um telefone novo.

Sam: Desculpa, perdi sua ligação ontem à noite. Tentei ligar de volta, mas deu número inacessível.

Eu: Vai voltar para casa logo? Tenho muito para conversar.

Sam: Estou ocupado. Consegui um trampo.

Eu: Emprego?

Sam: Não se preocupe com isso.

Ah, mas que beleza! Exatamente o tipo de trabalho que não quero saber.

Eu: Liga para mim hoje à noite?

Sam: Sim, vou ao Palm hoje à noite. Você deveria dar uma passada. Estarei lá às 9h. Sinto falta da sua cara.

Eu: Vou trabalhar hoje à noite.

Sam: Ligo à noite ou te vejo mais tarde. Preciso ir.

Devolvo o telefone para o bolso. Ele não precisa ir ao Palm. Acho que a família do Nico é dona daquele lugar, ou algo assim. Ele já deixou a gente entrar escondido pelos fundos, pois não temos idade suficiente. Parei de frequentar o lugar, pois Nico só ficava me encarando. Eu costumava me divertir lá, dançando a noite toda, mas depois de um tempo ficou esquisito.

Agarro o restante das minhas tralhas, chamo um táxi antes de me dirigir à recepção e pagar adiantado pelas próximas duas semanas. Preciso ter certeza que não importa o que aconteça, Sam terá um lugar para ficar.

O resto do dia passa voando. Lotei a geladeira de Bray com todo tipo de comida. Posso ter me empolgado um pouco no mercado, mas estou tão animada para experimentar algumas das receitas que marquei na noite passada. Encontrei receitas suficientes para fazer o jantar dos próximos cinco dias.

Para hoje, decido fazer o frango crocante com bacon, caçarola de feijões verdes e macarrão com queijo caseiro. E pudim de pão para sobremesa. É uma refeição completa e confortável, e sei que isso é algo que preciso no momento. Arrumo a mesa e coloco toda a comida nela às dez para as sete, sabendo que a qualquer momento ele deve chegar em casa – de acordo com seu bilhete. Baunilha não parece alguém que se atrasa para qualquer coisa.

Dou uma olhada pela cobertura, limpei o melhor que pude. Mas não há muito para fazer. Tirando a bagunça que aprontei ontem à noite – e que ele já havia arrumado – tudo que tinha para fazer é tirar o pó. Tive tempo livre e aproveitei para desembalar minhas coisas. Apesar de não ter muitos pertences. Mal posso esperar para ver a cara dele quando chegar e ver tudo que coloquei em seu quarto, closet e banheiro. Até coloquei meu despertador da Tinkerbell, gigante, ao lado da cama que dormi na noite passada. Ele realmente não me deu nenhum detalhe sobre o que eu deveria fazer. Sei que ele falou ‘jantar’, mas se me quer aqui em tempo integral, deve haver mais coisas para fazer.

Quando o relógio marca dez minutos depois das sete, decido ligar para ele. Tento seu celular, mas após um toque, cai na caixa postal. O que está acontecendo? Agora todo mundo deu

para me ignorar? Jesus! Tento ligar para o escritório em seguida. Talvez ele tenha ficado preso, trabalhando até tarde.

“Spencer Holdings.” A voz de Cindy soa estridente no telefone.

“O Bauni–, quer dizer, *Bray*. Bray está no escritório?” pergunto.

“Lamento. Eu e Bray estamos de saída no momento. Temos reserva para o jantar. Posso–” Encerro a chamada, antes que ela possa terminar. Que diabos? Ele tinha um encontro, mas me pediu para estar em casa por volta das sete. Talvez ele não planejasse jantar comigo. O bilhete não dizia isso. Mas então porque me dizer quando chegaria em casa e que ‘eu estaria responsável’ pelos jantares?

Olhando para a mesa, sinto meus ombros caindo. O que há de errado comigo? Não sou namorada dele. Não sei como ser uma namorada. Olhando para baixo, não posso deixar de rir da blusa estúpida que estou usando. É a única coisa legal que tenho e uso nas entrevistas de trabalho. O troço parece ridículo com meu cabelo multicolorido. Eu a vesti para ele. Quando estava fazendo o jantar, toda a comida estava dando tão certo que quis me sentir pertencente a este lugar quando fossemos comer. Estou fazendo algo que disse a mim mesma que nunca faria novamente – estou tentando me encaixar por outra pessoa. Estou tentando pertencer a um mundo que não é meu.

Tanto faz.

Indo em direção ao quarto de Bray, tiro minha roupa e pego uma calça jeans skinny, toda rasgada, minhas botas e uma regata tipo nadador – na qual se lê ‘Polite as Fuck’² na altura dos

² Polida o caralho.

peitos. Pego minhas merdas e dou o fora. Pelo jeito vou acabar no Palm, depois de tudo.

CAPÍTULO QUATRO

BRAY

Reclino-me na cadeira do escritório e olho o horizonte atrás de mim. Bato com a caneta nos lábios e penso em Rebecca pela milionésima vez no dia. Fico de pé com raiva e jogo a caneta sobre a mesa. “Não consigo trabalhar deste jeito.”

“Está tudo bem, Sr. Spencer?” A voz de Cindy, com a qual nunca tive qualquer implicância antes, está me dando nos nervos a cada sílaba que ela pronuncia. Como pude não perceber isso antes de Rebecca apontar?

“Tudo certo, Cindy. Por favor, feche a porta quando estiver de saída.”

“Na verdade, ia avisá-lo que fiz reserva no Bella Vita, se o senhor estiver pronto para encerrar o expediente.”

Isso é inesperado. Não como em restaurantes a não ser que seja inevitável. Por alguma razão, sua declaração presunçosa me deixa irritado.

Olho para o relógio e vejo que são sete e quinze. Ainda não posso ir para casa e ver Rebecca. Meu bilhete fala sete horas, mas estou bancando o covarde e vou esperar até que ela esteja dormindo. O segredo obscuro, aquele que não quero admitir nem para mim mesmo, é que estou esperando ela estar adormecida

para poder me esgueirar e deitar novamente ao seu lado na minha cama, como fiz ontem à noite.

“Não. Obrigado. Sinta-se à vontade para curtir a reserva, se assim desejar. Vou continuar por aqui um pouco mais.” Não tenho energia mental necessária para lidar com Cindy agora, então deixo passar. Dito isso, viro de costas e volto a admirar a paisagem.

Ouçó-a fechar a porta, e se não me engano ela diz algo em voz baixa. Não sei o que é, mas por algum motivo sinto que tem a ver com Rebecca. Embora cada pensamento que tenha hoje foi sobre Rebecca. Não consigo tirá-la da cabeça e estou pronto para gritar de frustração. Não posso passar trinta segundos sem me perguntar o que ela está fazendo em nossa casa. 'Nossa casa'. Meu Deus. Viro para minha mesa e coloco a cabeça nas mãos. Estou tão ferrado.

Puxo meu telefone e checo sua localização pela décima vez na última hora. Coloquei um GPS no celular dela para poder saber onde ela está o tempo todo. Fico dizendo a mim mesmo que isso é para sua segurança. Vi quando ela saiu hoje de manhã e foi ao seu antigo motel e depois fez pequenas corridas. Fiquei aguardando que ela voltasse para casa e quando ela finalmente o fez, suspirei de alívio. Isso não me impediu de continuar obcecado por ela o dia todo. Na verdade, acho que piorou a situação. Saber que ela está na minha casa e cercada por minhas coisas deveria me deixar extremamente ansioso, mas tudo que sinto é empolgação de pensar que ela está se acomodando por lá.

Sempre fui extremamente ansioso e mantive agendas e lista de afazeres para todo lado. Este é o jeito de minha mente manter o controle e algo que sempre precisei. Meus pais sempre foram amorosos comigo e sempre soube que meu pai amava muito minha mãe, mas nunca compreendi a profundidade daquele sentimento. Acho que tinha sete anos de idade quando

percebi pela primeira vez. Minha mãe queria ir ao mercado comprar gotas de chocolate para fazer panquecas e meu pai recusou. Lembro-me de pensar que aquilo era muito estranho. Por que ela não podia ir ao mercado? Meu pai não a deixava sair de casa. Ao invés disso, ele a fez beijá-lo muitas e muitas vezes e dizer o quanto o amava.

O próximo episódio que me vem à mente foi no meu aniversário de nove anos. Minha mãe estava demorando a voltar da padaria com meu bolo de aniversário. Meu pai a fez colocar o bolo de lado e ir com ele até o quarto. Ouvi alguns barulhos estranhos e muito mais tarde fui perceber que na verdade eles estavam fazendo sexo. Quando minha mãe saiu do quarto, seu rosto estava vermelho de chorar e ela estava mancando.

Aos quinze anos eu sabia o que acontecia entre os dois. Meu pai era tão obcecado pela minha mãe que abusava dela sexualmente como punição. Eu podia ver o jeito como ele a olhava. Como se ela estivesse aprontando alguma e ele precisasse descobrir o que é. Minha mãe era uma mulher linda e casou com meu pai, que não tinha muita grana. Acho que ele sempre se preocupou com a possibilidade dela deixá-lo por alguém que tivesse os bolsos cheios.

Com o passar dos anos, me senti sem nenhum controle naquela situação. A única coisa que podia controlar era eu mesmo. Assim, tornei-me um excelente estudante e me formei entre os primeiros da turma.

Quando completei dezoito anos, tinha economizado dinheiro suficiente cuidando de jardins para poder alugar um apartamento a três horas do centro da cidade por seis meses. Eu tinha tudo certo para salvá-la. Tinha tudo planejado e iria finalmente lhe dar a liberdade. Então tudo deu errado.

“Mas que porra?” Digo ao ver que o rastreador mostra Rebecca se movendo. Paro. Não sei para onde ela está indo. Olho

o telefone por alguns minutos e decido esperar para ver o que acontece. Não quero tirar conclusões precipitadas. Talvez ela só tenha se esquecido de comprar alguma coisa no mercado.

Depois de vinte minutos o rastreador para de se mover e checo o endereço. “Ela está num clube noturno?” Digo em voz alta e começo a andar de um lado para o outro. Só demora uma volta e já estou nos elevadores com meu paletó. Não posso nem imaginar ela num lugar como o Palm. Esse lugar tem a reputação de ser um lixão cheio de traficantes e viciados.

Enquanto espero o elevador, considero a possibilidade dela ter ido até lá atrás de drogas. Balanço a cabeça para afastar o pensamento. Rebecca não faria isso. Venho observando-a há meses e vi o quanto ela trabalha duro. Nunca chegou atrasada e estava sempre disposta a encarar seus turnos. Chequei tudo isso antes de perguntar aos seus chefes a respeito do comportamento estranho. Mas soube desde a primeira vez que nossos olhares se conectaram. Ela é pura. Minha fadinha não faria isso consigo mesma. Ela está procurando por proteção e orientação, e não por algo para se ferir.

Por qual motivo ela iria até lá? Repasso minhas anotações mentais e só consigo chegar a uma conclusão: seu irmão.

Pedi para meu amigo policial dar uma checada no histórico do ‘irmão’ dela. Queria saber quais obstáculos poderiam se interpor no meu caminho e acabou que estou certo em ser cauteloso. Ele esteve entrando e saindo de casas adotivas e centros de detenção juvenis desde que aprendeu a levantar o dedo do meio. Pelo que minha fonte contou, ele está devendo até suas calças a um traficante de drogas chamado Nico, que sei que tem relações com o bar no qual minha fada está agora. Acho que Rebecca não tem ideia do quão ruim é. Só espero que seja uma coincidência ela ir a um clube que a família de Nico é dona.

Hank está me esperando do lado de fora assim que deixo o prédio. Será um terror atravessar a cidade com o congestionamento, mas esta é minha melhor opção.

Deslizo para o banco de trás e observo meu telefone enquanto lentamente descemos a rua. O rastreador me mostra que ela não deixou o endereço e isso me deixa agitado e preocupado.

Tento me acalmar e lembro a noite passada. Quando entrei na casa, tudo estava silencioso. Meu jantar de negócios correria bem e eu esperava chegar em casa e conversar com Rebecca. Os clientes resolveram sair para mais alguns drinques e não quis levantar nenhuma bandeira vermelha por partir cedo. Assim, até eu chegar em casa já passava de meia noite. Minha ansiedade foi ao limite por não ser capaz de chegar em casa no horário que disse, mas fui capaz de controlar, concentrando-me no fato de quem encontraria em casa.

Entre no quarto e havia uma fraca iluminação vinda do abajur. Continuei entrando e vi o relógio da Tinkerbell. Precisei me segurar para não rir. Não tinha nenhuma ideia de onde aquilo viera. Ela devia estar com aquilo dentro da bolsa, ou algo assim. É muito apropriado. Então olhei e a vi na minha cama, e meu coração parou. No começo fiquei surpreso ao vê-la, e então me senti aliviado. Este é o lugar que queria que ela estivesse e era um prazer saber que ela também o desejava. Nunca especifiquei onde Rebecca iria dormir quando lhe mostrei a casa. Mas secretamente esperava que ela acabasse na minha cama. Nunca dormi com uma mulher, mesmo no sentido de 'dormir'. Então, quando eu a vi lá, fiquei surpreso por isso não desencadear qualquer pânico em mim. Tudo parecia estar certo.

Ela vestia apenas minha camiseta branca e as cobertas estavam amontoadas em torno de seus tornozelos. Seu cabelo curto era uma confusão colorida, e as bochechas estavam cor-

de-rosa com o sono. Ela parecia tão jovem assim. Jovem demais para deixar meu pau tão duro. Olhei para ela, seu corpo curvilíneo esticado e eu não pude me conter. Estendi a mão e deixei as pontas dos dedos traçarem levemente sua perna descoberta, do quadril até panturrilha. Isso é tudo que me permitiria. Eu sabia que se tivesse mais, não seria capaz de parar.

Depois de me permitir esta única indulgência, fui ao banheiro, me aprontar para dormir. Sorri ao ver a bagunça que ela fizera ali. Acho que sorri durante todo tempo que levei para limpar, por que, por algum motivo desconhecido, estava amando ter ela em meu espaço. Sei que provavelmente ela fez isso para me provocar, mas teve a reação inversa. Normalmente, meu espírito obsessivo não me deixar ter sossego até que tudo esteja limpo e em ordem. Mas, mesmo enquanto limpava as gotas multicoloridas do piso, me sentia com o coração leve. Com o banheiro limpo, fui ao closet e vi que ela havia brincado por ali também. Apenas sorri e balancei a cabeça, enquanto colocava tudo em seus devidos lugares. Minha fadinha gosta de fazer travessuras.

Fiquei só de cueca e me enfiei na cama, ao seu lado. Não me permiti chegar muito perto, pois sabia que faria isso no meu sono. Meu subconsciente a quer tão ferozmente, que no momento em que eu fechar meus olhos, vou segurá-la em meus braços. Ao invés disso, dormi na beirada da cama, olhando seu lindo rosto e desejando poder ficar com ela. Já estava muito tentado pelo fato de estarmos na mesma cama e podia sentir a obsessão querendo dar as caras. Não podia permitir que ela me dominasse e que eu acabasse igual ao meu pai.

Estacionamos do lado de fora do clube e não espero Hank abrir a porta para mim. Ele desce e me encontra a meio caminho da entrada.

“Tem certeza que vai entrar aí?”

“Se eu não voltar em vinte minutos...” começo a dizer e Hank me interrompe.

“Vou lhe dar quinze, senhor. Este lugar é sombrio.”

Concordando com a cabeça, vou até o porteiro, que me olha de cima a baixo. Ele começa a barrar minha entrada, mas lhe dou algumas notas de cem e ele abre a porta. Nestas horas que deixa o dinheiro fazer as honras.

O clube é tão sombrio quanto se poderia imaginar. É mal iluminado, a música é ensurdecadora e o cheiro lembra coisas que nem quero pensar. Enquanto vistorio a pista de dança, observo que há alguns sofás na parte dos fundos. Deve ser a área VIP. No meu peito, bate a sensação que é para lá que devo ir e eu vou. Outro segurança me para, mas, outra vez, o dinheiro fala mais alto e ele levanta a corda para me dar passagem.

Dou dois passos para dentro e a vejo.

Rebecca está parada nos fundos e Nico está em frente a ela. Vi a cara dele nas fotos que meu contato me entregou e aquele cara é Nico, definitivamente. Ele é quase tão alto quanto eu, mas é aí que terminam as similaridades. Ele é grande e largo, com cabelo preto e pele morena. Ele parece um lutador samoano e não posso dizer que gostaria de entrar num ringue com ele. Ele parece pior pessoalmente, do que nas fotos. Pergunto a mim mesmo se ele também usa os produtos que comercializa. Vejo, através da névoa do clube, que a mão dele está segurando o queixo de Rebecca. Ela parece aterrorizada e passo a enxergar vermelho.

Meu corpo está se movendo antes mesmo que possa pensar no que pode acontecer. Em meio segundo estou parado

onde eles estão e tento tomar o controle da situação, sem nem mesmo saber qual será meu próximo movimento. Pego o braço de Nico e o empurro para trás. O bem-estar de Rebecca é meu único objetivo. Assim que as mãos de Nico estão longe dela, ela olha dentro dos meus olhos e começa a chorar.

Vejo suas lágrimas e coloco-a em meus braços. Eu tenho um instinto natural de proteger esta fadinha de todo o mal ao seu redor.

Viro para sair e vejo Nico se levantando, sendo ajudado por seus companheiros e me encarando.

“Você está com uma coisa minha e nós temos um problema, Engomadinho.”

Eu realmente não estou com vontade de medir forças com um traficante de drogas em seu próprio território, então tento acalmar os ânimos. Deixar Rebecca em segurança é minha única preocupação.

“Sou um amigo e ela quer ir embora.”

“Becs, diga a este cara que é minha ou sabe quais serão as consequências.”

Rebecca levanta a cabeça e olha para mim com grandes olhos lacrimejantes. Ela está implorando para que eu conserte a situação, para que eu arrume o que está quebrado.

“Quanto?” pergunto, nunca desviando o olhar de Rebecca.

“Muito,” ela sussurra.

“Eu não disse que queria seu dinheiro, Engomadinho. Eu quero a garota,” Nico diz, e posso ver que chegamos a um impasse. Tenho todo o dinheiro que ele precisa, mas ele quer Rebecca. Ele só vai ficar com ela sobre meu cadáver.

Olho para Nico, e posso apostar que ele está disposto a me matar por ela. Tenho que tentar pensar em como resolver isso. “Tudo bem, você quer a garota. Pode ficar com ela.” Sinto Rebecca enrijecer em meus braços, e então ela começa a se contorcer.

Nico tem um sorriso presunçoso no rosto e olha para Rebecca com vitória nos olhos.

“Mas aqui está o problema.” Digo, interrompendo os movimentos dele. “Ela está devendo para mim também. Então, até eu terminar de tirar o que quero, acho que terá que esperar sua vez.”

Nico parece emputecido e, no momento em que coloca a mão para trás em sua cintura, Hank invade o local com quatro dos seus homens. A maioria das pessoas pensa que gosto de Hank por que ele conhece a cidade e é um bom motorista. O verdadeiro motivo, no entanto, é que ele é bom em resolver qualquer assunto rapidamente e pode ser capaz de ocultar um cadáver ou dois, sem fazer qualquer pergunta. Hank e eu temos história juntos.

Nico avalia meus convidados para a festa e logo percebe o tamanho da encrenca. Ele recua em sua reivindicação por Rebecca e me dá um elevar de queixo. É um sinal para que eu tire minha bunda do seu clube e aceito isso. Não sou covarde e não fujo de uma briga, mas nunca colocaria Rebecca em perigo.

Uma vez que estamos do lado de fora do clube, entro na traseira do carro, ainda mantendo-a junto a mim. Hank diz alguma coisa para os outros caras e eles desaparecem na noite. Estou segurando Rebecca contra mim quando ele entra no carro e nos leva para casa.

Olho para baixo e foco meu olhar no da minha fadinha. “Obrigada,” ela sussurra e põe sua cabeça contra meu peito.

Saio do banheiro e vejo Rebecca sentada na cama. Ela está usando uma pequena camiseta regata rosa e shorts brancos. Ela deve ter tomado uma ducha no outro banheiro enquanto eu me arrumava para deitar.

Meu corpo ainda está energizado com a adrenalina e minhas mãos estão trêmulas. Já se passou mais de uma hora desde que chegamos em casa e ainda não disse uma palavra a ela, com medo de dizer algo que a machuque.

“Eu sinto muito,” ela diz e me olha com seus grandes olhos violeta.

“Estou ciente, Rebecca.”

“Por favor, não fique chateado comigo. Só fui me encontrar com meus amigos e me divertir.” Posso ouvir a súplica suave em sua voz, mas isso não é suficiente para aplacar minha raiva.

“Divertir-se? É assim que chama isso?”

“Não. Obrigada por intervir. Eu não sabia o que fazer.”

“Apenas vá dormir. Está tarde e tenho uma reunião bem cedo amanhã. Vou estar no quarto de visitas.”

Ao passar por ela quando me encaminho à saída do quarto, ela fica de pé e agarra meu braço.

“Por favor, não vá. Você está tão chateado. Deixe-me tentar melhorar isso...”

“Eu não sei como poderia—”

Eu me calo no momento em que a outra mão dela se abaixa e roça a frente do meu calção. Estou vestindo um calção de corrida, sem camisa e ter minha pele assim, tão próxima a ela, é aterrorizador. Estou duro como pedra e isso está obscenamente claro pela tenda enorme que se forma na frente do meu calção. Se ela continuar assim, não sei se serei capaz de me controlar.

“Eu acho que tenho uma ideia sobre como acalmá-lo.”

Aperto minha mandíbula, ainda incapaz de formar uma palavra.

Ela preguiçosamente sobe e desce com sua mão pelo meu eixo duro, por cima do meu calção, mas sinto isto em cada célula do meu corpo. Seus dedos traçam o caminho até minha cintura e sinto que as pontas de suas unhas roçam meu estômago.

“Rebecca,” digo. Não sei se estou implorando ou repreendendo.

“Apenas um toque. Só isso.” Ela sussurra e se inclina para mim.

Coloco meus braços na lateral do corpo e não me movo nem mesmo um milímetro. Se a tocar, não serei capaz de me controlar. Nunca tive o toque íntimo de uma mulher antes e estou receoso de minha reação.

Ela passa sua mão para baixo, por dentro dos meus shorts e no primeiro toque de sua pele contra a minha, eu tremo. Ser tocado ali por uma mulher pela primeira vez é confuso e maravilhoso. Sinto seus dedos em meu pau e meus quadris dão um empurrão. Meu coração dispara e começo a suar. Rebecca move seus dedos e não consigo segurar por mais tempo. Meu pau começa a pulsar e começo a gozar. Sinto seus dedos esfregando o gozo em torno da cabeça do meu pau e para baixo, em meu

eixo, enquanto me esvazio dentro do calção. Fecho meus olhos, e deixo a sensação surpreendente me dominar enquanto ela continua me acariciando até o fim. Ter Rebecca me dando este orgasmo é como o céu, e é melhor do que qualquer coisa que já sonhei.

Quando estou drenado, sinto a vergonha se apoderar de mim. Não consigo acreditar que gozei nas calças como um adolescente. Sou um homem adulto, embora nunca tenha experimentado nada sexual. Estou tão embaraçado e bravo comigo mesmo.

Agarro seu pulso e tiro sua mão de dentro de minhas calças, saindo furiosamente do quarto. Não posso enfrentar essa humilhação.

CAPÍTULO CINCO

BECS

Meus dedos estão cobertos do gozo dele. Olhando para baixo, esfrego a umidade morna entre meus dedos. Lentamente, trago-os até minha boca e, por curiosidade, experimento seu sabor. O salgado atinge minha língua e faz prazer percorrer meu corpo. Pergunto-me como seria experimentar este sabor diretamente dele. Será que ele permitiria? Não tenho certeza do que aconteceu comigo neste momento. Toda vez que ele demonstra alguma emoção, eu me deleito. Sinto um prazer enorme. Sempre que Bray entrava na cafeteria, ele se comportava de maneira quase robótica. Percebi que ele parecia não deixar que as pessoas se aproximassem dele. Mas esta noite ele permitiu que eu me deitasse em seu colo no carro. E depois, deixou que eu o tocasse. Sempre que ele me toca, acaba antes mesmo de começar. Eu quero mais.

Sempre fui uma pessoa moderna, para a frente, mas nunca toquei num homem tão intimamente antes, nem quis. Talvez estivesse agradecida por ele ter me salvado de Nico esta noite. Não, não pode ser isso. Sam me salvou antes e nunca tive sentimentos por ele além de afeição fraterna.

Simplesmente me senti tão segura hoje. Quando o vi no Palm e vi o olhar em seu rosto, sabia que ele não permitiria que nada acontecesse comigo. Posso não ter escapado das mãos de

Nico ainda, mas tenho abrigo com Bray por enquanto – um homem com quem não sei como lidar. Ele é diferente. Alguma coisa nele me atrai. Ele traz à tona sentimentos que nunca tive antes.

Eu já achei alguns meninos bonitos antes, mas nunca quis mais. Bray me faz desejar mais. A única coisa que eu já desejei antes, foi ter uma família. Foi quando tentei me encaixar e falhei. Mas às vezes Bray olha para mim e posso ver sua fome. Será que ele poderia me querer do jeito que sou ou vai tentar me mudar? Será que terei que mudar para servir?

Quando ele me tirou do clube, eu estava apavorada. Não tenho certeza de como ele me encontrou, mas graças a Deus ele me achou. Estava puta com Bray por ele não ter aparecido no jantar que preparei e ainda mais puta por ter me importado com isso. Ao chegar lá, não consegui encontrar Sam e não demorou para Nico grudar em mim. Normalmente, ele só faz comentários sarcásticos, mas esta noite ele não se conteve. Ele fez exigências que fizeram minha pele arrepiar. Dizia que Sam lhe devia um monte de dinheiro, mas ele estava disposto a me deixar trabalhar para ele. Que não precisava me preocupar, ele seria o único que iria me usar. Como se isso fosse um bônus ou algo assim.

Lembrar-me disso me dá ânsia de vômito. Mas se Nico não conseguir o que quer, ele deixou muito claro o que acontecerá com Sam.

Vou ao banheiro da suíte e lavo os resquícios de Bray das minhas mãos. Não posso acreditar em como ele gozou rápido. Posso ser virgem, mas não sou ingênua quanto a sexo. Algumas das garotas de quem sou amiga no abrigo, vendem seus corpos por dinheiro. Inferno, já cheguei a pensar em fazer strip-tease, mas acho que sou um pouco gordinha para conseguir um trabalho assim.

Eu me olho no espelho e vejo que meus olhos estão injetados e inchados de tanto chorar. Meu cérebro está moído de tanta coisa rodando nele. O que vou fazer sobre Nico? Onde diabos está Sam? Sinto-me derrotada. Tirando minhas roupas, fico somente de lingerie. Lavo meu rosto e volto para o quarto.

Tomei posse do quarto de Bray para zoar com ele. Na verdade, estaria mentindo para mim mesma se dissesse que foi só por isso. Quis estar na mesma cama que ele. Eu quis Bray desde a primeira vez que ele entrou na cafeteria e me olhou como se me desejasse. O cara no terno arrumado querendo a menina que parece pertencer ao outro lado da cidade – o que é verdade.

Mas, mais do que qualquer outra coisa, hoje à noite eu queria me sentir segura. E me senti completamente segura quando deitei a cabeça no colo de Bray, mais cedo. Será que ele dormiu no quarto de visitas na noite passada também? Ele chegou em casa tão tarde e se foi antes que eu acordasse. Não posso resolver nada com Nico e Sam esta noite, mas posso voltar a me sentir segura. Basta atravessar o corredor.

Ante de mudar de ideia, dirijo-me ao quarto de visitas. Quando abro a porta silenciosamente, consigo visualizar sua forma sobre a cama. Entro e fecho a porta atrás de mim, escalando a cama para me deitar.

“Bray,” murmuro. Mas ele não responde e nem se mexe. Deslizando sob as cobertas, posso sentir que ele está de costas e que está vestindo somente sua cueca. Eu me pressiono nele, meu corpo quente contra o seu, mas quero estar mais perto. Deslizando minha perna para que o interior de minha coxa repouse em seu estômago duro, eu envolvo um braço em torno dele e enterro meu rosto na lateral de seu pescoço. Ele ainda não se moveu.

Não posso evitar dar uma cheirada nele. O cheiro dele se mistura ao cheiro de baunilha. Uma risada escapa de meus

lábios ao pensar nele cheirando a baunilha. Será que ele sempre teve este cheiro, eu me pergunto, ou é algo novo que usou? Será que o gosto dele também é este?

Lambo meus lábios e os pressiono contra ele. Mas não é suficiente. Timidamente deslizo minha língua para fora entre meus lábios. No momento em que minha língua toca seu pescoço, sinto seu corpo endurecer, e um gemido lhe escapa. Sorrindo de encontro ao seu pescoço, sussurro, “Você está fingindo que está dormindo?”

“Acho que ninguém seria capaz de dormir com você se pressionando deste jeito.” Ele diz, mas parece estar falando por entre dentes cerrados. Será que ele está bravo de eu estar aqui? Claramente, se quisesse que eu fosse embora me diria tal coisa.

“Isso quer dizer que não dormiu comigo na noite passada?”

“Se estiver me perguntando se subi na cama noite passada e me agarrei em você, a resposta é não. Isso seria completamente inapropriado.”

“Acha que sou inapropriada?” Pergunto, mordendo o lóbulo de sua orelha levemente.

“Eu acho que está testando meu controle, Rebecca,” ele suspira, como um aviso. A ideia de poder fazer alguma coisa com o controle deste homem, faz com que eu queira mais. Quero ver seu controle se esvaír com meu toque.

“Talvez seja isso que quero. Talvez eu queira que seu controle escorregue e quebre toda esta perfeição a qual tanto se agarra. O que aconteceria então?”

“Posso te prometer que não quer me ver perder o controle. Você não quer saber o que quero fazer com você, o que quero de você.”

“E o que quer de mim?”

“Quero ter você para mim e fazer você minha em todos os sentidos.” Suas palavras deixam meu corpo em chamas. Sinto meus mamilos duros e tenho certeza que ele também pode senti-los pressionando sua lateral.

“E se eu quiser isso também?” Pergunto. A ideia de ser somente sua faz faiscar em mim um desejo que pensei ter deixado para trás há muito tempo. Posso ouvir sua respiração ficar mais forte, mas ele não responde.

Eu rastejo para cima dele, montando seus quadris, para que possa vê-lo. Meus olhos já se ajustaram à escuridão. Somente a luz da lua, entrando pelas janelas que recobrem a parede toda, ilumina o quarto. Seus olhos estão fechados fortemente, como se ele não quisesse olhar para mim. Ele deve sentir que estou praticamente nua. Nossos sexos estão separados apenas pelas roupas íntimas.

“Você não me quer?” pergunto, sentindo-me um pouco desconfortável por ele não me tocar de volta, e agora ele não está me olhando.

"Eu quero você mais do que qualquer coisa, mas às vezes as coisas que você mais quer na vida são as mesmas coisas que podem destruí-lo."

A ideia de que eu possa destruir este homem é risível. Ninguém nunca precisou de mim deste jeito. Mas o jeito como as palavras escapam dele, quase como se ele estivesse com dor, me faz querer aliviar sua dor.

“Toque-me,” sussurro e começo a mexer meus quadris, esfregando seu pau em meu clitóris coberto pela calcinha.

“Não!” ele rosna, agarrando os lençóis com mais força.

“Beleza, então farei isso,” gemo e começo a me esfregar com mais força contra seu pau duro. Seguro meus seios e puxo

meus mamilos. A necessidade ardente me consome quase até a alma. Seu nome está em meus lábios quando gemo e seus olhos se abrem de repente para me olhar. Apenas por um momento, a máscara de controle cai. A intensidade pura que vejo por detrás dela me atinge com força e sinto meu orgasmo chegar. É duro e rápido e não consigo me segurar. Sinto sua intensidade e colapso contra seu peito largo e sólido. Prazer corre por todo meu corpo e tudo que posso fazer é surfar na onda.

Sinto que minha respiração começa a se equilibrar, mas a respiração dele está tão pesada quanto antes. Seu peito se move para cima e para baixo num ritmo rápido sob minha bochecha, e sei que ele está tentando segurar seu controle. Seu pau dá empurrões contra meu clitóris excessivamente sensibilizado e me faz mexer. Ele faz um som dolorido e baixo em sua garganta.

Mal ouço sua voz quando ele diz “Você é ainda mais bonita quando está gozando,” como se não quisesse dizer isso em voz alta. Suas palavras causam a picada afiada de lágrimas nos meus olhos. Eu acho que ninguém nunca me chamou de bonita antes.

“Uau, Baunilha, acho que acabou de me dar o melhor orgasmo que já tive.”

“Eu não fiz nada.”

“Que tal continuar não fazendo nada, então,” respondo e lentamente começo a me mover para baixo em seu corpo. Quero prová-lo outra vez, mas desta vez quero direto da fonte. Quando alcanço o elástico de sua cueca, brinco um pouco com ele. Já vi alguns paus antes, mas nunca tão de perto assim. Já toquei nele mais cedo, mas não cheguei a realmente ver seu pau. Uma excitação nervosa me percorre com o pensamento.

“Faça,” ele comanda, fazendo-me levantar a cabeça. Ele gruda seu olhar no meu e assente levemente com a cabeça. Esta

é a primeira vez que ele toma alguma iniciativa. Ele ainda não está me tocando, mas me sinto como se tivesse vencido alguma batalha invisível. Seguro o elástico de sua roupa íntima e sinto minha mão tremer um pouco ao puxar para baixo.

“Toque-me,” ele diz enquanto seus dedos apertam os lençóis, fazendo os músculos de seus braços flexionarem.

Com um leve puxão, seu pau se liberta e não posso deixar de olhar fixamente por um momento. Ele é muito maior do que eu imaginava. Levanto minha mão e lentamente seguro seu pênis para acariciar a pele lisa. Eu cautelosamente o trago para minha boca, sem saber o que fazer. No momento em que minha língua faz um amplo círculo ao redor da cabeça de seu pênis, me perco na sensação.

“Foda-se!” A palavra voa de sua boca, e estou chocada por ele falar isso. De repente, posso sentir a mudança nele, e sua intensidade é trazida à superfície.

“Chupe, minha pequena Tinkerbell. Engula-o todo em sua boca.” O apelido me deixa surpresa e acabo corando e curtindo. A ordem que ele dá é dura, mas o termo carinhoso mostra uma rachadura em seu controle. Tento montar o quebra-cabeça em minha mente enquanto começo a chupar seu pau. Ele é tão suave na minha boca que um gemido de puro prazer me escapa.

Eu o tomo mais profundamente e chupo da base até a ponta, cada vez mais rápido. Seus quadris começam a se movimentar e é quase como se eu pudesse sentir seu controle numa frágil gaiola, que a qualquer momento se libertará.

“Porra. Sua boca em volta de mim é quase mais quente do que ver você gozar, Tink.” Suas palavras fazem minha buceta se apertar. Gostaria que ele me arrastasse para cima de seu corpo e empurrasse dentro de mim. A dor intensa que estou sentindo só cresce e meu clitóris começa a palpitar outra vez. Deslizo

minha mão livre para dentro da calcinha e começo a fazer círculos no clitóris. Ainda posso sentir a umidade do meu último orgasmo.

“Vou gozar,” ele grunhe e me pergunto se ele vai tentar tirar da minha boca. Ele ainda não tocou em mim. Eu o chupo mais rápido, querendo seu gozo dentro da minha boca. Outro grunhido sai dele e seu corpo inteiro tensiona mais uma vez. Sua liberação quente enche minha boca e o prazer erótico de tê-lo lá dispara meu próprio orgasmo. Sinto o prazer intenso se espalhar por meu corpo enquanto o sugo avidamente.

Lambendo meus lábios, rastejo de volta sobre o corpo dele, agarro seu peito e deito meu rosto em seu pescoço. Eu me agarro a ele enquanto o finalzinho do meu orgasmo se desvanece.

Não demora muito e meu corpo é dominado pelo sono. Mas antes disso, sinto que ele leva até sua boca os dedos que usei para me tocar.

Acordo esta manhã do mesmo jeito que tenho acordado nas últimas duas semanas: sozinha na cama de Bray. A batalha de vontades vem sendo travada todas as noites desde aquela primeira, e tem sido uma delícia. Todas as noites Bray vêm para casa para o jantar. Nós comemos e conversamos por horas. Ele parece gostar de me ouvir. Contei a ele sobre ter ido para adoção com dez anos. Sobre como precisei ser levada ao hospital quando peguei uma gripe muito forte e que minha mãe adotiva só me largou lá, como vinha ameaçando por anos. Eu havia tentado ser

a filha que ela queria, mas no fim, ela acabou não me querendo mesmo assim. Também contei a ele sobre como é difícil conseguir uma casa permanente para adoção quando se vai ficando mais velho, mesmo que tente ser exatamente o que os pais adotivos querem. Sempre me sentia como se a qualquer momento fossem me remover para outra casa. Nos últimos dias ele também começou a se abrir comigo. Eu sabia que seus pais haviam morrido e que as coisas nem sempre foram muito boas. Ele trabalhou duro para conquistar tudo que tem, mas consigo sentir a raiva que ele sente por seu pai.

Parece que cada dia ele se abre mais para mim, e minha mente está consumida com maneiras de fazê-lo rir. A primeira vez que o ouvi rir, ele chegou em casa cedo e me pegou cantando e dançando na cozinha como a Britney Spears. Não foi meu momento mais bonito, mas teria feito isso durante a noite toda para fazê-lo rir novamente. Parece que os sorrisos e gargalhadas estão vindo mais facilmente.

Ainda passo as noites atormentando-o para me tocar, mas ele não o faz. Posso tocar nele o quanto quiser, mas ele não retorna o favor. Surpreendentemente, ele começou a me dizer o que devo fazer. Ontem à noite, quando fomos para a cama, ele fez eu me despir e deitar atravessada na cama para me masturbar enquanto ele acariciava a si mesmo. Ele me fez gozar duas vezes antes de esparramar seu sêmen por meu estômago.

Eu desejo seus lábios em mim. Quero um beijo dele mais do que qualquer coisa, mas não serei a primeira a fazer isso. Por alguma razão preciso disto dele. Não quero que isso seja algo que eu force. Quero que seja algo que ele me dará por conta própria

Saindo da cama, começo minha rotina de sempre. Primeiro, ligo pra Sam – de quem ainda não tive notícias a não ser por algumas mensagens de ‘Estou bem’. Nada mais. Sinto-me culpada por não tentar localizá-lo, mas somente desta vez

não quero estar envolvida nas bagunças de Sam. Se ele precisar de mim, irei correndo. Mas até lá, vou dar a ele algum espaço. Pelo menos sei que ele tem um lugar para ficar. Quis ir até o motel pagar a locação das próximas semanas, mas Bray foi irredutível. Disse que ele mesmo ia cuidar disso. Ele não quer que eu vá até lá. Achei que ele estivesse sendo bobo, mas talvez ele tenha razão. Não quero correr o risco de cruzar com Nico.

Limpendo o que restou do jantar de ontem, começo a planejar o que vou fazer para hoje e deixo algumas coisas já pré-preparadas. Não tem muito mais para se fazer por aqui e quando disse isso à Bray, ele me perguntou o que eu gostaria de fazer. Eu lhe disse que poderia fazer o que ele quisesse, mas ele respondeu: “O que você quer fazer, Tinkerbell?”

“Pintar,” respondi. Uma coisa que não fazia há um bom tempo. Uma coisa que sempre foi um luxo e que só fiz quando estava na escola. No dia seguinte, um dos quartos de hóspedes estava lotado com tintas e telas. No começo, eu só empilhava as telas prontas. Então Bray começou a colocá-las nas paredes, adicionando cor à sua casa branca e fria. Já não parecia mais tão frio. Isso me fez sentir que ele queria que eu fizesse parte de sua casa. Como se estivesse se tornando minha também.

Hoje não estou no clima para pintar. Quero ver Bray. Além disso, não saio este apartamento há mais de uma semana. Estou começando a me sentir presa. Talvez Bray me leve a algum lugar. É o primeiro dia da primavera e está lindo lá fora; talvez possamos encontrar algum lugar com varanda para almoçarmos.

Indo para o quarto, me enfio no único vestido que possuo. É um vestido de verão, violeta escuro, que sempre adorei. Ele ressalta minhas curvas e me faz parecer uma ampulheta, do jeito que cai nos meus quadris. A cor faz com que meus olhos brilhem num tom mais claro de roxo, o que funciona bem com o meu cabelo cor de rosa e roxo. Agarro minhas ankle-boots de

tachinhas, visto-as e atravesso a cidade num táxi. Não posso fazer nada além de desejar que Bray me coloque deitada sobre sua mesa, levante meu vestido e faça eu lhe dar outro show.

Ao chegar ao seu escritório, Cindy no telefone e me olha com cara de limão. Reviro meus olhos e passo por ela em direção ao escritório de Bray.

“Ei! Você não pode–,” Cindy grita. Eu a ignoro e simplesmente empurro as portas para abri-las.

“Baunilha, pode me levar para almoçar?” Pergunto, indo em sua direção e jogando-me em seu colo. Ignoro completamente os outros dois homens sentados dentro da sala, que me encaram com sorrisinhos nos rostos. Mas a cara deles não supera a de Cindy, que parece que vai morrer com o choque.

A mão de Bray vai ao meu quadril e o aperta. Um suave gemido escapa de minha boca, pois esta é a primeira vez que ele realmente toca em mim e isso me deixa com a guarda baixa. Ouço o grunhido de Bray atrás de mim.

“Senhor me perdoe.”

“Está tudo bem Cindy,” diz Bray, cortando-a. “Na verdade, poderia precisar da sua assistência com Rebecca, se não se importar.” Suas palavras fazem meu estômago revirar. A ideia de fazer alguma coisa com Cindy me faz querer bater com a cabeça na parede mais próxima.

“Parece-me que ela não tem um guarda-roupas adequado.”

Sinto a vergonha me abater e tenho certeza que isso se revela no meu rosto. Todo espírito de luta parece deixar meu corpo. Eu deveria fazer algum comentário inteligente, mas provavelmente pareço tão chocada quanto Cindy estava há uns momentos atrás. Agora ela tem um sorriso no rosto.

Talvez eu tenha interpretado mal minha relação com Bray. Nas últimas semanas cheguei a acreditar que ele gostava do meu jeito. Não me sentia assim há muito tempo. A sensação de que não estou atendendo às expectativas de alguém. De que não basto. E para deixar tudo ainda mais doloroso, achei que me importar com o que os outros pensam de mim é passado. Mas por alguma razão, é muito pior sentir isso vindo de Bray do que foi de minha mãe ou algum dos meus pais adotivos. Pelo jeito não tem problema chafurdar comigo na privacidade da casa dele. Mas em público, não pode. Não, ninguém mais pode me ver assim.

Tento me levantar e me afastar, pois o toque pelo qual eu tanto ansiava há alguns instantes, agora parece me queimar. Ele me segura forte e eu dou um puxão para me soltar de seu aperto. Quase tropeço em meus próprios pés, e só aumenta meu constrangimento.

“Não sabia que havia alguma coisa errada com minhas roupas,” digo, recusando-me a olhar para ele. Foco meus olhos na parede distante, não querendo olhar para ninguém, mas posso sentir os quatro pares de olhos em mim.

“É inapropriado,” é tudo que ele diz com sua voz fria e controlada. Não a voz que tenho ouvido nas últimas semanas, aquela que briga comigo sobre o número de toalhas que uso ao tomar banho. Ou a voz do homem que veio trabalhar em seu laptop na cama, só para me ver pintar.

“Senhor, está tudo acertado. Vou telefonar para sua compradora pessoal e conseguirei que arranje alguma coisa.” Olhando-me de cima a baixo com aversão, Cindy acrescenta: “Provavelmente seja melhor que ela venha até Rebecca, para que não tenhamos que levá-la à todas as lojas formais.”

“Esta é uma excelente ideia. Organize tudo.” Concordando com a cabeça, Cindy se vira e sai da sala.

Tenho vontade de fugir também. Não tenho a menor vontade de ficar para participar de outro bate-papo do tipo ‘porque Rebecca não é boa o bastante’. Sem olhar para ele, vou em direção à porta.

“Rebecca,” ele me chama. Uma faísca de esperança se acende em meu peito. Talvez ele perceba o cuzão que foi. Como simplesmente me envergonhou numa sala cheia de pessoas, na frente de alguém que pode até ser o casinho dele. *Talvez você seja o casinho dele* flutua na minha cabeça, mas empurro para longe. Talvez ele vá se desculpar.

“Vou me atrasar hoje à noite. Não apronte o jantar antes das oito.” Suas palavras são quase piores que um golpe físico. Aceno com a cabeça e saio do escritório.

Cindy está encostada em sua mesa como se estivesse me esperando.

“Parece que ele vai tentar limpar o lixo do trailer. Ele pode tentar de tudo, mas espere sentada. Você não pode ficar com um homem como o Sr. Spencer. Logo ele estará de volta ao seu *jantar* semanal comigo.” O jeito como ela diz ‘jantar’ me informa que se trata de muito mais que jantar. Não tinha certeza de que algo acontecia entre aqueles dois, mas isso só confirma que rolou algo sim. Ou talvez ainda esteja rolando...

“Bem, já cansei de ficar chupando o pau dele. Ele é todo seu,” forço-me a responder, engolindo o nó na garganta e me dirigindo aos elevadores. Fui estúpida de pensar que Bray podia me querer. Aposto como ele toca em Cindy quando estão juntos. Aposto que ela não tem que puxá-lo para fora para brincar com ela.

Pelo menos não terei que me preocupar em evitá-lo. Achei que ele estivesse curtindo nossos jantares juntos, mas talvez ele só estivesse sendo educado. Talvez isso tenha sido tudo até aqui.

Bem. De agora em diante vou limpar sua casa, fazer seu jantar, manter minha merda de boca fechada e ficar bem longe do seu caminho até encontrar outro emprego.

CAPÍTULO SEIS

BRAY

Assisto Rebecca deixar meu escritório. Estou agitado por ela ter aparecido aqui usando um vestido tão revelador. Ela estava tão sexy que tudo o que eu queria fazer era enterrar meu pau dolorido dentro dela. Seu cabelo estava tão perfeito, com suas mechas rosa e roxas. Eu sei que é diferente, mas esta é uma das razões de eu estar apaixonado por ela. Ela não é igual a nenhuma outra. Sua cintura é fininha, mas seus quadris são largos e com o tamanho dos seus peitos ela parece com uma pequena pin-up cheia de curvas. Não consigo me cansar de olhar para ela, mas não posso permitir que outros homens vejam o que vejo. Não quero pensamentos sobre minha Tinkerbelle na mente de mais ninguém. Só na minha. Ela é pura e intocada e não quero olhos imundos vagando por seu corpo perfeito. Rapidamente afasto estes pensamentos de minha mente, sentindo minha raiva crescer. Preciso respirar e fazer minha agitação voltar a ficar sob controle.

Minha fada voou e soprou minha ordem pela janela. Dou um pequeno sorriso ao perceber que isso nunca me incomodou. Eu deveria estar em pânico com esta interrupção, mas tudo que desejo é que ela volte aqui e diga alguma coisa sacana para me deixar todo excitado.

“Onde foi que paramos?” digo e a reunião continua depois de uns pequenos sorrisos de meus colegas. Minha concentração flutua, o que é completamente novo para mim. Sou normalmente mais do que atento, mas hoje, como na maioria dos últimos dias, minha mente está em minha fada. Eu me inclino para trás na cadeira enquanto um dos gerentes de projeto discursa sobre os objetivos do próximo trimestre, e penso sobre a outra noite.

Eu estava pronto para dormir e sai do banheiro. Rebecca estava debaixo das cobertas e de onde eu podia ver, ela não vestia uma blusa. Sentou-se, de forma que os lençóis ficaram justamente abaixo de seus mamilos duros. Meu pau dolorido ficou ainda mais duro, pois sei o que ela queria. Ela me olha com expectativa, mas não consigo ser aquele que dá o primeiro passo. Não podia me descontrolar. Não sei o que seria capaz de fazer a ela se realmente me permitir tomá-la para mim. Estes pensamentos me deixam em pânico. Ao invés disso, caminho até meu lado na cama e entro nas cobertas com ela. Esta vem sendo nossa rotina nas últimas noites. Ela fica me provocando e então me ataca quando não respondo. Ela parece gostar quando digo a ela o que ela deve fazer. Então, talvez esta noite eu faça isso. Rebecca se deita e passa a mão em meu peito. Tento controlar a respiração, pois seu simples toque é capaz de me desfazer.

“Desça até o final da cama e esparrame suas pernas para mim.”

Vejo que suas bochechas ficam coradas, mas ela se agita em antecipação. Ela começa a se mover para baixo e então olha de volta para mim por sobre o ombro.

“Com calcinha ou sem calcinha?” ela diz, batendo seus longos cílios para mim.

“Sem,” ordeno, já sentindo meu corpo tensionar com antecipação.

Eu nunca a vi nua. Sempre que brincamos, ela está coberta por sua calcinha. Nunca vi uma buceta na vida real, na verdade. Apenas imagens ou vídeos, quando era depravado o suficiente para ver pornô no computador. Apenas espero que eu não a ataque quando ela se mostrar.

Ela sai da cama, tira a calcinha e então volta a subir rapidamente – antes que eu possa ver qualquer coisa. Eu me sento e empurro as cobertas para baixo dos meus quadris e deslizo a mão para dentro do meu short. Estou com tanto tesão pelo que está prestes a acontecer que provavelmente poderia gozar apenas com essa provocação.

Ela vai e inclina suas costas contra o pé da cama. Seu rosto está vermelho brilhante agora, e sei que ela deve estar um pouco envergonhada de estar tão aberta e exposta. Ela respira fundo e depois lentamente espalha as pernas, puxando os joelhos para cima enquanto faz isso.

Sua bucinha perfeita é rosada e parece tão apertada. Suas dobras estão brilhantes de desejo e seu clitóris espia entre elas, apenas implorando para ser tocado. Eu lambo meus lábios, focando entre suas pernas enquanto acaricio meu pau com mais força.

“Toque-se.”

“Bray, eu não posso. Deixa-me sentar no seu pau e me esfregar nele até chegar ao orgasmo.”

“Não. Use seus dedos. Quero assistir enquanto se masturba. Com uma mão, enfie seu dedo lá dentro e com a outra, toque seu clitóris.”

Vejo que ela coloca o dedo na sua boca para umedecê-lo e então move-o para baixo, começando a esfregar seu clitóris. Finalmente fico frustrado com minhas limitações e afasto os lençóis e tiro meu calção completamente. Afasto as pernas e

começo a bater uma punheta bem forte. Uma mão subindo e descendo no meu pênis enquanto assisto ela mover sua outra mão para a buceta.

Começo a esfregar a palma da minha mão pelo meu peito e mamilos, fantasiando que aquela é a mão dela. Estou me tocando enlouquecidamente quando vejo que ela está gozando para mim. Vejo seu corpo tensionar e ela jogar a cabeça para trás com um grito, massageando o clitóris lentamente enquanto suas pernas travam e seus quadris se agitam. Vejo sua buceta pulsar em torno dos dedos, desejando ter algo para apertar e meu pau vaza pré-goço, desejando estar dentro dela.

Depois de um momento, sua respiração se equilibra e ela me dá um tímido sorriso de satisfação.

“De novo.”

“Bray...”

“De novo, Tink. Agora.” Posso ouvir a súplica na minha voz, mas não me importo. Preciso assistir de novo.

Ela afasta as pernas ainda mais e começa a esfregar novamente. Minhas ordens a deixam ainda mais excitada e seu segundo orgasmo não demora. Em poucos minutos ela goza outra vez.

Assistir sua buceta apertar em torno de seus dedos novamente é tudo que posso suportar. Quando o orgasmo a toma, fico de joelhos e vou até o fim da cama. Tenho a súbita e bárbara necessidade de marcá-la. Quero ter algo meu tocando nela.

“Deite-se,” ordeno e ela se move para aquela posição.

Ainda não parei de esfregar meu pau desde que ela tirou sua calcinha. Então, só preciso de dois apertões mais fortes para começar a ejacular em cima dela. Grossos jatos de porra se

espalham sobre sua barriga suave. A visão disso faz outra rodada de gozo jorrar. Até que termino de ordenhar toda minha porra, sua linda barriga está coberta.

“Minha.”

“Como?” pergunta Mark e pisco os olhos, tentando focar em onde estou.

“Perdão?”

“Você acabou de dizer ‘minha’. Nós erramos ao considerar o proprietário da área?”

“Não, não. Desculpe. Achei que estivéssemos discutindo outra coisa.”

Mark olha para mim como se quisesse se certificar que não estou morrendo. E isso é correto já que eu nunca me enganei sobre nada que estivéssemos discutindo antes.

Neste momento meu telefone toca.

“Hank está aqui para vê-lo, senhor.” Diz Cindy e fico grato pela interrupção.

“Senhores, se puderem me desculpar, mas preciso entrar em outra reunião agora.” Fico de pé e o time deixa minha sala. Apenas um segundo depois dos homens saírem, Hank entra em minha sala.

Ele é um cara grande, mas que se mistura e consegue se infiltrar de forma a não chamar atenção. Altura média, rosto mediano. Praticamente a pessoa perfeita para não chamar a atenção para si mesmo – incluindo a atenção da lei.

Caminhamos em direção às poltronas que ficam de frente uma para outra e cada um de nós se senta em uma delas.

“Então, atualize-me. Sei que você tem novidades.” Começo. O melhor, com Hank, é ir direto ao ponto.

Ele pega um envelope pardo de dentro de seu casaco e o abre. Ele escreveu um relatório e acrescentou fotos. “Eu mantive um cara na cola de Sam durante as últimas semanas, mas pelo que posso lhe dizer, não resultou em muita coisa. Ele voltou para o motel onde ela ficava anteriormente algumas vezes, mas a maior parte do tempo ele tem ficado no armazém de Nico na Queen Street. Ele parece estar bem envolvido no negócio, fazendo entregas e ficando próximo de Nico.”

“Eu não quero saber o que Nico está aprontando. Só quero ter certeza que ele não virá atrás de minha garota.”

“Sua garota?” Diz Hank, dando-me um meio sorriso.

Dou a Hank um olhar que lhe diz que ele está passando dos limites e ele volta a me passar o relatório.

“Dei uma perguntada por aí e consegui algumas informações que podem lhe interessar. Aparentemente, o querido irmãozinho estava com uma dívida tão grande com Nico que não havia mais jeito de pagar. Assim, ele precisava trabalhar para pagar ou aparecer com alguma outra ideia que pudesse quitar seus débitos.”

“O que quer dizer com ‘outra ideia?’”

“Nico está metido em algumas coisas bem pesadas. Comércio de armas, tráfico de drogas e, segundo alguns boatos por aí, exploração de mulheres.”

Meu coração para de bater com suas últimas palavras e sinto o sangue deixar meu rosto.

“Sim. É exatamente o que está pensando. Nico quer Rebecca. Acho que ele preparou alguns negócios bem ruins para Sam, para que Sam ficasse lhe devendo uma grana tão preta,

que esta seria a única saída. Apesar disso, pelo que ouvi por aí, ele não está pensando em vendê-la. Acho que ele simplesmente a quer para si. Mas meu conselho para você é: corte a relação pela raiz antes de se enrolar nesta história. Nico não é um cara que você quer atrapalhar.”

Olho para Hank e ele apenas balança a cabeça.

“Achei mesmo que pensaria assim. Olha só: não vou a nenhum lugar e se isso acontecer, sei que podemos lidar com a merda. Mas que tipo de amigo eu seria se não o avisasse?”

“Eu entendo,” digo, concordando com a cabeça. Esta é a única resposta para o que ele está me contando. Não posso deixar Rebecca. Não agora. Nunca.

“Investiguei Nico tanto quanto possível. Para mim, parece que a melhor opção que temos seria oferecer a ele outra coisa que ele quer tanto quanto Rebecca. Ou derrubá-lo. Vou continuar procurando outras opções, mas por enquanto é isso.”

Não tenho dúvidas que Hank pode derrubar Nico sem titubear. “O que ele pode querer mais do que ela?” Pergunto, já que não posso pensar em nada que seja mais valioso que ela. Quantas vezes encontra uma fada?

“Não sei. Mas se as coisas ficarem feias, está pronto para seguir por este caminho?”

Aceno em concordância e esta é toda confirmação que Hank precisa. Ele pega o envelope e volta a colocar tudo dentro da jaqueta, saindo do escritório. “Não existe a menor chance de eu deixar Nico ou qualquer outra pessoa colocar suas mãos na minha Tinkerbell.”

Depois que ele fecha a porta atrás de si, continuo sentado na poltrona, meus cotovelos sobre os joelhos e meus dedos em frente à boca. Relembro de tudo que fiz para chegar até onde

estou hoje e tudo que sou capaz de fazer para continuar minha vida do jeito que quero.

Fico ali sentado até que o sol se põe e Cindy entra na minha sala para avisar que está indo embora.

“Boa noite,” digo e checo as horas. São quase oito e preciso ir para casa. Para minha fada.

“Tink?” Chamo ao entrar na cobertura. Ao entrar pela porta, a primeira coisa que vejo é uma das pinturas de Rebecca e isso me faz sorrir. Minha casa nunca me pareceu vazia antes, mas ver as pinturas dela nas paredes faz deste lugar um lugar mais feliz para se voltar ao fim do dia. Quero cada centímetro de minhas paredes cobertas por ela. O sorriso que a pintura dela me deu congela no meu rosto quando entro na cozinha e percebo que há apenas um lugar posto. E é no balcão da cozinha, ao invés de dois lugares à mesa de jantar, como normalmente comemos nosso jantar.

Ando por toda cobertura, procurando por Rebecca e chamando seu nome. Como última opção, vou até a sala de ginástica e a encontro na esteira. Ela está vestindo calças de ioga justas e uma camiseta curtinha rosa. Instantaneamente fico duro de olhar seu corpo suculento e penso em todas as coisas que gostaria de fazer com ela.

“Você não vai jantar comigo?” Pergunto, mas ela não olha para mim.

“Não.”

Seu tom me deixa surpreso. “Está tudo bem?”

“Está tudo certo, Sr. Spencer,” ela responde, mas ainda sem fazer contato visual. Ela pisa na esteira como se eu a houvesse ofendido pessoalmente. E não tenho a menor ideia do que aconteceu.

“Por que está me chamando assim? O que aconteceu Rebecca?” Minha ansiedade começa a subir e tento pensar no que pode ter acontecido desde o momento em que a vi.

Finalmente ela me dá um olhar e responde. “Nada. Está tudo perfeitamente em ordem. Aprecie seu jantar.”

Raiva percorre meu corpo e não posso mais aceitar esta atitude comigo. Não quando ela está me afastando. Não penso no meu controle ou no fato desta situação estar fora do meu alcance. Eu simplesmente reajo. Dou a volta, paro em frente à máquina e aperto o botão de emergência.

Por um segundo entro em pânico, pensando que ela pode cair. Mas ela se endireita e desce da esteira, me empurrando com o ombro ao passar por mim.

“Rebecca, não fale comigo deste jeito e não me deixe aqui falando sozinho.”

Ela se vira antes de sair da sala e me dá um olhar que deixaria homens menores de joelhos.

“Eu nunca vou mudar por sua causa e com certeza não vou me desculpar por ser quem eu sou. Se não sou suficientemente boa para ser sua em público, então também não sou boa o suficiente para ficar com você de noite, quando está de pau duro.”

Ando até ela com a intenção de tocá-la. A necessidade de lhe dar um pouco de conforto está me consumindo, mas ela dá um passo para trás.

“Não. Você não terá mais o privilégio de me tocar. Nunca mais.” Ela se vira e sai da sala de ginástica. Eu deixo escapar um grito de frustração. O que foi que acabou de acontecer?

Vou atrás dela até a suíte máster e a vejo saindo do closet carregando uma bolsa.

“O que está fazendo?” Pergunto em pânico. Meus níveis de estresse estão explodindo e não sei o que fazer. Isso não pode estar acontecendo.

“Estou levando minhas coisas para o quarto de hóspedes. Não se preocupe. Vou embora assim que encontrar outro emprego.”

Meu pânico aumenta ainda mais e me coloco em movimento. Eu me apresso e pego a bolsa de suas mãos, jogando-a no chão. Envolver meus braços em torno de sua cintura e a levo para a cama. Eu finalmente me permiti tocá-la e fiz isso sem pensar. Minha ansiedade não está me envolvendo. Em vez disso, parece natural ir até ela e impedir que ela saia, seja do que jeito for.

“O que está fazendo Bray? Solte-me!” Ela grita enquanto eu a carrego pelo quarto, seus braços e pernas se agitando.

“Nós vamos esclarecer tudo que está nesta sua cabeça. E vamos fazer isso agora.”

Eu a jogo sobre a cama e então me coloco em cima dela. Eu seguro seus braços e pernas para baixo, pois ela continua tentando me atacar. Não quero que ela se machuque assim. Dentro da minha cabeça, fico repetindo o mantra que não posso

machucá-la. Não sou meu pai e prefiro morrer a punir minha fada deste jeito.

Preciso acalmá-la e fazer com que me conte o que está errado. “Converse comigo,” digo e ela vira sua cabeça para longe, para não olhar para mim. “Por favor, Tink,” eu imploro. Não consigo me lembrar de quando foi a última vez que usei as palavras ‘por favor’.

E então vejo suas lágrimas.

“O que foi que eu fiz? Por favor, seja lá o que tenha acontecido... Eu vou consertar.” Meu coração dói ao sinal de suas lágrimas e com o pensamento que posso ter feito algo para magoar minha preciosa Tinkerbell.

Seu peito sobe e desce enquanto ela luta com seus soluços. “Você estava tão envergonhado de mim,” ela sussurra e mais lágrimas caem.

“Ai, Rebecca... Por que diz isso?”

“Por causa de hoje. Quando estive em seu escritório. Você disse que eu precisava de roupas novas.” Ela volta sua cabeça e olha dentro dos meus olhos. Ali posso ver toda mágoa e dor que ela vem segurando. “Na frente de todo mundo.”

“Ah, minha querida Tinkerbell. Não foi isso que quis dizer... sinto muito. Eu simplesmente me sinto possessivo sobre você. E ter aqueles homens vendo-a vestida de um jeito tão sexy me deixou maluco. Não posso nem imaginar outra pessoa olhando-a com este tipo de olhar.” Sinto-a amolecer com minha declaração e continuo falando. “Você é minha e o que nós dois fazemos juntos é privado. Nunca tive nada nem parecido com outra pessoa antes e eu não quero dividir você com ninguém. Foi o meu egoísmo que reagiu hoje. Não foi nada que você possa ter feito.”

“Seja como for”, ela responde e revira os olhos. “Tenho certeza que você se divertiu bastante com as pessoas com quem se envolveu antes.”

Eu respiro fundo e admito o que tenho tido vergonha de lhe dizer até agora.

“Nunca estive envolvido com ninguém antes.”

“Então só transa com outras mulheres, mas não comigo? Acho que não sou suficientemente boa para isso também. Sou?”

Seguro mais forte os pulsos dela quando sinto que ela tenta se afastar.

“Não. Não foi isso que quis dizer.” Respiro fundo outra vez e tento fazer com que ela entenda. “Eu disse... O que preciso te dizer... O que estou tentando te contar é que... Nunca fiquei com ninguém antes de você.”

Sinto minhas bochechas corando e ela me olha com curiosidade.

“Você é virgem?” ela pergunta com os olhos vasculhando meu rosto.

Concordo com a cabeça e espero que ela comece a rir de mim.

“O quê? Como? Por quê? Você está me zoando? Quantos anos tem?”

“Não fique tão surpresa. Você também é virgem. E para seu registro, tenho trinta e dois anos. Vai me contar sua idade verdadeira agora?”

É a vez dela ficar corada e evitar contato dos olhos. Solto um dos pulsos e toco sua face, fazendo-a voltar a olhar para mim. “Dezoito,” ela murmura. Mas eu já sabia. Isso constava nos documentos de admissão da cafeteria e dei uma olhada em tudo,

antes de falar com o chefe dela sobre a mudança de comportamento.

“O que estamos fazendo é novidade para os dois. E é fácil de interpretar mal as coisas que digo, já que às vezes posso ser um idiota. Eu lamento Tink. Por favor, me perdoe.”

Ela sorri para mim e balança a cabeça. “Você não está bravo por eu ter mentido minha idade?”

“Não, fadinha, eu sei quantos anos tem. Só precisava que você confiasse em mim. E, para ser honesto, necessitava confiar em você também. Há uma enorme diferença de idade entre nós, mas você já viveu muita coisa para uma mulher tão jovem. E desde que te conheci, sinto-me vivo pela primeira vez.”

Sinto a tensão deixar seu corpo e não consigo evitar pensar sobre o quanto ela está linda, deitada em nossa cama. Suas bochechas estão ruborizadas e seu cabelo está espalhado atrás dela. Ela é a coisa mais linda que já vi, e neste momento, finalmente me deixo levar. Eu não sou meu pai e nunca serei. Rebecca é minha para proteger e cuidar, mas nunca para prejudicar. Sempre terei o medo no fundo da minha mente, mas não vou deixar isso ficar no caminho do que quero com ela. Nunca mais.

Inclino-me lentamente para que ela saiba minhas intenções, e suavemente coloco meus lábios nos dela. É meu primeiro beijo, mas não lhe digo isso. Algumas coisas são melhores aprendidas através da experiência.

Seus lábios são cheios e macios. Fico surpreso com o quão quente sua boca é contra a minha. Quando sua língua sai para lambe meus lábios, sinto seu corpo se derreter contra mim. Deixei-a conduzir o beijo e começo a imitar o jeito como sua língua se move. Seu sabor doce é como o céu e penso que acabei de me tornar um viciado em beijos.

Nós nos beijamos, beijamos e beijamos mais. Não sei quanto tempo passa, mas eu poderia beijar minha doce Tinkerbelle pela vida inteira.

Depois de um tempo a sinto se mexer embaixo de mim. Suas pernas estão se enroscando nas minhas e suas mãos, que ficaram em meu peito até agora, se movem para minhas costas me puxando completamente sobre seu corpo. Fico de forma que parte do meu peso recaia sobre os cotovelos e continuamos a fundir nossos corpos com beijos e com o toque dela.

“Tire suas roupas Bray.”

Só então percebo que ambos ainda estamos completamente vestidos. Estou tão consumido pelos lábios dela que não percebi isso até ela mencionar. Agora, só consigo pensar em pele contra pele.

Salto para longe dela tão rapidamente que ela deixa escapar um pequeno suspiro. Com pressa, tiro minhas roupas e vejo quando ela senta e começa a tirar sua camiseta e top de ginástica. Assisto seus peitos balançarem com o movimento. Paro e fico assistindo-a.

“Vamos mesmo fazer isso, não vamos?” pergunto e há um pequeno tremor em minha voz.

“Ah, sim,” ela responde com um grande sorriso. Ela salta com entusiasmo e começa a remover suas calças de yoga e calcinha. Em segundos ela está na cama completamente nua e eu estou meio despido apenas observando-a.

Ela inclina a cabeça para o lado e me dá um sorriso suave. “Tudo bem, Baunilha. Estou um pouco nervosa também.”

Sorrio ao ouvi-la dizer meu apelido e percebo que este é um momento especial para nós dois. Esperei a vida inteira por ela e vou aproveitar cada segundo.

Termino de tirar minhas roupas e rastejo para cima da cama. Então me movimento, escorrego as mãos para cima, por sobre as pernas dela. Paro e olho para baixo, admirando sua linda buceta. Gentilmente, empurro seus joelhos e me inclino para baixo.

“Bray?”

“Shhh, Tink. Relaxe. Gostei tanto de beijar sua boca. Quero beijar estes lábios aqui também.” Eu me inclino, coloco o nariz contra seu monte e apenas a inspiro. Seu cheiro é tão deliciosamente perfeito. Melhor do que qualquer coisa que possa imaginar ou descrever. Faz surgir água na minha boca e me inclino para experimentar seu gosto.

Assim que seu sabor atinge minha língua percebo que posso me viciar em beijá-la aqui também. Beijo sua buceta como ela beijou minha boca. Golpes de língua lentos intercalados com pequenas mordiscadas. Sinto o corpo de Rebecca respondendo e continuo fazendo isso. Nunca fiz algo assim antes, mas quero fazê-la gozar. Quero fazê-la se sentir tão bem quanto ela me faz.

Eu me inclino e ela se senta, olhando para mim.

“Diga o que precisa, Tink.”

“Mais, Bray. Não pare.”

Ela agarra meus cabelos curtos com as duas mãos e coloca meu rosto de volta em sua buceta.

Gemo de prazer e volto a amar seu corpo. Eu me lembro, das vezes em que a assisti se masturbar, de como ela gosta de se dar prazer. Então, gentilmente insiro meus dedos dentro dela e chupo seu clitóris. Em poucos segundos ela está me agarrando e gemendo meu nome. Quero dar a ela mais destes orgasmos, mas agora, o que mais quero é estar dentro dela.

Dou um último beijo naquela doce bucinha e começo a subir por seu corpo, até ficar em cima. Tenho um pequeno pensamento sobre medidas anticoncepcionais. Mas então penso no que significaria engravidá-la. Ela seria minha, nada mais importaria. Para sempre. Ela nunca poderia me deixar.

O pensamento deixa meu pau dolorido ainda mais duro e eu a beijo possessivamente. Mesmo beijando sua boca, ainda posso sentir o gosto de sua buceta e isso me deixa selvagem. Afasto-me um pouco e tento respirar antes de dizer o que preciso.

“Não quero nada entre a gente.”

Não lhe dou tempo para responder antes de beijá-la de novo e ela envolve os braços e pernas ao meu redor.

Meu pau está duro e vazando em todos os lugares. Eu movo meus quadris apenas um pouco e posso sentir sua entrada abraçando minha cabeça. Sua buceta pulsa e parece que ela está me dando um beijo com sua abertura.

Eu te amo, penso, mas não digo em voz alta. Não posso suportar a ideia de não ouvir de volta agora. É tão repentino, e tão cedo, mas é o que sinto por dentro pela primeira vez na vida.

Em vez de dizer isso a ela, olho em seus olhos e assisto seu rosto enquanto entro nela pela primeira vez. Ela fecha os olhos com força como se estivesse sofrendo, e quase desmaio com a sensação. Nunca experimentei algo tão maravilhoso em toda a minha vida. Ela é tão apertada e quente, que a pressão parece querer ordenhar a porra para fora do meu pau. Tenho de tomar grandes respirações, engolindo ar para não gozar já na primeira investida.

Sacudo a cabeça um pouco e tento me concentrar na dor dela. “Tudo bem, Tink?” Pergunto e me abaixo para suavemente beijar seus lábios.

Agora ela está respirando normalmente e me dá um leve aceno, sem muita segurança. “Só vá devagar, ok?”

Concordo e me puxo um pouquinho para fora antes de lentamente voltar para dentro dela. Tenho que forçar um pouco meu caminho para dentro de sua apertada buceta e a cada empurrão, mais líquido pré-goza vaza de mim. Tento não pensar em estar deixando rastros de sêmen dentro daquela bucinha intocada a cada investida. Se pensar em como estar deixando-a grávida a cada segundo que passa, serei completamente drenado.

Depois de entrar mais algumas vezes, minha fadinha está relaxada e passa a mover os quadris junto comigo.

“Você é tão perfeita, Tink. Tão pequena e apertada. Sua buceta é tudo o que esperava minha vida inteira. Obrigado.”

Ela ri um pouco. “Você está me agradecendo?”

“Se tivesse alguma ideia de como isso é bom, você entenderia. Vou mandar uma cesta de frutas amanhã para sua buceta. Como agradecimento.”

Ela ri outra vez e seu riso se transforma num gemido quando movo-me com mais força.

Ambos estamos no limite e vamos gozar em apenas alguns momentos, mas sei que estou mais perto que ela. Coloco a mão entre nossos corpos e começo a esfregar seu clitóris ao mesmo tempo em que tomo sua boca. Sinto o corpo dela tensionar e começar a tremer. Ela está no mesmo ponto que eu. Ao sentir o aperto de sua buceta, finalmente permito que o orgasmo tome conta de mim. Ela quebra nosso beijo para jogar a cabeça para trás e gritar com sua libertação, e empurro forte uma última vez, esvaziando meu pau dentro de seu corpo.

Com sorte, minha semente vai se fixar e ela não será capaz de me deixar. Este pensamento traz um grande sorriso ao meu rosto e quando minha pequena fada desce de seu orgasmo, ela olha para mim e sorri de volta.

Meu gozo escorre do entorno de meu pau e penetra por entre sua bunda e ela se agita um pouco com a sensação. Começo a fode-la de novo e um olhar de surpresa atravessa seu rosto.

“Não achou que uma vez seria suficiente, não é?” Pergunto e reclamo sua boca novamente.

Não sei quantos orgasmos são necessários até que finalmente me retiro de dentro dela. Quando o faço, seguro-a nos braços até ela adormecer. Ela achou que era porque eu a queria em meus braços – o que quero. Mas também, quero garantir que meu esperma fique dentro dela pelo maior tempo possível.

CAPÍTULO SETE

BECS

Acordo no momento em que uma língua morna circula meu clitóris, lentamente provocando e batendo em meu botão, enviando ondas vibrantes por todo meu corpo.

“Bray,” gemo, levantando os quadris para empurrar minha buceta mais para perto de sua boca. Sua língua quente e úmida se gruda ao meu clitóris. A sensação faz meu corpo se curvar da cama. Como resposta, as mãos dele agarram meus quadris e me forçam de volta no colchão, impedindo meus movimentos.

Ele rosna em volta do meu clitóris, empurrando a boca contra minha buceta. É sempre assim com ele. Como se não se cansasse de mim. Ele sempre parece querer entrar mais profundamente dentro de mim, não importa se é com seus dedos, pau ou boca. Sua intensidade me assusta às vezes, mas nunca me senti mais desejada na vida. Completamente segura, nada pode me tocar, exceto ele. É assim que me senti desde que o controle que ele estava usando para se manter a distância foi quebrado em mil pedaços. São peças demais para serem colocadas de volta juntas novamente. Meu corpo é dele, para controlar ou usar como ele desejar.

Agarrando a colcha, meus dedos seguram o material como se eu estivesse tentando me ancorar. É tão fácil se perder dentro disso tudo e esquecer quem sou. Ele toma meu clitóris na boca,

sugando num frenesi contínuo. As sensações disparam em meu cérebro, fazendo minhas coxas se abrirem mais para dar-lhe tudo de mim.

“Não goze ainda. Espere só mais um pouco, Tinkerbelle. Quero curtir isso.”

Apertando meus olhos deixando-os mais fechados e luto contra o orgasmo. Posso sentir minha respiração ficar mais forte, minha buceta doendo para ser preenchida.

“Olhos em mim, Tink. Quero que me assista tomar você.”

Olhando para baixo de meu corpo, para ele, a intensidade de seus olhos faz eu me contorcer, apesar dos quadris imobilizados. Ele corre sua boca sobre minhas dobras, sugando gentilmente, raspando seus dentes contra meu clitóris e depois, batendo rudemente contra minha fenda – sem nunca quebrar o olhar.

A sensação é demais e tento fechar minhas pernas, mas ele se inclina para a frente, bloqueando-me com os ombros amplos.

“Minha!” ele rosna, colocando sua boca completa em mim, atacando meu clitóris. É como se ele achasse que eu tiraria minha buceta dele.

Gozo com seu nome em meus lábios, tremores sacudindo meu corpo. Ainda estou buscando ar quando Bray fica de joelhos e puxa minha bunda sobre seu colo, entrando em dentro de uma só vez. Minhas costas se curvam na cama, minha dor de ser preenchida sendo finalmente aplacada. Sinto que o corpo dele estremece em resposta ao aperto de minha buceta e a sensação é divina.

Agarrando meus quadris mais uma vez, ele começa a empurrar. Lento, mas forte. Posso vê-lo lutando contra seu

próprio orgasmo. O olhar em seu rosto é mortal, mas sei que é o único que ele tem quando está lutando para retomar o controle e eu estou o fazendo perder.

Seus olhos focam em meus seios que com cada movimento, saltam em movimento. Nas últimas semanas é como se eu tivesse me tornado seu vício. Ele não consegue parar de me tocar, de me olhar ou de me fazer dizer que sou dele. Eu deveria estar fugindo, mas adoro isso. Anseio fazer ele me desejar mais, eu o seduzo a perder o controle.

“Vai gozar para mim novamente, Tink? Quero ver desta vez. Mostre-me seu clitóris.”

Alcanço para baixo, afasto os lábios de minha buceta, expondo meu clitóris para ele.

“Não toque nele,” ele rosna e sei que ele está falando do meu clitóris. É irônico que ele antes curti ficar me assistindo gozar sozinha, mas agora parece com ciúmes quando eu mesma me toco. Ele parece não suportar não ser o único responsável a me dar prazer.

“Olhe pra ele,” ele diz, referindo-se ao meu clitóris enquanto continua entrando em mim. “Está implorando pra ser tocado, enchido e devorado apenas por mim,” ele murmura, falando mais para si mesmo, enquanto olha para minha buceta, assistindo seu pau desaparecer dentro de mim, meu clitóris implorando por ele.

“Por favor,” eu imploro, precisando de só mais um pouquinho para que eu possa gozar outra vez.

“Peça e eu vou dar a você, minha pequena fada.” Eu gemo com suas palavras. “Sei o que quer. Você me quer gozando dentro de você.”

“Oh, Deus. Por favor, por favor, me encha Bray.”

Então seu polegar está no meu clitóris, fornecendo a pressão que preciso, e gozo novamente. Meu orgasmo é longo e doce, minha buceta agarra seu pau como se eu estivesse tentando ordenhar a porra dele para me encher.

Bray abaixa seu corpo no meu, enterrando o rosto no meu pescoço. Ele empurra-se mais fundo, esmagando-se dentro de mim, e gozando como um louco. Posso sentir a força deixando seu corpo enquanto suporto a maior parte de seu peso.

Nós dois ficamos deitados por um longo tempo. Estou temendo que ele saia para o trabalho, pois aí não vou vê-lo novamente até esta noite. Ele me liga durante o dia todo, mas não é a mesma coisa. Mesmo que ele tenha se desculpado sobre minha última visita ao seu escritório, ainda não voltei lá.

Ele me beija no pescoço e lentamente desliza para baixo e para fora do meu corpo, indo até o final da cama. Ele faz uma pausa e olha para mim, minhas pernas ainda abertas de seu ataque matutino. A visão de seu pênis semiereto coberto com nossos sucos faz minha buceta apertar, já sentindo falta dele dentro de mim. Quando ele saiu de mim, pude sentir seu esperma escorrendo pelas minhas dobras até a bunda.

Ele me olha fixamente, cativado. Colocando uma mão na cama, ele desliza seus dedos por minhas coxas e para minha buceta.

“Não lave isso. Quero que ande o dia todo comigo em você. Quando chegar em casa esta noite, vou enterrar meu rosto entre suas pernas, e é melhor você ainda ter meu cheiro. Entendeu, Rebecca?” Ele coloca como uma pergunta, mas seu tom diz o contrário.

“Talvez eu fique aqui o dia todo. Enquanto estiver no trabalho, saberá que estou na cama, de pernas abertas, esperando sua inspeção,” digo, tentando convencê-lo a ficar em

casa comigo. O homem trabalha demais. Mesmo nos fins de semana.

Seu pênis treme com minhas palavras, e fica totalmente duro novamente em meio segundo.

"Desculpe, pequena fada, mas tem um dia cheio hoje."

Gemo com o lembrete. Hoje à noite Bray tem um evento de caridade, do trabalho, para o qual está me levando.

"Você não quer ir?"

"Não, está tudo bem," falo, mas o olhar em seu rosto me faz pensar que talvez ele prefira levar outra pessoa. "Você não quer me levar?"

"Não é isso. É só que... Esquece." Diz ele, correndo os dedos por entre seus cabelos, algo que ele só faz quando está frustrado. Quero lhe fazer mais perguntas, mas não tenho certeza se quero saber por que ele está repensando quanto a me levar junto.

"A estilista estará aqui a uma, e estarei em casa por volta das seis."

"Estilista?" pergunto. "Tenho certeza que um dos vestidos no armário vai ficar bem." Nas últimas semanas o armário começou lentamente a encher-se com roupas que não coloquei lá. Não usei nenhuma delas, mas sei que tem algo lá para usar no evento. Nada que eu possuo é formal o suficiente para esta noite, e parece que metade do armário está cheio de vestidos de noite.

"Cabelo e maquiagem," ele diz simplesmente, como se fosse normal ter alguém fazendo seu cabelo e maquiagem. Eu mesma pinto meu cabelo e meio que só jogo o roxo e rosa para todo lado. Talvez ele não goste do meu cabelo. Também não tenho nenhuma maquiagem, e é um lembrete amargo de que não sou

como as outras mulheres de seu mundo. Mas, esta noite, eu posso tentar. É apenas uma noite, e não deixei esta cobertura no que parece ser para sempre. Toda vez que preciso fazer alguma coisa, descubro que Bray está cuidando disso para mim. Às vezes acho que ele não quer que eu deixe os confins deste lugar.

“Bom”, ele diz e vai para o banheiro. Ouço o chuveiro ligar, e rolo para alcançar meu telefone. Tenho uma mensagem.

Sam: Preciso te ver.

Pavor enche meu estômago. Não tenho certeza do por quê. Tenho tentado ter notícias de Sam há semanas, sem qualquer sorte. Tenho estado preocupada, mas também aliviada por não ter sido necessário persegui-lo por toda cidade para ter certeza que está bem. Não tenho que me certificar que ele não está saindo com as pessoas erradas, mas talvez tudo o que fiz foi deixá-lo sozinho por muito tempo, e agora ele pode realmente estar em apuros.

“O que há de errado?”, diz Bray, interrompendo meus pensamentos. Devo estar deitada aqui preocupada por mais tempo do que pensei. Ele tem uma toalha enrolada na cintura, e lamento não ter ido me juntar a ele no chuveiro. É algo que ainda não fizemos, mas que definitivamente está na minha lista de coisas para fazer.

“Apenas Sam,” respondo e vejo que o rosto dele se torna frio. Eu ignoro, já que toda vez que o nome de Sam é mencionado, Bray fica mais intrumetido que o normal. Ele acha que está sendo esperto, oferecendo-se para cuidar das coisas quando se trata de Sam. Como deixar o dinheiro para ele, ou pagar o aluguel, mas sei que ele não gosta que eu fique perto de Sam. Também sei que se abordar o assunto provavelmente será uma briga, algo que Bray e eu realmente não tivemos ainda e que não estou ansiosa para experimentar. Gosto do novo Bray, ele é doce, apaixonado e

não estou com vontade de ter aquele olhar frio que ele dirige a todo mundo recaindo sobre mim.

Ele continua a me olhar, esperando que eu lhe dê mais informações.

“Ele quer se encontrar comigo.”

“Não.”

Estreito meus olhos com sua resposta. Não? Como se ele pudesse me dizer o que fazer.

“Eu vou vê-lo se eu quiser,” digo, ficando brava dele achar que pode mandar em mim do jeito que manda em todos com quem fala. Ele não entende quantas vezes Sam me protegeu de coisas que podiam me assombrar, das surras que levou no meu lugar. Se eu puder protegê-lo agora, então eu o farei.

Bray dá um passo para trás e vejo que ele está pensando cuidadosamente em suas próximas palavras. Se ele disser a coisa errada, posso fugir, e ele está certo. Eu posso. Não gosto de ser enjaulada e esse é o sentimento que estou começando a ter. Se ele acha que pode controlar o que posso ou não fazer, ele está enganado.

“Apenas quis dizer por hoje,” ele finalmente diz e não tenho certeza se acredito. Ele caminha até mim e carinhosamente segura meu rosto com suas grandes mãos, pressionando sua testa na minha.

“Nós temos muita coisa acontecendo hoje. Podemos lidar com isso amanhã? Tenho três reuniões, e o evento de hoje à noite, Tink. Não quero ter mais coisa nas mãos.”

Eu amoleço com suas palavras. Ele está dizendo isso como se nossos dias fossem entrelaçados e como se qualquer assunto meu fosse assunto dele também. É gostoso pensar que outra

pessoa está comigo, que não preciso me preocupar com ela, mas que a mesma se preocupa comigo.

“Ok,” digo, colocando meus lábios sobre os seus para um beijo suave. Bray empurra sua língua dentro de minha boca, aprofundando o beijo até que fica em cima de mim. Eu me mexo e tento tirar sua tolha, mas ele segura meu pulso, parando meu movimento.

“Eu preciso ir,” ele diz por entre dentes cerrados. Eu me deixo relaxar contra a cama e tento esconder meu desapontamento. Venho tentando fazê-lo trabalhar menos, tentando-o a ficar em casa comigo por mais tempo, mas parece que nunca dá certo. Pergunto-me se ele será assim para sempre, mas logo afasto tal pensamento. Não serei dele para sempre. Isso é apenas temporário. Uma garota como eu não tem um final feliz com um cara como Bray. Mas sempre serei sua primeira.

Depositando um último beijo em meus lábios, Bray se atira para fora da cama e termina de se arrumar.

“Amanhã, certo, Rebecca?” ele pergunta antes de se dirigir para a porta. Sei que quando ele usa meu nome verdadeiro, ou estou com problemas, ou ele está falando muito sério.

“Vou ligar para ele amanhã,” confirmo, não querendo entrar nisso agora. Ele está certo: temos muita coisa acontecendo hoje.

Concordando com a cabeça, ele sai pela porta.

Horas mais tarde a estilista aparece e começa a fazer sua reforma. Posso ver pelo olhar no rosto dela que não fica muito feliz em me ver. Na verdade, está puta porque terá que tingir meu cabelo.

“O rosa e o roxo precisam ir embora,” ela diz, olhando para meu cabelo.

“Não. Eu gosto.”

“Certo. Se quer embaraçar o Sr. Spencer no evento, deixa isso para lá.” Ela diz e sinto meu estômago dar um nó. Talvez ela tenha razão. Seria melhor me integrar e passar por esta noite. Não consigo nem imaginar me vestir e sair pela porta, pois estou muito nervosa.

Concordando ela começa a trabalhar e não fala muito sobre o que está fazendo com meu cabelo. Enquanto minha nova tintura está agindo, ela resolve escolher o vestido para que possa combinar a maquiagem. Seja lá o que isso signifique. Não entendi ao certo. Ela vai ao closet e depois de alguns momentos volta com um vestido longo, sem alças, azul marinho.

Quatro horas mais tarde, eu mal consigo me reconhecer no espelho. Eu estou bonita, realmente linda, mas não me pareço nada comigo.

As sardas que salpicam meu rosto se foram, debaixo de camadas de base, blush e pó bronzeador que ela passou. Não perguntei o que era cada coisa, mas acho que a mulher quis me ensinar enquanto trabalhava. A maquiagem em meus olhos está pesada e parece que eles ficaram num tom de roxo mais suave. A maquiagem está impecável, mas não é algo a que eu esteja acostumada e pareço muito mais velha do que meus dezoito anos.

Ela acabou descolorindo meu cabelo, então está próximo da minha cor natural, como era antes de eu começar a colorir minhas mechas. Meus cachos loiros e brilhantes estão torcidos na base da nuca num coque apertado e minha franja está penteada de lado. Não é doloroso, mas realmente não acho que consigo virar minha cabeça para o lado, sem virar o corpo junto.

Estou relutante quanto ao vestido, pois meus seios são enormes, mas seja quem for o responsável pela compra do

vestido, arrasou. Ele serve perfeitamente debaixo dos braços e me segura bem firme. Ele é justo, sem estar muito apertado e, preciso dizer, ficou maravilhoso nas minhas curvas. Não sei como vou aguentar mais do que uma hora em cima dos sapatos de salto que combinam com o vestido sem me matar, mas pelo menos o vestido me dá um pouco mais de confiança.

Especulo sobre o que Bray vai achar. Será que ele vai gostar deste look em mim, ou não? Parte de mim quer que ele ame e outra parte deseja que ele odeie. Que ele veja que isso aqui não sou eu e que não é alguém que quero ser. Tudo isso faz eu me sentir uma mentirosa e espero que ele seja capaz de ver isso.

A estilista vai embora um pouco antes das seis e quando estou me inspecionando no espelho, ouço a porta da frente abrir. Vou em direção a sala e ouço a risada de uma mulher. Circundando pelo canto, vejo um sorriso cruzar o rosto de Bray quando ele se vira para olhar a mulher desconhecida que está rindo.

“É assim mesmo? Aposto a conta Byron, como deve estar cheio disso.” diz a mulher, ainda com um riso na voz, sem perceber que entrei na sala. Ela é absolutamente deslumbrante. Ela, em seus saltos, é quase tão alta quanto Bray, com uma cintura fina e cabelo preto brilhante que cai logo acima de seus ombros. Sua pele pálida e cabelos escuros são um contraste audacioso contra seu vestido vermelho. Ela é mais bonita do que Cindy. Sua elegância e equilíbrio fluem sem esforço.

Normalmente, quando Bray chega em casa, a primeira coisa que ele faz é me procurar. Não importa onde eu esteja, ele me pega na parede mais próxima, fazendo-me dizer a ele o quanto senti sua falta. Lembro-me de sua promessa mais cedo, de me inspecionar quando chegasse em casa esta noite, mas parece que ele esqueceu.

“Eu juro. Ela é...” Suas palavras se interrompem quando ele me vê e o sorriso que estava em seu rosto desaparece. Ele olha para mim com olhos irritados enquanto o sorriso da mulher cresce ainda mais.

“Muito bem, não vai nos apresentar, B.?” a mulher pergunta. Perfeito, ela tem um apelido para ele. Tento esconder meu ciúme porque ela apenas me cumprimenta.

“Minhas desculpas, Chelsea. Esta é Rebecca, a mulher de quem eu estava lhe falando.” Não tenho certeza de quem sou para Bray, mas obviamente ele estava contando a esta estranha quem eu sou.

Chelsea se aproxima, pega minha mão para me cumprimentar, balançando-a e, surpreendendo-me, me puxa para um abraço. Quando ela se afasta, preciso olhar para cima de forma que possa ver seu rosto. Mesmo usando saltos altos, ela ainda é muito mais alta do que eu. O sorriso dela é tão aberto, que não consigo evitar e o retribuo.

“Cupcake?” ela oferece, segurando uma pequena caixa de confeitaria.

“Sim, obrigada,” digo, percebendo que estou faminta. Olhando de relance, vejo que Bray continua lá parado, com um olhar frio no rosto. Envia calafrios por minha espinha.

“Dê o fora, B. Deixe as senhoritas fazerem um lanchinho enquanto coloca seu smoking.”

“Só vai levar um momento,” ele diz, mas parece que não quer deixar a sala. Depois de alguns instantes, ele se vira e vai para o quarto.

“Você não se incomoda se eu pegar uma carona com vocês, não é mesmo? Mesmo que B. não seja meu acompanhante, ainda

tenho que comparecer à caridade desta noite. Aparências e toda esta coisa...”

“É claro.” O que mais poderia dizer? ‘Não, quero ficar com Bray só pra mim?’ Sei que Bray disse que não ficou com ninguém antes de mim, mas a camaradagem entre os dois é inquietante. Ele parecia estar se divertindo até olha para cima e me ver.

“Isto é muito meigo de sua parte. Chocolate ou red velvet?” ela pergunta, indo para a cozinha e pegando pratos e guardanapos.

“Pode ser aquele que você não quiser.” Não quero parecer rude, então vou para cozinha com ela.

“B. sempre tem só coisas saudáveis em sua casa,” ela diz acenando e me passando o cupcake de chocolate. Dou uma mordida e solto um gemido. Não percebi o quanto precisava disso, até começar a comer.

“Então, como foi que você e B. se conheceram?” ela pergunta, sentando-se no balcão da cozinha. “Ele mencionou que havia alguém especial em sua vida, mas não deu detalhes.”

“Eu o estou ajudando enquanto fico aqui. Eu vivo aqui. Limpando, eu acho.” Por algum motivo me sinto envergonhada por ser a empregada.

“E você é a responsável por todas estas deslumbrantes pinturas que estão decorando as paredes?” ela pergunta, olhando em volta da sala, para minhas obras. Ela não comenta nada sobre o motivo de eu estar vivendo com Bray.

“Sim, são minhas.”

“Foi você quem as comprou ou quem as pintou?” ela questiona.

“Eu as pintei.” Sinto que fico corada com o olhar de outra pessoa sobre minhas obras.

“Você tem talento e as obras são deslumbrantes, assim como você. Amei ver toda esta vida na casa de B. Isso me deixa feliz por ele.”

Não tenho certeza do que ela está querendo dizer. Apenas concordo com a cabeça e dou outra mordida no cupcake. Estou me sentindo um pouco melhor, sabendo que ela gosta do meu trabalho. Odeio-o tanto, às vezes, que me sinto por fora neste mundo.

“Rebecca, gostaria de ser franca com você.”

“Por favor, me chame de Becs.”

“Ok, Becs. Quero ser bem honesta.”

Xiii, que merda. Lá vem. Talvez sua cortesia fosse apenas uma máscara, como a que Cindy parecia usar. Sempre que Bray está junto ela é uma santa. Mas assim que ele sai, vira um demônio.

“Você parece ser uma boa menina, só quero que seja cuidadosa.”

“Cuidadosa?” Eu pergunto.

“O mundo de B. é duro e não quero que seja comida viva. Eu nunca o vi tão feliz, então o que quer que esteja fazendo, continue.”

Antes que eu possa responder ou perguntar o que ela quer dizer com isso, Bray entra na sala. Não tenho certeza do que fazer. Normalmente ele me beija e me toca, mas agora ele parece estar mantendo distância e me deixando desconfortável. Talvez ele esteja vendo que não me encaixo em seu mundo afinal... Que no fim, as coisas não são assim tão boas.

“Pronta?” Ele ruge em sua voz forte e fria.

“Talvez eu só devesse ficar em casa e você ir com Chelsea.” Já não estou mais me sentindo com vontade de ir, com o comportamento de Bray, desde que chegou e com o comentário de Chelsea, minha vontade é rastejar de volta para cama. De preferência, de volta a esta manhã com Bray, onde éramos só nós e nada mais. Nós vivemos dentro de nossa bolha por tanto tempo que comecei a achar que não existia mais nada do lado de fora.

Os olhos de Bray se iluminam um pouco com meu comentário e sinto meu coração se quebrar um pouquinho. Mesmo depois da maquiagem e do vestido estúpido, ainda não me encaixo. Parece aquele dia no escritório dele novamente, só que desta vez é mil vezes pior, pois nas últimas semanas ele fez com que me sentisse querida, a verdadeira Becs. Quando somos somente nós dois, é esta que ele quer.

É como nos dias de orfanato, tudo de novo. Eu sempre tentando ser alguém que não sou. Tentando servir nos moldes de outra pessoa e nunca dando certo.

“Não seja boba. Você está absolutamente fantástica e B. vai exibi-la por aí.” Chelsea dirige um olhar mortal na direção de Bray. “Não vai, B.?”

“Chelsea,” ele resmunga como em um aviso.

Rolando os olhos, ela me dá as costas. “Nós vamos todos,” ela diz, pegando em minha mão e puxando-me pelas portas.

Quando chegamos à limusine, Chelsea e Bray conversam sobre trabalho e outras coisas que nem faço ideia. Eles parecem tão bem juntos. Por que ele não está com ela? Talvez agora que ele tenha experimentado sexo, ele comece a se abrir um pouco mais e experimentar também com outras pessoas. O pensamento

faz um soluço subir na minha garganta, e tudo que posso fazer é empurrá-lo de volta.

Não posso fazer isso. Estou me jogando muito profundamente dentro de um mundo que não me pertence. Num mundo no qual Bray parece não me querer também.

CAPÍTULO OITO

BRAY

Estamos na limusine a caminho do evento beneficente e olho Rebecca e vejo que ela está à beira das lágrimas. Sou um idiota. Não disse à ela que ela estava linda, mesmo ela estando. Estou apenas completamente chocado com a transformação, e não gosto disso.

Nós dois havíamos encontrado nosso ritmo nas últimas semanas e nunca estive mais feliz. Meu mundo está perfeitamente alinhado e em completa ordem, mas sei que a noite de hoje vai mudar tudo.

Chelsea tem sido extremamente tagarela desde que entrou na limusine, pois está tentando aliviar a tensão plausível, algo que sempre faz quando está nervosa. Eu e ela somos amigos desde o ensino fundamental e, apesar de gostar dela, meus sentimentos nunca foram além da amizade. Sempre a vi mais como uma irmã do que como mulher.

Ultimamente tenho estado tão absorto com minha fada que esqueci completamente que Chelsea viria. Tink tem consumido qualquer pensamento meu. Chelsea e eu sempre vamos a este tipo de evento juntos, já que nossas empresas de investimentos fazem doações generosas ao hospital infantil. Já faz mais de oito anos que comparecemos ao jantar juntos, mas este ano esqueci completamente. Só fui lembrar que

supostamente iríamos juntos quando Chelsea entrou no meu escritório com um vestido de gala. Eu a atualizei um pouco sobre minha situação no caminho para casa, mas não entrei em detalhes, já que meus pensamentos estavam dispersos.

Estou bravo comigo mesmo: minha vida é sempre tão organizada e estruturada e não me esqueço das coisas. Sou obsessivo com planejamento e não permito que as coisas se percam por aí. Esta noite esqueci Chelsea e posso ver como isso magoou Rebecca. Ela está olhando para fora da janela e respirando fundo. Ela está tentando controlar suas lágrimas com uma vontade férrea e finalmente quebro. Não consigo mais suportar continuar sem tocá-la. O que é insano, já que por toda minha vida sempre me desviei de qualquer toque. E agora, o toque dela é o que mais anseio.

Alcanço pelo banco do carro e entrelaço nossas mãos. Ela estremece ao primeiro toque e então fecha os olhos, ainda de frente para a janela. Corro a ponta de meus dedos pelo pulso dela e toco o grande bracelete que está ali.

Rebecca está lindíssima hoje à noite, clássica, como alguém que pertence ao meio. Tudo, da cabeça aos pés, é elegante e polido, exceto pelo bracelete. Sorrio ao tocar seu pulso, tenho certeza que o bracelete já era dela anteriormente. Sem chances da estilista ter trazido aquilo. Assim, instantaneamente, amo o bracelete mais do que qualquer outra coisa do mundo. É uma algema de plástico branca, coberta de brilhos. É a única coisa que ela está usando e que se parece com ela. Assim, continuo acariciando seu pulso e olhando o bracelete.

Rebecca finalmente se vira e travamos nossos olhos. Chelsea continua tagarelando, mas nós dois nos desligamos do que ela está dizendo. Neste momento, estamos apenas minha fada e eu sozinhos no mundo.

“Esqueci-me de lhe dizer o quão linda você está hoje, Tink.”

“Obrigada.”

“Desculpe. Eu deveria ter te avisado que Chelsea viria, mas também esqueci isso. Parece que você me distrai.”

Com isso ela me dá um pequeno sorriso e sinto como se o gelo entre nós estivesse sendo quebrado.

“Por favor, não fique chateada comigo. Não consigo imaginar que te deixei magoada.”

Ela toca minha bochecha e me dá um leve aceno com a cabeça, dizendo que está tudo bem. Talvez ela ainda não tenha superado completamente, mas posso sentir que está tentando me perdoar.

Olho Rebecca e não consigo evitar odiar o jeito como ela está vestida. Ela não parece minha Tink. Ela está usando maquiagem demais e o cabelo está todo errado. Ela tirou as mechas coloridas que tanto amo e já estou sentindo falta. Suas roupas são formais demais e os sapatos de salto parecem ser extremamente desconfortáveis em seus pequenos pés. Gostaria de tirá-los e massagear seus dedos. Meu peito aperta e não consigo superar o sentimento estranho que se apossa de mim.

Inspiro profundamente e percebo que minha ansiedade está de volta. Mentalmente, verifico minha check list e percebo que é porque estou levando Rebecca para um ninho de cobras esta noite. Tantas pessoas lá vão julgá-la e estou uma pilha de nervos. Nunca quis que ela ficasse em torno de algumas destas pessoas e tentei protegê-la pelo tempo que foi possível. Evitei sair com ela em público para mantê-la longe das manchetes da imprensa. Sempre há alguns paparazzis me seguindo, tentando conseguir um grande furo. Assim, estive escondendo-a deste pedaço da minha vida. Não é que não quisesse sair ao mundo com ela, é só que a quero protegida de qualquer coisa ruim, incluindo os cuzões que vamos encontrar hoje à noite, e que tem

mais dinheiro do que decência. Estes esnobes adoram fofocar e não gosto de lhes dar assunto. Minha Tinkerbelle é muito mais importante para mim do que qualquer outra coisa.

Depois de alguns momentos segurando suas mãos e olhando dentro de seus olhos, percebo que Chelsea parou de falar. Dou uma olhada e vejo que ela está jogando Candy Crush no seu celular, então ela deve ter percebido que ninguém a estava ouvindo. Volto a olhar minha Tink e ela toca meu rosto outra vez. Recosto-me em sua mão, absorvendo o conforto que ela está me oferecendo e percebo que minha ansiedade cede um pouco. Não estou pronto para fazer isso, mas saber que posso manter Rebecca ao meu lado durante o tempo todo e que serei tão protetor quanto possível me permite achar que conseguirei passar por isso sem maiores incidentes.

Alguns minutos depois, Hank para a limusine em frente ao local e o manobrista abre nossa porta. Saio primeiro e ofereço minha mão para Chelsea, ajudando-a a descer do carro. Assim que ela está de pé, alcanço para ajudar Rebecca, justamente quando ela engancha o salto na barra do seu vestido.

“Ai, merda.”

Eu a seguro justo a tempo de evitar que ela caia de cara do concreto, mas não antes que seu joelho bata no meio-fio.

“Caralho.” Ela grita e ecoa na frente do museu. Levanto meus olhos e vejo que um grupo de pessoas parou para encarar, sussurrando uns com os outros enquanto Rebecca tenta desenganchar o sapato de seu vestido. Pelo canto dos olhos vejo os flashes estourando e percebo que um grupo de fotógrafos está tirando fotos do incidente. Raiva percorre meu corpo e começo a tremer. Como eles se atrevem a olhar para ela como se fosse um acidente na rodovia!

Volto minha atenção à minha pequena fada e tento ajudá-la a se levantar. Chelsea chega ali tão rapidamente quanto eu e consegue soltar o vestido de Rebecca.

“Pronto,” diz Chelsea e ajuda Rebecca a ficar de pé.

“Vamos levá-la para dentro”, digo rapidamente e coloco o braço de Rebecca ao redor do meu para ajudá-la a ficar firme enquanto entramos.

“Eu sinto muito”, ela sussurra e ouço a vergonha em sua voz.

“Não se desculpe. Acidentes acontecem,” digo e ainda posso sentir a raiva me corroendo. Quero apagar esta lembrança da memória de todas as pessoas que viram aquilo acontecer e deletar qualquer fotografia que foi tirada, mesmo sabendo que estarão na internet antes mesmo da noite acabar. Ninguém ali merece colocar os olhos na minha fada. Eles não merecem vê-la tão vulnerável e precisando de ajuda. Tento inspirar e relaxar, desejando que nesta noite corra bem e que o menor número de pessoas possível tenha visto a cena.

“Está tudo bem, Becs. Uma vez enfiei meu vestido dentro do meu Spanx³ e passei três horas conversando com o Primeiro Ministro da Inglaterra antes que alguém me avisasse. Você vai sobreviver,” diz Chelsea enquanto aperta a outra mãozinha dela.

³ Spanx: lingerie modeladora que se usa por baixo de vestidos justos.

Depois de mais ou menos uma hora caminhando pelo enorme salão de festas e interagindo com o menor número de pessoa possível, sinto Rebecca relaxar um pouco. Não deixei que ela saísse do meu lado e segurei sua mão e pulso perto de mim. Sempre que sentia minha ansiedade me tomar, eu acariciava o bracelete no braço dela e me lembrava de quem ela era na verdade. Ela não é esta boneca enfeitada no meu braço, ela é minha Tinkerbell. Minha fada roubada, que capturei e jamais vou deixar partir.

“Bem, bem, esta deve ser a criança de boca suja que Bray trouxe esta noite.”

Sinto os cabelos de minha nuca se eriçar e travo minha mandíbula. Viro-me para ver meu antigo sócio Charles e sua esposa Dedra zombando de Rebecca.

Charles foi meu sócio logo que comecei nos negócios, mas então ele conheceu Dedra e nossa parceria se dissolveu. Acabei comprando sua parte e ele começou sua própria empresa de investimentos. Dedra é o motivo de não estarmos mais trabalhando juntos e é ela também que está tentando deixar Rebecca para baixo. Dedra é o tipo de mulher que adora fofocar, jogar merda no ventilador sempre que pode. É uma pessoa terrível. Se meu parceiro está disposto a dormir e se casar com alguém assim, não posso mais confiar em seu julgamento.

Sinto que Rebecca enrijece ao meu lado, e percebo que ela se lembra de Dedra da cafeteria naquele dia, quando falei mal dela. Sei que expliquei meu lado da história, mas tenho certeza que isso é desconfortável.

“Eu não te conheço de algum lugar?” Pergunta Dedra e inclina sua cabeça de lado. “Embora tenha certeza de que é impossível, a julgar pela sua linguagem.”

Abro a boca para defender Rebecca, mas ela é mais rápida do que eu. “Ah, sim. Eu bati o meu joelho como um filho da puta naquele meio fio lá fora. Sabe como crianças podem ser desajeitadas, né? Falando nisso: Papai, eu preciso fazer pipi. Já volto, tá?” Ela se inclina em minha direção e me dá um rápido beijo na minha boca aberta e então vai em direção ao banheiro.

Fico ali parado em choque. Então começo a gargalhar. Esta é minha Tink.

“O que foi que ela acabou de dizer?” Pergunta Dedra, ultrajada.

Olho para ela e vejo que está com um olhar chocado no rosto e gostaria de poder tirar uma foto. Então eu vejo Charles olhando Rebecca ir embora e ele tem um olhar lascivo em seu rosto. Apenas imaginar o que se passa na cabeça dele já deixa meu estômago virado e reajo.

Agarro a lapela do smoking dele e ele gira a cabeça de volta, em choque. Aproximo-me de seu rosto, de forma que apenas os dois possam ouvir o que vou dizer por entre meus dentes cerrados. “Não tenha nenhuma ideia com minha garota. E da próxima vez que sua esposa tentar deixar Rebecca envergonhada, vou contar para todo mundo nesta sala o quanto aprecia quando sua esposa coloca um strap-on⁴ e fica te fodendo enquanto usa um vestido. Ou já esqueceu que acabei presenciando esta cena?” Ele fica lívido e ouço um pequeno soluço de Dedra. “Sim, eu achei mesmo que não esqueceria. Eu apenas fui bondoso o suficiente até agora para nunca mencionar o assunto. Vocês dois fiquem longe dela e de mim. Não temos

⁴ Strap-on: uma espécie de cinta que tem um pênis acoplado a ela.

mais nada para discutir.” Com isso o deixo de lado e faço meu caminho entre a multidão tentando encontrar minha fada.

A caminho do banheiro, Chelsea me para. “Ela está no banheiro. Ela estava chorando, mas acho que agora já está melhor. Já chamei um carro para mim e ele já está a caminho. Sugiro que leve Becks para casa. Ela precisa de você.”

“Feito.” Digo isso e começo a me afastar. Antes de dar dois passos, me viro e digo “Ah, muito obrigado, Chelsea.”

“Você está brincando, né? Um dia, quando o príncipe encantado aparecer, espero que possa me retribuir o favor.”

“Eu farei.”

Depois de finalmente chegar ao banheiro, vejo Rebecca imediatamente. Eu me jogo para ela e ela se joga em mim. Nossas mãos se entrelaçam, juntas e misturadas. Isso aplaca minha raiva e ansiedade e me inclino para beijá-la suavemente nos lábios. “Vamos dar o fora daqui.”

“Você leu minha mente.” Ela responde e agarra minha mão, puxando pelo meio da multidão e para fora da porta principal. A limusine está parada na frente e olho em volta para descobrir onde está Hank. Localizo-o do outro lado da rua, ajudando Chelsea a entrar no carro que ela chamou.

Fico feliz por ele tê-la acompanhado. Começo a chamá-lo quando vejo que ele se inclina e dá um beijo em Chelsea.

“Caracas!” diz Rebecca em meio a uma risadinha e olho para ela e sorrio.

“Pois é, por essa eu não esperava.”

“Eu gosto dela.”

“E eu gosto de você,” digo e me abaixo para beijá-la outra vez. Estamos perdidos no momento quando ouço alguém limpar

a garganta e vejo que Hank voltou à limusine e está abrindo a porta para nós. Este foi o jeito discreto dele nos dizer para pararmos de agarrção em público.

“Então Hank. Andou dando algum beijo de boa noite ultimamente?” Pergunta Rebecca e ele fica vermelho. Acho que eu nunca vi o homem ficar tão tímido antes. Tento ajudá-lo a sair da situação.

“Entre no carro, Tink.” Digo e a ajudo a entrar antes mesmo que Hank possa responder.

Entro logo atrás e ele fecha a porta. O que quer que esteja acontecendo entre ele e Chelsea, não é da nossa conta.

Assim que estamos acomodados lá dentro, fecho a janela que nos separa de Hank. Ficamos completamente sozinhos ali atrás e pretendo fazer minha fada se contorcer. Olho para ela e sinto a necessidade de deixar minha Tinkerbelle suja.

Pegando-a de surpresa, com uma investida eu a levanto. Sinto os movimentos do carro enquanto a coloco deitada sobre o banco do lado. Deito-me inteiramente sobre ela e olho para baixo, para seus grandes olhos. Posso tê-la pego de surpresa, mas pela reação de seu corpo, ela está excitada.

“Você tem uma boca suja, não é mesmo, Tink?” Digo e me movo um pouco para baixo, mordendo sua clavícula. Seu vestido sem alças deixa a pele exposta e pretendo tirar proveito disso.

Ela geme quando meus dentes encontram sua pele e sinto que os batimentos cardíacos dela aceleram.

“Tem, não é, Tink? Você tem uma boca imunda e não está nem aí, não é mesmo?” Pressiono os dentes nela com um pouco mais de força e então dou uma lambida na marca para aplacar a dor.

Ela geme de novo quando minha língua a toca e então ela tenta falar. "Eu não dou a mínima para nenhuma dessas pessoas", diz ela, e pressiona os quadris contra minha ereção.

Não vou puni-la sexualmente, porque não quero ser o monstro que meu pai era. Então tenho que ter cuidado quando eu faço isso.

"Acho que precisamos lavar esta boca suja com alguma coisa para que você aprenda a lição."

Eu me sento e começo a abrir meu cinto e minha calça.

"Bray, o que está fazendo?"

"Não tenho sabão aqui. Acho que meu gozo vai ter que servir."

"Você quer lavar minha boca com o seu esperma?" Ela pergunta e faço que sim com a cabeça.

Seus olhos se arregalam e ela lambe os lábios em convite. Rastejo sobre seu corpo e coloco meus joelhos em cada lado de seus ombros. O assento da limusine é grande o suficiente para nos acomodar para o que planejei.

"Eu vou foder sua boca e quero que fique aí deitada e aceite. Quero que se lembre disso. Da próxima vez que um palavrão sair da sua boca meu pau vai entrar nela."

"Bray, sabe que este é um método de ensino terrível, não sabe?"

"Vamos ver se vai continuar achando isso quando eu terminar."

Meu pau já está duro e melado. Tenho estado com tesão e duro por ela desde que a deixei hoje de manhã. Não consigo ficar alguns segundos sem pensar nela e tê-la exposta e vulnerável hoje à noite me deixou no limite por tempo demais.

Ela inclina a cabeça para trás e, com um sorriso, abre a boca para receber meu pau. Eu roço a ponta ao longo em seu lábio inferior e coloco uma gota de pré-goço ali. Ela lambe e fecha os olhos num gemido. Eu não aguento mais. Quando ela abre a boca novamente empurro meu pau para além de seus lábios e ela começa a chupar avidamente.

Inclino-me para frente no banco e coloco as mãos para baixo. Fico apoiado de quatro e ela está debaixo de mim com meu pau na boca. Depois de alguns segundos de chupadas e lambidas, começo a me mover. Empurro os quadris para frente e sinto meu pau ir para a parte de trás de sua garganta enquanto as mãos dela vão para minhas coxas. Ela me aperta no momento em que me impulsiono e sinto seu ligeiro pânico quando afundo em sua garganta.

“Meu Deus, Tink, assim. Abra sua boca mais um pouco, quero que engula todo meu pau.”

Sinto que ela se abre um pouco mais e começo a foder sua boca com mais força. Jogo a cabeça para trás, fechando os olhos e continuo empurrando para dentro e para fora. O aperto dela em minhas coxas relaxa e então sei que ela está aceitando tudo de mim. Ouço seus pequenos gemidos de desejo quando saio da boca dela e isso me deixa maluco de tesão.

“Você tem uma boca tão suja, Tink. Vai continuar dizendo coisas assim apenas para que eu te foda, não vai?”

Sinto seu ‘hum’ de concordância em volta do meu pau e isso me deixa com ainda mais tesão. Sabendo o quanto ela gosta disso e sabendo do quão excitada ela está, meu orgasmo se aproxima. Eu me movo mais rápido e mais rápido até que estou fodendo sua boca como faria com sua buceta e sinto que ela aperta minhas coxas com mais força. Um orgasmo me atinge quando ela aperta as coxas com força e eu gozo no fundo de sua

garganta. Eu a sinto engolir e chupar enquanto despejo meu jato e ela afrouxa um pouco seu aperto.

Depois que ela engole cada gota, puxo para fora e escorrego para baixo em seu corpo. Eu me movo para o fim do banco e empurro seu vestido para cima dos joelhos e até a cintura. Mal noto sua calcinha de renda e já a puxo de lado e mergulho em sua buceta.

“Bray!” Ela grita em choque, e continuo lambendo-a com entusiasmo.

Reclino-me um pouco e digo: "Um pequeno orgasmo antes de chegarmos em casa. Depois vai me devolver a noite toda."

Ela geme alto e agarra meus cabelos com as duas mãos, posicionando meu rosto contra sua buceta outra vez. Eu a chupo e lambo rapidamente, pois não tenho certeza de quanto tempo ainda temos antes de chegar em casa.

Conheço seu corpo bem o suficiente para que não leve muito tempo até que ela esteja gozando contra meu rosto. “É isso aí, Tink. Cubra meu rosto com seu mel.”

Ela aperta seu clitóris contra mim e extraí seu prazer quando percebo a limusine parar. Recuo, puxo para baixo seu vestido e a coloco sentada no exato momento em que Hank abre a porta. Rebecca está toda mole quando saímos do carro, então a pego no colo e carrego através do lobby e para o elevador. Quando chegamos à cobertura eu a carrego diretamente para o banheiro principal e a coloco de pé. Eu ligo a torneira da pia e deixo a água aquecer enquanto tiro sua roupa.

Giro-a de costas e abro o zíper do vestido, rasgando-o quando começa a prender na altura dos quadris.

“Jesus, Bray. Este vestido provavelmente custou cinco mil. O que está fazendo?”

“Eu odiei. Tire-o.”

Ela deixa o vestido rasgado cair ao chão e chuta seus sapatos.

“Lave esta merda do seu rosto também. Quase não consigo ver sua face debaixo de tanta maquiagem.”

Ela pega o sabonete na pia do banheiro e começa a lavar seu rosto. Enquanto ela faz isso, tiro os grampos do cabelo dela para que não estejam mais tão perfeitos. Sinto falta do colorido, mas não tem muito que possa fazer quanto a isso agora. Amanhã vou conseguir que alguém venha até aqui e arrume o cabelo dela de volta do jeito de antes.

Depois que ela termina de lavar o rosto e está secando-o com uma toalha macia, tiro meu smoking e o deixo jogado no chão junto ao vestido rasgado. Não sei quem eram estas pessoas hoje à noite, que vestiam aquelas roupas, mas sei que não éramos nós.

Eu a pego pela mão e a empurro para a cama. Ela alcança sua mão para remover o bracelete e então percebo que ela ainda está com ele. Aquele bracelete foi a única coisa legítima dela esta noite. Seguro a mão de Rebecca e paro seus movimentos.

“Deixa o bracelete aí. Eu o amei.” *Exatamente como amo você.*

Ainda estou aborrecido pelo jeito como a reinventaram esta noite, mas eu a olho, e ela finalmente está de volta, minha Tinkerbell.

"Aí está você", digo, e tomo posse de sua boca. Suas mãos vão para meu peito e ela começa a esfregar e puxar meu corpo. Sinto nossa paixão mudar e de repente é como se estivéssemos famintos um pelo outro. Parece que não a tive em anos, em vez de apenas alguns minutos antes na limusine.

Eu a agarro e subo na cama com ela, nunca interrompendo nosso beijo. Cubro seu corpo com o meu e afasto suas pernas com meus quadris.

Deus, eu adoro beijá-la.

Minha boca nunca deixa a dela enquanto meu pau encontra sua entrada quente e empurro suas dobras lisas. Nós tivemos preliminares suficientes na limusine, de forma que ela está preparada e pronta para mim.

Sinto suas paredes apertadas me pressionando quando entro nela e é como se sua buceta estivesse me dando um abraço de boas-vindas.

Quebro nosso beijo e a olho. Seu rosto está rosado de tirar toda a maquiagem e pela excitação. O cabelo está selvagem atrás dela e quando se movimenta para tocar meu rosto os brilhos de sua pulseira refletem a luz. "Você nunca me pareceu mais bonita do que agora, Tink."

Ela fica com os olhos um pouco marejados, mas não entendo a emoção. Inclino-me e beijo seus lábios e depois olho em seus olhos.

"Você está bem? Estou te machucando?" pergunto enquanto seguro um pouco meus impulsos.

"Não, não pare, Bray, por favor, não pare."

Coloco o rosto em seu pescoço e fico ali, beijando e lambendo até sentir que ela está chegando ao limite. Seu corpo fica tenso e eu sinto seu clímax pegá-la. Suas pernas se fecham ao meu redor e ela solta um grito em sua libertação. Eu sinto o aperto forte de sua buceta em torno do meu pau e imediatamente sou levado ao pico do prazer.

Empurro duramente uma última vez e mantenho meu pau enterrado nela tão fundo quanto possível, enquanto gozo. Meu

orgasmo drena toda minha força, mas tenho o suficiente em mim para nos virar e colocá-la deitada no meu peito. Ainda estou pulsando dentro dela e meu pau ainda está duro como pedra, então empurro um pouco e seus quadris começam a se mover.

“Você vai continuar gozando para mim a noite toda, não vai, Tink?”

Ela se inclina e me dá um sorriso safado, toda a tristeza de antes desapareceu. “Você pode apostar, Baunilha.”

CAPÍTULO NOVE

BECS

Pela respiração pesada de Bray sei que ele continua dormindo. Estou enrolada firmemente em seus braços, como se ele tivesse medo que eu fosse desaparecer a qualquer momento. Ele sempre precisa estar com uma das mãos em mim, como se necessitasse confirmar para si mesmo que continuo ali. Uma de suas mãos está enrolada a minha volta, segurando meu monte, e a outra mão está sobre meu seio. A respiração dele faz cócegas no meu pescoço e não tenho ideia de como ele faz para conseguir dormir com o rosto enfiado ali. Meu cabelo sempre está no caminho, mas ele não parece se importar.

A noite passada continua passando por minha mente. Este homem me confunde. Num minuto ele me olha como se eu fosse a lua e no outro, como se não quisesse ser visto ao meu lado. Uma coisa está clara: eu não me encaixo aqui. Eu não pertencço a este mundo. Se ficar, só vou me apaixonar cada vez mais por ele. Sim, já estou completamente apaixonada. Preciso sair dessa agora.

Ele me faz sentir coisas que nunca senti antes. Quando somos apenas nós dois, parece que sou seu tudo. Parece que sou o oxigênio dele e que ele precisa de mim para respirar. Mas quando o mundo lá fora se infiltra, sinto como se eu fosse seu

segredinho sujo. Talvez seu vício. Mas será que ele está viciado em mim ou no sexo?

Os homens que conheci durante toda minha vida fariam qualquer coisa por sexo. Todos mentiriam, roubariam, pagariam por sexo e até mesmo o forçariam. Nosso arranjo começou comigo sendo sua cozinheira e empregada doméstica, o que é ridículo porque as únicas bagunças que pareço limpar são as minhas. Se Bray contratasse um serviço de entregas de comida, custaria muito menos do que ele está pagando para mim a cada semana. Este arranjo me fez sua prostituta. Não, não sua prostituta. Aqui neste mundo seria sua amante.

Naquele dia no escritório, quando, pela primeira vez, eu apresentei a ele a ideia de lhe vender minha virgindade eu só queria deixá-lo furioso. Não acho que realmente seria capaz de fazer isso, mas dizem que todo mundo tem um preço. Mas então ele declinou minha proposta e fiquei aliviada. Aliviada por achar que ele não faria isso, achando que eu valia mais para ele. Mas estamos nos enganando. Porque é exatamente isso que fazemos.

Ele trabalha o dia inteiro, vem para casa, janta e me fode a noite inteira. No dia seguinte ele se vai. Ele nunca me leva a qualquer lugar e nem parece se esforçar para estar comigo além das noites. Ele me encaixa quando tem tempo, me colocando bem no final da sua lista. Agora que experimentei o sabor da paixão e como o amor te faz sentir, é isso que quero. E quero isso de Bray. Apesar de ser um sonho bobo. Garotas como eu não terminam com homens como Bray. Mulheres como Chelsea terminam com ele.

A pior parte disso tudo é que não posso falar nada de mal dela. Ela é absolutamente agradável em todos os sentidos. Não só isso, mas ela se encaixa com Bray. Quando tentei me encaixar, eu falhei. O olhar em seu rosto esta noite quando ele me viu foi esmagador. Quando percebeu que eu estava chateada e tentou

corrigir o problema. E eu acho que foi só para me acalmar para que ficasse mais dócil pelo resto da noite.

Tentei por ele. Fiz algo que eu havia jurado que nunca mais faria e ainda assim não foi suficiente. Como posso continuar fazendo isso comigo mesma? Continuo tentando ser alguém que não sou. Isso nunca funcionou. Não podemos mudar quem somos, sempre acaba aparecendo. E não quero mudar quem sou. Eu amo quem ele é e manchar suas linhas retas, causando estragos em seu mundo, é o que me faz amá-lo mais.

A luz da manhã começa a inundar as grandes janelas de vidro, lançando luz através do quarto. Os restos do meu vestido estão destruídos no chão. Agora, o vestido não parece mais tão perfeito. Ele me disse que odiava a coisa enquanto a rasgava de mim. Também parece que ele não gosta de mim em público com ele. Tentei me encaixar em seu mundo, ser o que ele queria, ao invés de continuar sendo simplesmente a velha eu. Não foi o suficiente e é hora de eu ir.

Sinto um leve beijo no meu pescoço e Bray desliza da cama. É sábado, mas tenho certeza que ele vai trabalhar. Ele trabalha todos os dias sem exceção. Tentei atraí-lo para ficar em casa algumas vezes, mas meus esforços foram infrutíferos.

Fico ali deitada, fingindo dormir enquanto o ouço em sua rotina matinal. Não gastei muito do dinheiro que ele me deu no mês passado. Tenho mais de cinco mil escondidos, já que ele vem me pagando em dinheiro. Isso é mais do que suficiente para me segurar por um tempo, até que eu possa encontrar um emprego, talvez até um pequeno apartamento.

O pensamento de nunca mais ver Bray corta meu coração. Mas se eu não fizer isso logo, em algum momento será necessário e vai ser ainda pior. É melhor terminar de um jeito limpo, rápido e ligeiro. Tenho certeza que ele vai encontrar alguém para tomar meu lugar. Agora que ele tem esse desejo por sexo que parece

não saciar, ele também vai descobrir que não sou nada especial. Um corpo quente é um corpo quente, e talvez ele possa encontrar um que não seja tão embaraçoso. Um que ele possa levar para sair com ele em público, e que não tenha que se esconder em sua casa.

Quando sinto seus lábios pressionarem os meus, abro os olhos e aprofundo o beijo. É meu último gosto de Bray e quero me lembrar disso. Ou talvez eu esteja errada. Quem sabe eu tenha interpretado tudo errado e esteja jogando fora a melhor coisa que já aconteceu comigo.

Recuando, olho para ele.

“Fique em casa comigo hoje,” imploro, mostrando tudo o que sinto em meus olhos. “Talvez possamos sair, almoçar e ir ao parque ou algo assim. Faz uma vida desde que fui a um museu. Eu vi que tem uma exposição do Salvador Dali na cidade. Eu adoraria ver.” Ele levanta as sobrancelhas como se estivesse me analisando. Eu silenciosamente imploro para ele ficar. Provar para mim que eu signifique mais, que não está envergonhado de estar comigo.

“Hoje não, Tink. Desculpa, tenho...”

“Um milhão de coisas para fazer. Eu sei,” respondo, dando-lhe uma cortada. Nem tento esconder meu desapontamento.

Ele só fica ali parado, me encarando como se estivesse debatendo alguma coisa.

“Talvez eu vá e leve o almoço?” Eu pergunto, tentando esconder o tom suplicante em minha voz. Agora só estou tentando me agarrar a um motivo para ficar. Como se isso realmente provasse que ele me quer aqui.

“Eu não posso fazer isso também. Vou ter pessoas indo e vindo em meu escritório o dia todo.”

“Bem, eu posso esperar. Talvez me encaixar entre um e outro compromisso ou algo assim.” Jesus, sou patética. Implorando por uma migalha de seu tempo.

“Eu prefiro não ter você sentada do lado de fora do meu escritório.”

E aí está! Ele não quer que ninguém saiba sobre mim. Por que ele me levou ao evento de ontem? Sinto minha raiva crescer e não consigo impedir que a pergunta escape da minha boca, mesmo que a esta altura isso já não importe, já que vou partir de qualquer jeito.

“Por que você me levou ontem à noite?” questiono.

“Tink,” ele diz inclinando-se e passando os dedos pelo meu cabelo como se estivesse procurando algo. “Sinto muito por como foi a noite passada. Mas prometo que não vou levá-lo para outro evento, então não fique zangada comigo.”

Não consigo evitar e deixo escapar uma pequena risada com aquilo. Ele acha que não quero por causa do jeito como as outras pessoas me trataram? Não. Sei lidar com julgamentos e esnobes, porque aquilo não significa nada para mim. É o comportamento dele que me importa. Sempre foi desde o momento que ele entrou naquela cafeteria. Seu julgamento e os comentários são os que atravessam meu coração. Posso mandar as outras pessoas tomarem no cu, mas quando os olhares estranhos vêm dele, sinto-me uma criança castigada que foge dos padrões.

“Obrigada, Baunilha. Agradeço por isso,” digo, escorregando para fora da cama. “Está tudo bem. Se está ocupado hoje, simplesmente vou encontrar meu irmão.” Indo

para o banheiro percebo que não tenho muita coisa aqui. Posso estar fora em dez minutos.

“Você não vai fazer uma coisa destas.” Ele rosna atrás de mim. Viro-me e vejo que seu rosto está tenso, se preparando para brigar comigo sobre isso. Mas qual é o ponto? Estou indo embora de qualquer maneira e ele nunca vai entender como posso abandonar a única pessoa que sempre esteve lá por mim? Quando eu estava com fome ele me dava a última mordida de comida, me protegia sempre que preciso. Sam talvez não estivesse fazendo isso agora, mas agora sou capaz de fazer isso por ele, eu preciso.

“Ok.” Ele me olha de um jeito suspeito, mas mantenho meu rosto impassível.

Acabando com a distância entre nós, ele segura meu rosto entre suas mãos enormes.

“Você vai ficar neste apartamento hoje, Tink. Estamos entendidos?”

Apenas concordo com a cabeça. Vou sentir falta de ser chamada de Tink.

Ele encosta sua testa na minha e fecha os olhos, roubando um suave beijo de meus lábios.

Ao se afastar, ele parece mais calmo do que há alguns momentos quando pensava que eu sairia de casa. Mais um motivo para que eu saia daqui. Ele não só não me quer em público com ele, como também não quer que eu saia do apartamento de jeito algum. Na verdade, parando para pensar, não saio daqui há semanas. Ele tem mandado entregar tudo por delivery, inclusive compras de mercado. É tão ruim assim, que ele não quer que ninguém sequer saiba que estou aqui ou seu vício em sexo é pior do que imaginei?

“Fique perto do seu telefone,” ele diz, depositando um último beijo nos meus lábios antes de sair do quarto. Espero até ouvir a porta da frente ser fechada e então começo a empacotar minhas coisas.

Não demoro muito para juntar minhas poucas coisas. Conto meu dinheiro e confirmo que tenho um pouco mais de cinco mil. A única coisa de Bray que tenho comigo é este telefone e não quero ser acusada de levar algo que não seja meu.

Rolo pelos contatos no telefone até encontrar o número de Sam e aperto para ligar. Toca apenas uma vez e a voz do outro lado faz minha pele se arrepiar.

“Becs, estava esperando sua ligação,” Nico diz ao telefone.

“Onde está Sam?” respondo, sem querer conversar com Nico. Aposto que ele está emputecido com o incidente no clube.

“Isso lá é jeito de tratar seu homem? Vou ter que te ensinar boas maneiras.”

“Foda-se Nico. Eu nunca ficaria com você.”

“Oh Becs... Eu acho que faria qualquer coisa que eu mandar para manter Sam respirando.”

Suas palavras jogam adrenalina em meu sistema e posso sentir o sangue jorrando para minhas orelhas.

“Eu posso pagar.”

“Sim, você pode”, ele diz em um tom que implica que não vou pagar com dinheiro.

“Com dinheiro, Nico,” grito. Agarro o telefone com tanta força que estou surpresa por ele não quebrar.

“Tenho dinheiro suficiente. Tenho outra coisa em mente.”

“Primeiro: onde ele está?” Preciso saber quanto tempo tenho. Ele já está com Sam ou posso pará-lo?

“Ah, ele está seguro por enquanto. Os tiras estão com ele em custódia. Mas quando terminarem, eu vou acabar com a vida dele ou vou ficar com você. Preciso de uma garantia que Sam vai manter sua boca fechada e você será esta garantia.”

“Garantia?” Pergunto.

“Sam se deixou ser pego pela polícia e ele sabe um pouco demais para o meu gosto. Mas acho que vai ajudar a fazer a boca dele ficar fechada se eu estiver com você.”

“Tudo bem. Apenas não o machuque,” digo, mas sem chance de eu deixar que Nico fique comigo. Talvez possa tirar Sam da cadeia e nós dois possamos fugir. Eu tenho cinco mil. Podemos começar em outro lugar.

“Bom. Venha ao clube esta noite,” ele diz antes da linha ser desligada. Típico de Nico. Ele não perguntou se eu estaria lá porque ele acha que estarei e talvez eu esteja, se não conseguir pegar Sam primeiro.

Largando o celular na mesa de cabeceira, dou uma olhada em volta para ver se esqueci algo. Meu bracelete está largado ao lado do telefone, mas por algum motivo, quero deixá-lo. Bray disse que gostava dele. Quero que alguma coisa minha fique com ele, pois vou guardar para sempre um pedaço dele comigo.

Deslizando minha mochila nas costas, caminho para a porta da frente. O telefonema só confirmou que é melhor deixar Bray para trás. Se ele soubesse sobre Sam e Nico ele nunca me deixaria ir. É hora de parar de fingir que o mundo de Bray é meu. Não, isso não é verdade, ele não me deixou fingir ser parte de seu mundo. Nós não podemos mais impedir que o mundo real se infiltre. É hora de encarar a realidade.

CAPÍTULO DEZ

BRAY

Escorrego para dentro do carro e Hank se afasta do meio fio. Olho de volta para o prédio e toco meu lábio com o dedo.

Tenho muita coisa acontecendo hoje e meu checklist mental está lotado. Começo a repassar meu dia, mas minha fadinha continua voltando a minha mente. Até chegar ao meu escritório já estou irritado com minha incapacidade de me concentrar devido aos meus pensamentos nela. Não consigo tirar Rebecca de minha mente e tenho a sensação inquietante de que deveria voltar para ela.

Meu trabalho exige muito e tenho feito de tudo para ser capaz de passar as horas que posso com ela. Eu odeio cada segundo que fico longe, e estou percebendo que o trabalho não é tão importante quanto já foi. O que me motiva já não é mais tão forte.

Cindy entrou e saiu uma dúzia de vezes com arquivos e notas e lembretes de reuniões. Sei que deveria ter tudo isso já mentalmente preparado, mas não posso me concentrar em nada, exceto minha Tink. Na última vez que ela entrou, eu só a mando sair, nem sequer a deixo terminar sua frase.

Reclino-me em minha cadeira e olho para fora da janela, para a cidade lá embaixo.

“O que estou fazendo?” Pergunto a mim mesmo. O único lugar onde quero estar é ao lado de Rebecca. Vi o olhar de súplica nos olhos dela esta manhã, mas fui egoísta e só pude pensar em minhas reuniões. Nada no mundo é mais importante para mim do que minha Tinkerbell e cometi o erro de não demonstrar isso. Na minha tentativa de tentar controlar meus sentimentos por ela, eu me distanciei, e não é isso que quero. Estou morrendo de medo de acabar obcecado como meu pai, mas preciso que ela saiba como me sinto. Tenho que dizer a ela que a amo.

Eu já ganhei mais dinheiro do que poderia gastar em uma vida e tenho pessoal suficiente para assumir minhas responsabilidades. Francamente, está na hora. Meu comportamento obsessivo criou um monstro controlador e estou pronto para deixá-lo ir.

Girando minha cadeira, volto para meu computador para enviar alguns e-mails. Redijo um memorando e o envio a todos meus gerentes de projeto, notificando-os que estarei fora do escritório por um bom tempo e informando-os para quem devem se reportar. Leva apenas uma hora para colocar as coisas nos trilhos e de repente minha lista de afazeres só tem uma tarefa: Rebecca.

Pego meu paletó e saio do escritório. Na saída, ouço Cindy atrás de mim, me questionando sobre meu e-mail que acabou de receber, informando-a que ela foi realocada para outro gerente. Não perco meu tempo para explicar, pois tudo está no e-mail. Simplesmente a redirecionei para meu braço direito. As portas do elevador se fecham e ela ainda está falando, mas a única coisa que consigo ouvir é a batida alta do meu coração. Pela primeira vez na minha vida me sinto vivo.

Quando eu saio do prédio e Hank está esperando por mim, estou balançando de emoção. Enquanto subo no banco de trás, tenho a vontade de verificar o GPS do celular de Rebecca. Não sei

por que este sentimento vem para mim, mas quando vejo que ele não se moveu, relaxo um pouco.

Faço Hank parar no caminho para casa, para que possa comprar flores para Tink. Em seguida, fazemos outra parada na farmácia e eu compro algumas caixas da tinta de cabelo que ela usa.

Posso sentir o sorriso no meu rosto quando entro no prédio e dirijo-me à cobertura. Vou encontrá-la e dizer que a amo no momento em que a encontrar. E antes que perca a coragem. Posso fazer isso. Posso dar meu coração a ela. Posso compensar por cada hora que estive longe e nunca mais sairei de seu lado. Posso dizer como ela é perfeita, e como estou assustado com esses sentimentos. Vou contar tudo sobre meu passado. Tudo.

Corro para fora do elevador e me sinto exultante. “Rebecca!” Grito e vou em direção à suíte.

“Tink? Onde você está?” Vou cantarolando e andando em torno da casa. Percorro cada um dos cômodos, até a sala de ginástica e o pânico começa a me dominar.

“Rebecca!” Grito outra vez, mas agora com raiva.

Volto ao quarto principal outra vez e vou até o closet, procurando suas coisas. Suas roupas se foram. Vou até a cama e percebo o telefone e o bracelete na mesa de cabeceira. Meu coração começa a bater mais forte com o pânico. Pego o telefone e checo o histórico de chamadas, vendo que ela ligou para o irmão há uma hora. Seguro o telefone com força e toda minha raiva vem à tona.

“Filha da puta!” Berro e arremesso o telefone pelo quarto, assistindo-o quebrar num milhão de pedaços ao atingir a parede.

Pego meu celular e ligo pra Hank. Nem espero pelo seu ‘alô’ antes de começar a ladrar ordens.

“Ela foi embora há mais ou menos uma hora. O último telefonema foi para seu irmão. Seu telefone está imprestável agora, não pergunte sobre isso. Ela pode ter sido levada a força, mas não parece ter havido luta aqui. Não sei como, mas quero-a em casa esta noite. Deu para entender?”

“Eu cuido disso,” Hank confirma e encerra a chamada.

Pego o bracelete dela e o aperto nas mãos. Quero esmagá-lo em pedacinhos, mas não consigo. Eu o adoro porque me lembra de minha Tink. Sento-me na beirada da cama e seguro o bracelete nas mãos como se fosse minha frágil fadinha. Fecho meus olhos e deixo a cabeça pender, pois sei o que significa. Se ela voltar não a machucarei deste jeito, pois neste momento sinto no fundo da minha alma: ela me abandonou.

CAPÍTULO ONZE

BECS

Três meses depois.

“Abra estas malditas pernas. Quero entrar aí,” Nico diz antes que eu comece a ouvir a cama bater na parede.

Acho que estou aqui há trinta e seis horas, mas parece uma eternidade. Na verdade estou grata pelo som das batidas e gemidos que vem do quarto ao lado, ajuda a manter o sono longe. Isso me lembra de quando estava no sistema de adoção, só que agora, se eu adormecer, não tem ninguém para me proteger. A ironia disso tudo é que a pessoa que costumava ser meu escudo é o motivo de eu estar trancafiada neste quarto. Sam. Não tenho certeza de onde ele está e não o vejo há dias.

“Limpe-se. Você vai trabalhar na sala VIP esta noite.” A mulher ri das palavras de Nico e o ouço se movimentando pelo quarto.

Quando ouço a porta do quarto de Nico abrir prendo a respiração, torcendo para que ele não entre aqui. A esperança morre momentos depois quando a porta do meu quarto é escancarada, com Nico preenchendo a abertura sem camisa e com seu jeans meio aberto. Seus cabelos pretos estão

desalinhados, como se a mulher tivesse passado as mãos por eles. A ideia faz eu me encolher.

“Finalmente parou com a merda de vômito?” ele diz, entrando no quarto. Não consigo evitar e vou me empurrando mais e mais contra o canto enquanto ele toma mais espaço. A cama está colocada contra a parede e apenas continuo me encolhendo no canto, mas não tenho para onde ir. As únicas coisas neste quarto são a cama king size, lençol e alguns travesseiros que já viram dias melhores. A única janela foi tapada com tijolos, que parece ser algo que mal acabou de ser feito. Não tenho certeza de onde estou ou se é dia ou noite. Tudo o que sei é como cheguei aqui, e isso só sei algumas partes.

As coisas estavam dando certo para Sam e para mim. Encontrei um pequeno estúdio numa área decente da cidade. Eles queriam que eu preenchesse toda papelada, mas conversei com o gerente e paguei seis meses de aluguel adiantados. Usei o dinheiro que tinha guardado por trabalhar para Bray todos aqueles meses. Gastei boa parte, mas consegui um trabalho administrativo numa empresa de construção logo depois. A dona do escritório me pagava em dinheiro por baixo dos panos e eu fazia pequenos trabalhos de escritório para ela.

Sam esteve limpo desde que o soltei da prisão. A gente só tinha que ficar fora do radar até Nico nos esquecer. Mas parece que Sam correu direto para ele quando sentiu falta de uma dose. Quando Nico me pegou voltando para casa depois do trabalho, bateu minha cabeça contra o lado de seu carro e me puxou para o veículo. Quando finalmente acordei, estava neste quarto e não conseguia parar de vomitar. Ainda não tenho certeza se foi o impacto do golpe que me deixou tão mal ou se são os enjoos matinais. Achei que já tivesse passado deste estágio da minha gravidez, mas pelo jeito ainda não. Ao pensar em meu bebê, minhas mãos vão protetoramente para a pequena protuberância na minha barriga.

Nico acompanha meu movimento e um sorriso sinistro cruza seu rosto. O olhar dele faz meu batimento cardíaco acelerar. Ele tem me deixado sozinha na maior parte do tempo, mas faz questão de me dizer que Sam me entregou sem brigas. Suas palavras são como um machado em meu peito. Nunca pensei que Sam fosse me trair.

“Não fique deste jeito, Becs. Este bebê vai nos trazer uma porrada de dinheiro.” Ele diz, aproximando-se mais alguns passos. Empurro-me contra a parede numa tentativa inútil de conseguir mais espaço entre nós. Tudo que consigo é um olhar penetrante.

“Você tem sorte, sabia?” Ele continua, pegando o lençol da cama e jogando-o ao chão. “Se este bebê não fosse dele, eu me livraria disso. Você deveria ser minha. Mas então descobri quem ele é e o quanto vale. Ele não é só um carinha rico. Não. Você foi lá e catou um bilionário. Aposto como ele vai pagar uma grana preta para conseguir você ou este bebê de volta.”

“Não teria tanta certeza, se fosse você,” murmuro, puxando meus joelhos contra o peito, tentando desaparecer. Sem o lençol, não tenho qualquer proteção contra ele. Depois de ter vomitado em mim mesma, ele me deu uma camiseta para vestir. Uma camiseta dele. Ela tem seu cheiro e não consigo suportar, mas é melhor do que nada.

“Se eu fosse você, Becs, tomaria mais cuidado com o tom desta conversa. Se não for por ele, não tem motivo para não fazer o que realmente quero com você.” Descendo a mão até seu jeans já aberto, ele agarra o pau e começa a se acariciar. “Ainda posso usar seu corpo, de qualquer forma.” Sinto os olhos dele me percorrendo, como se ele realmente estivesse me tocando.

“Eu lutaria,” respondo. “Se ficar muito estressada, posso perder o bebê. Todo esse dinheiro sendo jogado no vento,” digo com a força que consigo arrumar, de um jeito que talvez o faça

acreditar em mim. Não tenho certeza se seria capaz de lutar nem mesmo um pouco se ficar em perigo ou se meu bebê correr algum risco. Mas farei qualquer coisa para proteger meu filho.

Ele continua me encarando e se masturbando. Viro meu rosto de lado, para não ter que assistir.

“Olhe pra mim.” Ele rosna e meus olhos se voltam para ele. Por que ele faz isso? Sei que acabou de foder outra mulher no quarto ao lado. Já estive no clube e sei que as mulheres se jogam em cima dele.

Ele começa a bombear mais rápido, mas percebo que algo se movimenta próximo à porta e isso chama minha atenção. É a mulher que tem me trazido comida. Também acho que era ela que estava no quarto ao lado há momentos atrás, a julgar pelo estado de suas roupas. O cabelo dela está molhado e ela tem uma toalha enrolada no corpo. Quando nossos olhos se encontram, tudo que consigo pensar é que se um olhar pudesse matar, agora eu estaria morta.

Olhando por cima do ombro, Nico acena para ela se aproximar. Ela sorri para mim como se tivesse vencido uma batalha da qual eu não quero participar. Ela solta a toalha e desfila em direção a ele como se estivesse numa passarela. Ela é bonita o suficiente para estar em uma. Por que alguém como ela escolheria ficar com Nico é algo que não consigo entender.

Quando o alcança, ela se inclina para lhe dar um beijo. Mas ele agarra o longo cabelo castanho cor de chocolate e a empurra para longe.

“Você é esperta.” Ele resmunga para ela. “Sabe Deus onde sua boca de merda esteve.” Forçadamente soltando o cabelo dela, ele a empurra e ela cai no chão, deixando escapar um gemido.

Quando ela começa a se levantar ele a impede somente com um balanço de cabeça. “Rasteje até aqui e faça a única coisa que esta sua boca tem permissão de fazer.”

Eu me pergunto se ela vai fazer. Quando ela começa a rastejar em direção a ele, vejo um sorriso em seu rosto. Que porra é essa? Ficando de joelhos, ela o toma em sua boca. Olhando para trás, vejo que ele está apenas olhando para mim.

"Abra suas pernas."

Fecho meus olhos e faço que não com a cabeça.

“Becs, não me faça ir até aí. Eu prometo que vai machucar se eu tiver que fazer isso. Não posso te foder ainda, mas vou olhar sua buceta rosada enquanto meu pau está sendo chupado. E é melhor rezar para isso aplacar o desejo do que realmente quero de você.”

Tremendo, estendo minhas pernas e as abro, esperando que ele não me faça remover minha roupa íntima.

“Mais,” ele geme ao mesmo tempo em que começa a enfiar com força dentro da boca daquela mulher. O som das chupadas preenche o ambiente e me deixam nauseada.

Abrindo as pernas mais um pouco, vejo quando seus olhos se cravam na minha buceta coberta.

“Puxe de lado,” ele ordena, lambendo os lábios.

Com medo dele cumprir a ameaça de vir até onde estou, timidamente agarro a lateral da calcinha, puxando-a de lado, de forma que minha buceta fique aparecendo. Começo a fechar meus olhos, mas lembro de que ele vai me fazer abri-los outra vez.

“Ah, foda, Becs,” ele geme, agarrando uma mão no cabelo da mulher, puxando-a mais perto enquanto empurra ainda forte.

“Porra, mal posso esperar para entrar nesta bucetinha. Vou te encher com minha porra. Você vai tomar cada gota até que eu não possa gozar mais. Minhas bolas estarão completamente vazias.”

As palavras dele fazem meu estômago revirar e tento me focar em um ponto atrás dele. Se tiver que assistir mais um pouco, vou acabar vomitando.

“Nunca gozei dentro de uma buceta antes, Becs. Sempre estou protegido, mas em você? Para você darei cada jorro da minha porra. Eu pintaria seu interior com ela. Você quer isso?” ele pergunta, mas não tenho certeza se ele espera uma resposta. Apenas continuo olhando para além dele. Ouço os sons que a mulher faz, ela está gemendo como se estivesse gostando. Que bom que ele está a usando e não a mim.

“Becs!” Ele grita e sei que terei que responder. Tento dizer alguma coisa, mas não consigo forçar as palavras a saírem de minha boca.

Encontrando seu olhar, ele parece quase selvagem, como se seu controle estivesse por um fio.

“Nico,” sussurro, tentando acalmá-lo.

Ao som do seu nome, ele goza. Empurrando o pau até o fundo da boca da mulher, seus quadris dão pequenos empurrões enquanto ele está completamente enfiado nela. Os olhos dele continuam grudados na minha buceta despida. Soltando minha mão, a calcinha volta ao seu lugar e trago minhas pernas de volta contra meu peito.

Com sua mão ainda agarrando o cabelo da mulher, ele a puxa para cima, colocando-a de pé. Ela não protesta com o tratamento que está recebendo.

“Vista-se e traga o almoço dela,” ele diz apontando para mim. “Depois disso, vá se aprontar para a noite.” Ele a deixa ir e ela me lança outro olhar. Sei que ela quer dizer alguma coisa, mas não o faz. Tenho certeza que ela não vai perder a oportunidade quando vier trazer meu almoço. Comida que não vou comer. Esta mulher é claramente maluca. Não sei se tenho mais medo dela ou de Nico.

Se enfiando de volta dentro das calças, Nico senta na cama, de costas para mim.

“Quero que seja sincera comigo, Becs. Não me faça trazer seu irmão para conseguir respostas as minhas perguntas.”

Não sei o que eu faria agora se visse Sam. Quero saber se ele está bem, mas também sei que ele é o motivo de eu estar aqui. Quero gritar com ele até perder a voz. Eu o mantive limpo por quase quatro meses. Estávamos a salvo.

Eu deveria ter adivinhado, quando ele não apareceu em casa por alguns dias, que estava de volta com Nico. Simplesmente não pude acreditar que ele iria contar a Nico onde eu estava. Mas agora não é só a mim que ele colocou em perigo, a meu bebê também. Sam pode não ser meu verdadeiro irmão, mas ele é a única família que já conheci. A única pessoa que nunca tentou me mudar. Balançando a cabeça para afastar esses pensamentos, obrigo-me a responder. Talvez, quanto mais cedo ele conseguir a informação que precisa, mais cedo ele vai me deixa ficar sozinha novamente.

“O quê?”

“Ele sabe?” Sei o que Nico está perguntando, mas por qualquer motivo, me faço de desentendida. Talvez porque não queira dizer em voz alta.

“Sabe o quê?”

“Beccs,” ele rosna bem alto e posso sentir que está perdendo a paciência. Só Deus sabe que não o quero batendo minha cabeça contra outra vez. Ainda posso sentir o calombo na lateral do meu crânio, resultado da última vez.

“Não, ele não sabe,” reconheço. Eu ia contar a ele, mas simplesmente ainda cheguei lá. Estava com medo. E se Bray tentasse tirar o bebê de mim? Ele tem mais dinheiro. Tenho certeza que ele não teria problemas em conseguir isso. Não quero manter o bebê afastado dele, mas toda vez que começo a pensar nas milhões de reações que ele poderia ter ao descobrir, simplesmente enlouqueço. Nunca tive uma família antes. Com este bebê terei. É uma coisa que sempre quis, algo com que sempre sonhei. Quero dar a esta criança um lar como nunca tive. Pode não ser chique, mas ele ou ela vai se sentir amado. Todos os dias, o bebê vai saber que foi desejado. Que nunca o deixarei de lado como se ele não significasse nada.

“O que ele vai fazer quando descobrir?” Nico pergunta, virando-se para me olhar.

A pergunta de um milhão de dólares. Não sei bem como responder já que não sei o que Bray fará. Mas acredito que ele vai querer nosso filho. Apenas tenho medo do quão bravo ele vai ficar comigo. Se ele vai tomar a criança de mim ou se vamos criá-la juntos. Talvez ele queira a nós dois, mas logo afasto esta ideia da mente. Bray já me mostrou que nunca será feliz comigo. Não sirvo para o mundo dele. Talvez um bebê não se encaixe também. Como aquele maníaco por trabalho vai encontrar tempo?

“Pra ser sincera, não tenho certeza,” admito, apertando meus dedos nas mãos. Sam tentou me pressionar algumas vezes, tentando ter respostas, mas sempre o enrolei. Só fiquei sabendo de minha gravidez um pouco antes da barriga começar a aparecer e deixar impossível manter o segredo de qualquer outra pessoa. No começo, fiquei muito feliz por ter para sempre um

pedaço de Bray, pensei que isso nos uniria para sempre. Mas quando minha mente se acalmou, fiquei assustada.

“Aposto que vamos ter que descobrir quanto ele está disposto a pagar pela coisinha,” ele diz, levantando-se da cama.

Estremeço ao ouvir a palavra ‘coisinha’.

“E se ele me quiser também? Ou se ele não quiser a nenhum de nós?” pergunto. Bray pode não querer ficar comigo, mas não acho que ele deixaria algo de ruim me acontecer. Talvez fique puto com a história do bebê ou pense que eu queria mantê-lo afastado.

“Não faz parte do negócio, Becs. Estou disposto a aceitar um resgate pelo bebê, mas não vou te dar a ele. Mas pode apostar: ele vai querer o bebê. Pelo tanto que ele vem fuçando atrás de você, acho que ele vai aceitar qualquer migalha que conseguir.”

Sinto borboletas no meu estômago, mas tento disfarçar a alegria ao ouvir que Bray tem me procurado. Sei que quando o deixei, queria ficar comigo, mas nunca pensei num ‘felizes para sempre’. Só fui embora por saber que aquilo não ia durar, que nunca seria o que ele queria que eu fosse e que eu não mudaria. Quando tentei mudar a mim mesma para me encaixar melhor no mundo dele, isso só me comeu por dentro. Já havia amado outras pessoas no passado que não haviam sido capazes de me amar de volta do jeito que eu era, mesmo quando eu tentei ser o que queriam que eu fosse. Parece que não sou uma pessoa que as outras podem amar.

“Por que está fazendo isso comigo? Pegue seu dinheiro e me deixe ir. Não te quero!”

Antes mesmo de dizer a última palavra, Nico está em cima de mim, nariz com nariz. Posso sentir sua respiração quente no meu rosto. “Porra! Nunca perguntei o que queria Becs! É isso que

o outro cara fazia? Bancava o bonzinho? Bem, bem. Você fugiu dele. Então vou assumir que não é disso que gosta. Eu pego o que quero. Acostume-se a isso ou a vida será uma bela porcaria para você.” Ele roça o nariz ao longo da minha bochecha e então sinto sua língua úmida lambe a lateral do meu rosto. “Ou faz o que te mandam fazer e a vida será bem mais fácil.” Inclinando-se para trás, ele me olha nos olhos. Preciso de todas minhas forças para não desviar o olhar.

Um sorriso atravessa seu rosto. “Céus! Mal posso esperar até que você seja totalmente minha. Mas não se engane. Você já é minha agora. Aquele merda estúpido te deixou escapar por entre os dedos, mas nunca vou te libertar.”

Posso ver nos olhos dele que não está mentindo. Seus olhos escuros estão tão frios que enviam um arrepio por minha espinha.

“Se eu fosse você, Becks, me acostumaria com a ideia de nós dois juntos. Sabe por quê? Porque não tenho certeza de que vou conseguir manter minhas mãos longes de você até este bebê sair daí de dentro.”

Com isso ele se vira e vai embora, mas não sem antes dizer por cima do ombro, “Estarei de volta hoje à noite para brincar mais um pouco com você. Talvez use sua boca da próxima vez.”

A porta bate e ouço a fechadura ser travada.

CAPÍTULO DOZE

BRAY

“Onde diabos ela está?” Digo entre os dentes e dou outro soco no rosto de Sam. Estou sendo bonzinho.

Estive procurando por Rebecca há meses e não havia nenhum vestígio de seu irmão ou dela. Hank esteve em cima das atividades de Nico desde o momento em que percebi que ela tinha partido e há dois dias algo finalmente mudou. De repente, Sam apareceu no clube. Depois de meses sem nada, ele sai do nada e o primeiro lugar que foi visto é ao lado de Nico. Não é preciso ser tão esperto quanto eu sou para descobrir o que aconteceu. Quando ela partiu sabia que só podia ir para dois lugares: para seu irmão ou para Nico encontrar seu irmão. Ela deve ter pego Sam antes que Nico o fizesse, mas parece que seu irmão não conseguiu segurar seu vício, mesmo à custa da vida de sua irmã.

“Não sei do que está falando. Ela partiu.” Sam responde com a boca cheia de sangue. Solto sua camisa e ele cai de volta na cadeira. Eu o levei a um armazém que possuo, perto das docas. Precisava de um pouco de privacidade para o que tinha em mente.

“Aposto que se tivesse um saquinho de heroína você a daria a mim tão rapidamente quanto a deu pro Nico, certo?” Coloquei seis homens vigiando o clube de Nico e nenhum deles o viu sair de lá nos últimos dois dias. Sei que ela está lá dentro,

mas preciso de mais informações antes de invadir o lugar com armas a postos. Assim que Sam deixou o clube, eu estava ali para pegá-lo. Sei que ele será meu melhor recurso para ter Rebecca de volta.

“Não é pra você ser um CEO engomadinho que não suja as mãos?” ele sibila, esfregando a lateral de suas costelas. Provavelmente quebrei algumas ao catá-lo do chão.

Só amei uma outra mulher em minha vida além de Rebecca. Esta foi minha mãe. Matei por ela e não tenho problema em fazer isso novamente por minha Tinkerbell. Ela significa tudo para mim.

Sinto um sorriso sinistro em meu rosto ao me inclinar e ficar na altura dos olhos dele. “Vou te contar um segredinho, Sam. Estas mãos aqui já estavam sujas bem antes da Rebecca entrar nesta história. Você não faz ideia do que eu sou capaz e por isso deveria ter medo de mim. Você me conta onde ela está e te deixo continuar vivo. Se você não me der a informação que quero, vai descobrir o que é dor de verdade.”

Ele audivelmente engole em seco e se senta na cadeira. “Ela está no clube”, ele sussurra. Ele respira fundo quando não respondo.

“O quê mais?”

“Até onde sei, ele a tem trancada num dos andares debaixo. Tem mais dois andares abaixo, mas nunca estive em todos. Algumas das meninas que dançam no clube têm quartos lá, mas na maior parte é apenas o espaço de Nico no primeiro andar. O mais abaixo é onde ele fábrica a maior parte das drogas, então é impossível entrar. Apenas desista, cara.”

“Então acha que ele a está mantendo no primeiro nível? No mesmo andar que ele fica?” tento não deixar minha mente divagar sobre o que ele deve estar fazendo com minha fada. Não

posso permitir que meu cérebro vá por este caminho. Preciso me manter no plano e continuar mentalmente organizado ou terei outro surto.

“Sim, mas escute. Você não pode entrar lá. Ele não vai machucá-la. Ele jurou para mim. Todas as vezes que tentei devolver a ele o dinheiro, ele sempre a quis em troca. Desde o início, algo nela o deixou louco, e ele tinha que possuí-la. Ele vai cuidar dela. Eu não ia contar onde ela estava se ele fosse mata-la.”

Uma fúria que nunca senti ferve por todo meu corpo e reajo. Acerto o punho e o atiro fora da cadeira para o meio da sala com apenas um movimento. Caminho até onde ele pousou e o agarro pela parte de trás da camisa, arrastando-o de volta para onde estamos. Eu o pego e o atiro no assento e me inclino para baixo novamente para ficarmos olho a olho. Ele está tendo dificuldade em se concentrar, então agarro seu rosto e o obrigo a me olhar.

“Você traiu a única pessoa no mundo que já te amou.” Lágrimas começam a surgir nos olhos dele e então ele começa a soluçar enquanto continuo a segurar seu rosto. “Escuta bem, Sam. Quando eu a encontrar, se tiver um único fio de cabelo dela fora do lugar, vou te mostrar o que é implorar pela morte. Você me entendeu?”

Ele ainda está chorando como uma criança, mas acena em concordância. “Eu sinto muito. Estou indo bem, mas então a fissura me bateu e tinha que conseguir uma dose. Achei que estava fazendo a coisa certa.” Eu o solto e ele pousa sua cabeça nas mãos, o corpo todo sacudindo com seus soluços.

Saio do armazém e o deixo ali sentado. Ao sair do prédio, Hank está escorado no carro, me esperando. “Ela está no clube, não está?”

“Era como nós estávamos esperando. Preciso de uma planta do prédio e das saídas de emergência. Vai ser hoje à noite.”

“Apenas nós dois?”

“Estou preparado para ir sozinho.”

“Mas sorte sua que não precisa.” Hank acena para que eu entre no carro. Escorrego no banco de trás e mentalmente traço meu plano. Preciso dele perfeito antes de entrar lá.

Inspiro profundamente e checo minha arma mais uma vez antes de entrarmos no prédio. Estamos tentando nos misturar e parecer o mais normal possível vai ajudar nosso disfarce. Eu e Hank estamos vestindo ternos e portamos somente uma pistola cada um. Acoplamos silenciadores a elas, como garantia, mas pelos nossos cálculos esta deve ser uma operação sem percalços.

É uma surpresa quanto tempo duram os traficantes de drogas já que as pessoas que estão a volta deles são facilmente corrompidas. Bastaram umas centenas de dólares e tínhamos a informação sobre o horário da troca de guardas e, mais importante, o local onde minha fada está sendo mantida.

“Está na hora,” digo e aceno com a cabeça para Hank. Lidero o caminho através do beco atrás do clube e para umas das entradas secretas. A porta foi ‘acidentalmente’ esquecida entreaberta e este é o nosso sinal de que está tudo certo.

Mais algumas centenas de dólares nos possibilitaram conseguir um mapa do prédio, assim Hank e eu sabemos onde estamos indo. Através de vários corredores e por um conjunto escuro de degraus, chegamos ao final de um longo corredor. As luzes são fracas e podemos ouvir o som das mulheres conversando. Estamos no andar certo e precisamos fazer isso rápido antes que o guarda que subornamos volte a ligar as câmeras de segurança.

Conto as portas quando chegamos ao fim do corredor e chegamos a uma porta com tranca no lado de fora. É esta. Olho para trás e Hank acena para mim, sinalizando que ele está pronto. Ele puxa sua arma para me dar cobertura e puxo a minha, pronto para o que estiver atrás dessa porta. Silenciosamente abro a tranca e giro a maçaneta. Quando a porta está apenas alguns centímetros aberta, ela é fortemente puxada de minha mão e uma bandeja de metal balança em direção ao meu rosto.

Eu me abaixo e a bandeja mal escapa de acertar meu olho. Eu a seguro antes que acerte a parede e entregue nossa localização.

“Bray!” Rebecca grita e Hank e eu nos jogamos para dentro do quarto, fechando a porta atrás de nós. Hank volta a abrir uma fresta, cautelosamente vigiando e vendo se alguém nos ouviu. Estou pegando-a em meus braços e segurando-a forte enquanto examino o quarto em busca de perigo. “Oh Deus, meu Deus, Bray! Eu não achei que viria atrás de mim!” Ela se agarra a mim e chora em meus braços.

“Shhh. Não agora, Tink. Vamos tirar você daqui.” Olho Hank e ele olha de volta, sinalizando que está tudo limpo. Queria ter tempo e encontrar Nico para acertar as contas com ele, mas minha prioridade sempre foi ter minha fada de volta. Eu a ajeito mais para cima em meus quadris e ela trava as pernas na minha

cintura e seus braços abraçam meu pescoço. “Segure-se, Tink. Nós vamos para casa.”

Hank lidera o caminho para fora enquanto carrego Rebecca e mantenho um olho atrás de mim, no caso de alguém nos seguir. Quando chegamos às escadas escuras, vislumbro uma mulher com o canto dos meus olhos. Olho para cima e aponto a arma para ela, mas ela não faz qualquer movimento na nossa direção. Ela tem cabelo castanho escuro longo e seus olhos são selvagens com raiva. Rebecca fica tensa em meus braços, e sei que algo está errado.

“Vamos ter um problema?” Pergunto à mulher. Ela olha para Rebecca e então para mim e balança a cabeça. Ela vira a esquina e lentamente começa a caminhar pelo corredor como se nunca tivesse nos visto. Sinto Hank atrás de mim e sei que nosso tempo está acabando. “Quatro minutos”, diz ele, e começamos a nos mover novamente.

Exatamente quatro minutos depois, a porta secreta se fecha atrás de nós e estamos correndo para baixo no beco. Ainda estou carregando minha fada quando alcançamos a rua lateral e nos empilhamos dentro de nosso carro de fuga. Hank dá a partida no carro e se afasta do meio fio enquanto ainda estou fechando a porta. Uma vez que estamos fechados no banco de trás, permito que meu medo vá embora. Eu a tenho de volta e isso é a única coisa que importa. Qualquer outra coisa que aconteça, poderei contornar desde que ela esteja comigo.

Sinto que as lágrimas recomeçam e ela chora contra meu peito. Não sei como ajudar, assim, simplesmente acaricio suas costas, braços e pernas. Em todos os lugares por onde posso correr minhas mãos, eu a toco. Beijo seus cabelos e faço sons de ‘shhh’ enquanto ela chora e coloca todo o estresse para fora. Teremos muito tempo para conversar sobre tudo o que aconteceu e por que ela me deixou, mas neste momento sinto o alívio por

estar de volta em meus braços. Consigo sentir isso, pois também estou aliviado. Parece que nossas almas estavam quebradas e finalmente estão se juntando novamente.

Ao chegarmos na garagem subterrânea do meu prédio, Hank chama o elevador privativo para a cobertura e abre a porta para nós. Saio do banco traseiro, ainda segurando minha fada e sigo carregando-a pelo elevador e para dentro de casa.

Quando entramos em casa caminho diretamente ao quarto principal e para o banheiro. Coloco-a sentada sobre o balcão da pia e me inclino para finalmente olhar em seus olhos. O rosto dela está vermelho e manchado de tanto chorar e ela tenta secar as lágrimas que ainda escorrem. Toco suas bochechas para impedir seus movimentos e seguro seu rosto apenas para poder olhar para ela. “Deus, como senti sua falta.”

“Senti falta de você também.” Ele diz e move a mão para meu rosto. “Sinto muito, Bray, eu...”

“Não. Eu sinto muito, Tink. Foi minha culpa. Nunca deveria ter te deixado desprotegida. Você é tão pequena e o mundo é tão grande. Eu me odeio por não ter controlado melhor sua segurança. Nunca deveria ter te deixado. Deveria ter ficado em casa quando pediu. Ficado em casa por todo e qualquer instante desde o momento em que te conheci. Nunca mais vou cometer este erro. Eu sempre escolho você. Só estava tentando te proteger.”

Inclino-me para beijar seus lábios, mas ela se esquiva e pula da pia. Fico olhando enquanto ela vai até a privada e começa a vomitar.

Pânico começa a dominar, porque tudo que posso pensar é que tentei beijá-la e ela começou a vomitar. Não sei o que Nico fez, mas minha mente não consegue ver nada bom. Obrigo-me a parar de pensar nisso e pego uma toalha. Deixo correr água fria

nela, vou até Tink e coloco a toalha em sua nuca. Afasto os cabelos para longe de seu rosto, e me parece que ela agora está com ânsias. Pego meu celular e envio um texto rápido, enquanto tento fazer tudo o que posso para ajudar.

“Tenho uma médica vindo para cá, Tink. Segura as pontas por mais alguns minutos e ela estará aqui. Nico te deu alguma droga? Há quanto tempo está sem comer?”

Ela toma uma grande respiração e se afasta da privada, recostando-se na parede do banheiro. Ela pega a toalha molhada de sua nuca e a usa para limpar o rosto. “Eu não acho que ele tenha me drogado, mas bateu minha cabeça com bastante força quando me pegou.”

Sinto tanta raiva com suas palavras e sei que vou fazer Nico pagar por isso.

Cerro meus punhos e ajoelho-me na frente dela para ver se consigo detectar sinais de concussão. “Certifique-se de contar à médica quando ela chegar aqui para que possa ter certeza que você está bem.”

“Sinceramente, Bray, acho que podem ser apenas enjoos matinais.”

De repente parece que estou num túnel e não consigo ouvir o que ela está dizendo. Olho para baixo e vejo sua mão sobre a barriga redonda, e então o que ela acabou de dizer me bate. “Você está grávida?” pergunto e parece que minha voz está longe.

“Sim,” ela sussurra, e esfrega a barriga dela mais. “Eu queria te contar antes, mas não sabia como.”

Eu pisco, e então começo a me mexer. Eu a pego no colo e levo para a cama e a deposito gentilmente. “Você fica aqui e não move um músculo. A médica estará aqui em breve e cuidarei de tudo.”

Olho para baixo e consigo ver o quão grávida ela está. Eu me ajoelho ao lado da cama para uma olhada mais atenta. Estendo a mão e puxo sua camisa um pouco para expor sua barriguinha. Então me sinto derreter e não consigo evitar: coloco meus lábios em sua barriga onde está nosso bebê. Sinto o sorriso se espalhar pelo meu rosto de orelha a orelha e olho para ela.

“Eu te amo.”

CAPÍTULO TREZE

BECS

“Bray, por favor. Eu preciso tomar um banho,” imploro, tentando me levantar da cama. Quando ele disse a mim que me amava, eu congelei. A única pessoa que já disse isso antes foi meu irmão. Ainda assim, foi quando ele tentava conseguir algo de mim. Outra coisa que me aterrorizou é que não sei se Bray disse isso para mim ou para o bebê. Posso ver a dor em seu rosto quando não reconheço o que ele acabou de dizer. Quero dizer de volta, pois é o que sinto, mas estou simplesmente mortificada e não consigo deixar as palavras saírem de minha boca.

“Apenas fique deitada na cama até que a médica te examine,” Diz Bray, colocando uma mão em meu ombro e tentando me empurrar de volta para a cama. Usando a meu favor o fato dele estar ajoelhado, empurro com mais força e ele cai sentado de bunda. O paletó de seu terno se abre e posso ver a arma enfiada em sua cintura, lembrando-me que realmente não sei nada a respeito deste homem.

Quando ele irrompeu no quarto esta noite, levei um minuto para perceber quem era. A onda de adrenalina deixou meu corpo apenas para me encher de total alívio quando o vi. O olhar que ele tem no rosto é um que nunca vi antes. Mortal. Não se parece em nada com o homem que comecei a conhecer nos

meses que fiquei com ele. Quando o vi pela primeira vez, pensei que sua raiva era direcionada para mim.

Achei que Nico tivesse telefonado e contado sobre a gravidez. Achei que ele estivesse enraivecido por eu ter me deixado naquela situação e colocado seu filho em perigo. Não posso culpá-lo. Sou mesmo uma idiota por não ter me afastado quando Sam não voltou para casa. Eu deveria ter me mudado para um hotel ou algo do tipo até saber que estava segura. Provavelmente deveria ter procurado Bray, mas estava com muito medo.

De qualquer forma, sabia que Bray nunca me faria mal e isso só foi confirmado momentos depois quando ele me pegou em seus braços. Com ele tão perto de mim pela primeira vez em meses, minhas barreiras se romperam. Não consegui conter os soluços. Naquele momento não importava o motivo dele estar ali, se era para me salvar ou salvar o bebê. Eu não me importava. Só queria me enterrar nele e ficar em seus braços protetores para sempre.

Antes de hoje nunca teria imaginado que ele poderia carregar uma arma. Mas o que realmente sei sobre ele? Só que estou apaixonada por um homem do qual não sei nada.

Quando ele vê meu olhar na arma ele faz um movimento para escondê-la com a jaqueta. Reviro meus olhos antes de ir ao banheiro. Como se cobrir a arma fosse encobrir o fato de eu tê-la visto. Mas esse momento é um lembrete. Algo que preciso para me trazer de volta à realidade. É tão fácil deslizar para a bolha de proteção que Bray gosta de colocar em torno desta cobertura. Ele me mantém aqui como seu pequeno animal, só me mostrando uma parte de si. Não quero partes da vida de Bray, quero tudo e desejo que ele queira me dar tudo. Quero ser incluída em tudo.

“Merda, Tink. Espere. Você pode tomar uma ducha depois que a médica te examinar. Ela vai chegar a qualquer momento. Na verdade, ela mora aqui no prédio.”

Meu coração aquece quando ele me chama de Tink. Mas isso logo passa quando ele menciona que outra mulher que conhece mora aqui neste prédio. Não tenho direito de sentir ciúmes, já que ele não me pertence, mas isso causa estragos por dentro, como se houvesse um punho em torno do meu coração.

Bato a porta do banheiro, trancando-a como uma criança birrenta. Eu deveria estar grata por ele ter vindo atrás de mim depois de eu ter ido embora sem dizer uma palavra. Mas estar aqui está fodendo minha cabeça.

“Rebecca, destranque esta porta agora! Não quero ter nada nos separando outra vez,” ele rosna enquanto bate com força na porta. Meus níveis de imaturidade sobem mais um pouco quando faço mímicas com suas palavras de volta para ele.

As batidas na porta cessam e por um instante acho que ele desistiu. “Tink, por favor, só destranque a porta. E se cair no banho? Isso me atrasaria para chegar até você. Pense na sua segurança e na segurança do bebê. Você tem um ferimento na cabeça, pode sentir tonturas ou perder o equilíbrio.” Eu me derreto com sua súplica fofa e esfrego minha mão sobre a barriga, protetoramente.

Destranco a porta e Bray a abre, mas não faz nenhum movimento para entrar. Seus olhos me percorrem e não consigo decifrar o olhar em seu rosto. É então que percebo o quão desalinhado ele parece.

Bray está sempre tão alinhado, mas agora, ainda está absolutamente bonito, ele parece acabado. Parece estar sem dormir a dias, com círculos escuros debaixo de seus olhos, e sem se barbear. Ele parece ter perdido um pouco de peso e suas

roupas estão amassadas como se não tivessem sido trocadas em dias. Ele parece derrotado.

Vendo-o assim, ele ainda é o homem mais perfeito que já vi, e por mais terrível que seja o pensamento, não posso deixar de acreditar que talvez eu tenha feito isso com ele. Que ele sentiu tanto a minha falta que a vida ficou insuportável. Que não estava sofrendo sozinha a perda de nós dois.

Não suporto a distância entre nós e antes que perceba, estou bem na frente dele, estendendo a mão e acariciando seu rosto, esfregando meu polegar em sua barba levemente desalinhada. Ele se inclina para meu toque, fechando os olhos, como se o contato estivesse acalmando-o.

“Bray”, sussurro enquanto continuo acariciando com meu polegar. “Eu te amo. Desculpe por ter ido embora, e não estou tentando te afastar.”

Ele abre os olhos e suaviza com minha confissão. Este parece ser um grande momento para nós dois já que é a primeira vez que ambos estamos admitindo nossos sentimentos. É assustador dizer as palavras e se expor assim, mas ao mesmo tempo, é o mais honesto que já fomos.

Bray está sempre ponderando o resultado de cada situação e posso dizer que ele ainda está relutante em se afastar, mesmo que seja apenas por um momento.

“Apenas me deixe tomar uma ducha. Faz dias que estou sem me lavar e sei que isso vai fazer eu me sentir melhor. Quero estar limpa quando a doutora me examinar.” Quando ele ainda parece hesitante, digo “Vou manter a porta aberta,” e isso parece ser suficiente.

Quando ele concorda com sua cabeça, começo a baixar minha mão, mas ele a agarra e a leva até sua boca, onde deposita um suave beijo em minha palma. O simples toque de sua boca

desperta meu corpo de um jeito que desconhecia desde a última vez que estive com ele.

“Ok, Tink.” Ele diz, soltando minha mão e dando um passo para trás.

Tiro a camiseta, grata por finalmente me livrar dela. Depois se vai minha calcinha e tenho esta estranha vontade de queimar as duas peças. Ao olhar sobre meu ombro, Bray ainda está na porta com seus olhos cravados em minha barriga. Um sorriso atravessa seu rosto, deixando-o com cara de menino.

Neste momento a campainha toca, indicando que a médica está aqui, mas Bray não se move para ver quem está na porta.

“Bray?” pergunto, questionando se ele vai atender. Ele olha para a porta do quarto e então de volta para mim como se estivesse ponderando se vai me deixar sozinha ou se vai atender à porta para deixar a médica entrar. “Vou ficar bem, prometo.” Eu digo, tentando fazê-lo ir, mas ele continua ali parado. A campainha soa outra vez “Querido, eu vou ficar bem, ok? Estou aqui e não vou a lugar algum.”

Percebo que parte da tensão sai de seu corpo quando uso o termo carinhoso e para ele é a confirmação que não vou a qualquer lugar.

“Não é como se eu pudesse desaparecer sem você ver, Bray. Não sou uma fada de verdade e não posso sair voando pela varanda,” brinco, mas o olhar que ele me dá não é de diversão. Seu rosto fica tenso, fazendo-me sentir falta da cara de menino, de momentos atrás. Eu me condeno pela piada boba e por tentar aliviar o humor.

“Não, você não vai voar para qualquer lugar, Rebecca. Considere suas asinhas cortadas,” ele grita antes de sair pisando duro. Suas palavras parecem uma promessa. Gosto da ideia de ficar ligada a ele, mas não presa. Quanto mais fico perto de Bray,

mais sinto como se as paredes estivessem vindo por cima de mim.

Às vezes é difícil dizer quem é Bray. Ainda virgem aos trinta e dois, pega em uma arma como se soubesse o que está fazendo com ela e dirige uma empresa que vale só Deus sabe quanto. Sabendo tudo isso, ainda o quero. Talvez ser enjaulada não seria tão ruim, mas o pensamento me deixa ansiosa.

Afastando os pensamentos, ligo o chuveiro, esfregando meu corpo com força. Quero todos os vestígios de Nico fora de mim.

Preciso aceitar uma coisa de cada vez. Estou pensando muito à frente, quando só preciso pensar em terminar este dia. Pegando o shampoo, percebo que este ainda é o meu. Olhando ao redor do banheiro através do box de vidro, noto que muitas das coisas que Bray comprou para mim quando estava com ele ainda estão onde eu as deixei. Intocadas. Então vejo novas tinturas de cabelo sobre a pia, e sorrio para o contraste das cores brilhantes contra seu banheiro branco. Tirei o colorido do cabelo para o evento de caridade pensando que era o que Bray queria. Estava tão amargurada por tudo isso, que pouco depois de tê-lo deixado, pinteí meu cabelo outra vez. Se ele me comprou mais tinta, isso deve significar que ele gosta. Talvez eu estivesse enganada quanto a ele. As tintas estavam ali, como se me esperando voltar. Ou talvez sejam para outra pessoa.

Meu ciúme ataca outra vez. Estive longe por três meses e talvez ele tenha seguido em frente. Vai que ele descobriu que sexo é seu negócio e quis recuperar o tempo perdido? Ainda não sei o porquê dele ainda ser virgem. Uma coisa é certa, se ele quiser que eu fique aqui, vou arrancar algumas respostas sobre quem Bray realmente é.

Dou uma risada com este pensamento. A quem estou enganando, talvez nem tenha chance de ficar. O comentário

sobre as asas cortadas ainda está dançando em minha mente e vou ficar em qualquer lugar se isso significar que eu e o bebê estaremos longe de Nico.

Enxaguando meu cabelo, desligo o chuveiro e pego uma toalha para me secar. As manchas rosa e roxas em sua grande e fofa toalha branca me fazem sorrir. Vejo meu roupão ainda pendurado perto do roupão de Bray, mas a ideia de que outra pessoa possa tê-lo vestido me faz pegar o dele ao invés do meu. Escorregando para dentro, rapidamente escovo meus dentes e penteio o cabelo antes de voltar para o quarto.

Bray está andando ao lado da cama como um tigre e uma mulher está de pé na entrada do quarto, parecendo deslocada.

Quando ninguém fala nada e solto um estranho “Olá.” A tensão no quarto é grande e não sei bem o que pensar sobre isso.

“Vamos fazer isso na sala de estar,” Bray diz num tom cortado, e tenho certeza que é porque esta nova pessoa está em pé aqui. Eu aprendi muito sobre seus comportamentos estranhos e este é um deles. Quero que todos estejam confortáveis, então aliviar a tensão agora é o que eu preciso fazer.

“Certo. Vá na frente,” digo a Bray, e posso vê-lo visivelmente relaxar um pouco. Ele pega minha mão e levamos esta nova pessoa para a sala de estar.

“Você deve ser Rebecca,” diz a pequena mulher, estendendo a mão e me cumprimentando suavemente. Ela não parece ter idade suficiente para ser uma médica. Seu cabelo louro ondulado mal atinge seus ombros e os olhos verdes parecem grandes e inocentes. Talvez ela esteja apenas intimidada por Bray, ou talvez eles tenham uma história. Ela olha para Bray e quando suas sobrancelhas se levantam, eu olho para ele também. Ele começou a andar de novo, mas parece menos tenso.

“Sim, sou Rebecca, mas, por favor, me chame de Becs,” respondo, baixando a mão.

“Sou Dra. Grange, mas pode me chamar de Samantha. Estou na pediatria, então a maioria dos meus pacientes me chama assim de qualquer forma. Encontrei Bray algumas vezes, mas não sabia que também morava aqui. Lamento conhecê-la sob estas circunstâncias, mas vamos ver se posso te ajudar.” Ela me dá um sorriso suave e me sinto um pouco mais à vontade. Dou um pequeno aceno de acordo, e ela continua.

“Ok, Becs. Por que não se senta no sofá e me conta o que está acontecendo.” Ela diz enquanto se senta na mesinha de centro à minha frente.

Dou-lhe uma versão açucarada da história sobre como minha cabeça bateu numa porta de carro e sobre não ter comido muito nos últimos dias. Enquanto conto alguns dos detalhes, vejo Bray parar de andar de um lado para o outro e vir para onde estamos sentadas. Ele se senta ao meu lado, mas é como se isso não fosse suficientemente perto, e ele se move atrás de mim no sofá, me envolvendo com seu corpo. Derreto na sensação maravilhosa, e deixo meu corpo se moldar ao dele.

A doutora olha por sobre minha cabeça e sorri um pouco. Depois de me examinar ela pega sua maleta e tira um pouco de sangue.

“Como se sente agora? Sensível? Dores de cabeça ou tontura?”

“Não desde ontem. Continuo nauseada, mas não tenho certeza se isso é devido à minha cabeça ou se é o bebê,” respondo, esfregando distraidamente minha barriga. Algo que venho fazendo de monte agora.

“E o bebê?” ela pergunta, levando sua mão em direção ao meu estômago, mas sinto Bray enrijecer atrás de mim. Ela deve

ter percebido a reação dele também, já que ela puxa a mão de volta e faz cara de que pede desculpas.

“Desculpe, isso foi excessivo de minha parte. Como pediatra e tudo, nunca tenho o suficiente de bebês.”

“Não, Samantha, está tudo bem. Estou um pouco no limite hoje, eu é que peço desculpas.”

Assentindo com a cabeça, e fazendo com que suas ondas louras balancem, ela começa a arrumar sua bolsa.

“Você parece bem. Apenas para ter certeza, vou enviar seu sangue para alguns testes e nos certificarmos que está tudo certo. Apenas me informe quem é seu obstetra e envio os resultados para ele. Quero que você o procure amanhã e vou me certificar que seus resultados já estejam com ele antes que chegue para a consulta.”

“Ainda não tenho um,” digo tentando desconversar e me sentindo envergonhada de já estar tão adiantada em minha gestação e ainda não ter procurado um médico. Peguei algumas vitaminas na farmácia local, mas, além disso, não fiz muito.

Sinto um beijo suave em minha nuca. “Dra. Lily Long,” Bray diz contra meu pescoço.

Uma pequena risada escapa da doutora enquanto ela se levanta. “Achei mesmo que diria isso. Sempre o melhor, Bray, não é mesmo?”

“Fico feliz de saber que aprova,” Bray diz antes de sair detrás de mim e descer do sofá.

“Se não ela, também posso recomendar o Dr. Tomas. Ele é conhecido por...”

Ela é cortada por um rosnado que faz a doutora rir outra vez. O riso mostra uma covinha em sua bochecha esquerda,

fazendo com que ela pareça ainda mais bonita. Provavelmente pareço o inferno. Esses hormônios da gravidez estão me deixando com ciúmes loucos.

“Que seja Long. Vou mandar tudo para lá na primeira hora da manhã. Tome líquidos e algo para comer. Faça um jantar leve.”

Digo adeus à médica e volto para nosso quarto.

Quando ouço a porta da frente ser fechada, tiro meu roupão e entro sob as cobertas. Pergunto-me se deveria fazer isso ou não. Bray não me convidou para ficar em sua cama, mas, inferno, isso nunca me impediu antes.

“Rebecca,” Bray diz e abro os olhos para vê-lo me olhando com uma bandeja nas mãos. “Você precisa comer,” ele fala e coloca uma pequena bandeja de comida na mesa de cabeceira ao meu lado. Ele se senta numa cadeira ao lado da cama, não se juntando a mim sob as cobertas.

“Nós precisamos conversar,” digo, pois minha cabeça está completamente perdida e tenho que saber o que está acontecendo aqui. Pelo menos o suficiente para poder dormir esta noite. Como tantas perguntas me perseguindo sei que não conseguirei relaxar, por mais exausta que esteja.

“Eu sei. Coma e então vamos conversar. Depois disso vou te acorrentar a esta cama e foder até que não consiga mais se mexer. Vou tirar qualquer ideia de me deixar que possa ter dentro desta cabecinha linda. Depois de terminar com isso, vou lambe sua bocetinha até que se lembre de quem ela pertence.”

CAPÍTULO QUATORZE

BRAY

Pelos olhos dela, que estão arregalados, posso dizer que está tanto aterrorizada quanto excitada. Ela não entende o que me fez passar nestes últimos meses e agora que está de volta, em minha cama, estou seriamente fascinado com esta ideia. Não me importa o que será necessário. Ela nunca mais vai me deixar.

Pego a bandeja da mesinha e a coloco no meu colo enquanto me sento na beirada da cama. “Vou te alimentar,” digo e lhe ofereço uma colherada da canja de galinha que preparei. Ela me dá um olhar de estranheza, mas uma parte possessiva de mim quer fazer isso. Quero dar a ela o que precise e neste momento sei que posso.

Ela abre a boca, lambendo os lábios antes de aceitar a colherada de sopa. Meu pau enrijece com o gesto inocente. Como pode ela comer sopa e me deixar excitado? Sei que temos muito o que conversar, mas sinto meu corpo em chamas por ela. Preciso confirmar a mim mesmo que ela está aqui de verdade. Preciso me controlar, mas antes precisamos conversar.

“Primeiro: quero que saiba que te amo e que estive errado ao colocar meu trabalho antes de você. Nada é mais importante que você e acho que estava assustado demais para admitir. Foi por isso que me enterrei no trabalho. No dia que foi embora,

percebi isso e voltei voando para casa a fim de te contar o quanto vinha agindo errado.”

“Oh, Bray. Sinto tanto.”

“Não. Você não tem porque se desculpar. Os últimos três meses foram miseráveis e alterei algumas coisas. Eu me aposentei e deixei minha empresa na mão do meu vice-presidente. Há anos ele vinha esperando pela oportunidade de assumir tudo e fiquei contente em deixar isso acontecer. Você também estava certa sobre Cindy. O gerente para quem a transferei quando me afastei odiou a voz dela e ainda a pegou vendendo informações de nossos clientes. Ela foi demitida e está respondendo a um processo.”

Ela me dá um olhar presunçoso ao ouvir esta admissão e acho que isso é um bom sinal. Continuo.

“Eu te empurrei para longe e continuei negando meus sentimentos porque estou apavorado com o que posso me tornar.” Ela me dá um olhar interrogativo, mas sei que preciso contar a ela. Tenho que explicar meus medos.

“Eu te contei que meus pais morreram quando tinha dezoito anos. Somente uma parte disso é verdade.” Inspiro profundamente e continuo contando a ela o resto da história. “Meu pai era obcecado por minha mãe, de uma tal forma que ele abusava dela sexualmente como forma de controle. Esta é a razão de eu nunca ter feito sexo antes de você. Eu não confiava em mim mesmo e era um jeito de controlar meu medo.”

Ela acena com a cabeça, entendendo. Mas ainda não cheguei à parte ruim.

“Quando completei dezoito anos, tinha tudo certo para fugir com minha mãe. Acho que meu pai pressentiu que alguma coisa estava para acontecer e no dia da minha formatura do colegial ele chegou em casa mais cedo do trabalho. Eu e ela

estávamos na cozinha, nossas malas prontas, prestes a sair. Minha mãe tentou ficar entre ele e eu, mas ele não deixou.”

Respiro e continuo.

“Ele me amarrou a uma cadeira e a sufocou até a morte bem na minha frente. Ele me fez assistir tudo. Tudo, Tink.”

Deixo minha cabeça cair em vergonha e ela segura minhas mãos.

“Chelsea e eu já éramos amigos desde a escola fundamental. Ela meio que sabia que minha vida em casa não era muito boa. Então, quando não apareci na formatura ela soube que algo ruim havia acontecido. Ela entrou em minha casa no momento em que meu pai estava me desamarrando. Não tenho dúvidas que ele pretendia me matar em seguida. Mas ao vê-la entrar em nossa casa, ele acabou baixando a guarda e isso me deu tempo suficiente para pegar uma faca que estava sobre a mesa da cozinha. Eu o apunhalei no peito.”

Rebecca arqueja e coloca uma mão sobre a boca, em choque.

“Ele não morreu de imediato, então devo ter acertado um pulmão. Mas fiquei de pé sobre seu corpo, sem um único arrependimento, e assisti enquanto ele morria.” Dou um aperto na mão que ainda continua segurando a minha e conto o resto da história.

“Chelsea tem grana e sua família tinha alguns caras que trabalhavam como seguranças. Ela conhecia um cara em quem confiava o suficiente para nos ajudar a limpar a bagunça.”

“Quem?”

“Hank.”

“Oh Bray,” ela diz e vejo lágrimas nos olhos dela.

“Ele tem estado comigo desde então. Ele ajudou a arrumar a cena do crime, fazendo parecer que eles mataram um ao outro numa luta. Chelsea confirmou minha história; há anos meu pai abusava de minha mãe por causa de sua obsessão. Quando fiquei mais velho e comecei a ter mais grana, a história voltou a aparecer e saiu em alguns jornais. Desde então tento me manter fora de qualquer escândalo, da melhor forma possível.”

“Nunca percebi a conexão entre vocês três.”

“Tink, te contei esta história porque preciso que entenda o quão amedrontado fiquei só de pensar que poderia me tornar igual ao meu pai. Quero que entenda o motivo de eu precisar de tanto controle e organização na minha vida. Você mandou pelo ares meus planos perfeitamente organizados e mudou absolutamente tudo em mim, por dentro e por fora. Nem te percebi chegando e, puta merda, que entrada fez.”

Ela ri um pouco de minha piada, que é a mais pura verdade.

“Eu te amo, Tink. Mesmo com medo, quero você do meu lado a cada dia pelo resto da minha vida.”

Eu termino de dar a ela toda a sopa da tigela e coloco a bandeja de lado, sobre a mesa de cabeceira. Preciso unir nossos corpos e não posso esperar nem mais um segundo. “Coloque as cobertas de lado, Tink. Preciso ver você.”

Ela hesita por um segundo antes de baixar as cobertas e afastá-las de seu corpo. Ela é a mulher mais perfeita do mundo. Ver sua barriga arredondada com meu bebê me deixa ainda mais duro. Seus quadris até parecem um pouco mais cheios e isso me faz fantasiar agarrá-los com força enquanto estiver enfiando meu pau dentro dela.

Seus olhos rastreiam meu corpo e param na minha notável ereção, tentando sair da minha calça. Ela tem desejo em seus

olhos, e sei que quer me provar tanto quanto quero que ela me prove. Olho para baixo e vejo que há um ponto molhado na frente da minha calça, onde meu pré-goço já vazou. De repente sinto minhas roupas muito apertadas e parece que não posso respirar com elas. Ela mantém seus olhos em mim enquanto fico nu e subo na cama. Sinto como se meu coração fosse bater fora do peito. Estive sem ela por meses e finalmente a terei outra vez.

Não tenho certeza se ela entendeu o quanto realmente quero acorrentá-la à cama. Os pensamentos obscuros que venho tentando manter à deriva estão povoando minha mente. Não posso ser como ele foi, mas não acredito que haja alguma volta a partir deste ponto. Já passei do ponto de voltar, embora nem saiba se alguma ocasião houve um ponto de volta desde a primeira vez que a vi. Eu simplesmente preciso aprender a me controlar.

Posso sentir o suave tremer do meu corpo. Como se precisasse de minha próxima dose e finalmente tivesse colocado as mãos nela. Ela está bem aqui para eu tomá-la. Talvez, não ter me permitido encontrar qualquer alívio durante os últimos meses não tenha sido a melhor ideia. Toda vez que começava a acariciar meu pau, minha mente era inundada com as imagens das coisas que havia feito para minha Tink. Eu comendo sua buceta enquanto ela implorava para que eu a deixasse gozar. As coxas dela apertando em volta do meu rosto enquanto eu a lambia como um homem faminto. Eu estava morrendo de fome. Eu ainda estou faminto por ela. Nunca será suficiente.

Os pensamentos são intoxicantes e doloridos, tudo ao mesmo tempo. Não vou me permitir isso. Não sei bem se foi devido à dor de tê-la perdido ou se estava punindo a mim mesmo por deixá-la escapar. Agora meu controle está por um fio e estou repensando a ideia.

“Nós temos que recuperar o tempo perdido e não vou durar muito do jeito que estou me sentindo agora. Não gozei desde a última vez que estivemos juntos e preciso que me ajude para que eu possa fazer isso ser bom para você. Estou tão cheio de esperma, não tenho certeza se pode engolir tudo.”

Olho para baixo em sua doce boca e pressiono os lábios suavemente nos dela. Tentando me acalmar. Seu toque de alguma forma me acalma, mas também me faz sentir coisas que nunca senti antes. Caos. Isso é o que ela é. O que preciso. Ela me faz sentir vivo. “Eu posso tomar você todo, por mais que me queira,” diz ela, e começa a me beijar de volta mais agressiva.

Quebro os beijos e digo a ela o que preciso. “Apenas deite-se e me deixe usar seus peitos. Vou gozar em você e então poderá me ter em sua buceta.” Preciso disso para acabar com minha urgência e depois poderei ser gentil com ela.

Ela concorda com a cabeça, e lhe dou outro beijo nos lábios antes de subir para seu peito. “Obrigado, Tink.”

Certificando-me de que estou longe o suficiente em seu corpo e que não a estou machucando, alinho meu pau entre seus grandes e belos seios. Eles dão mais que uma mão cheia e seus grandes mamilos cor-de-rosa estão duros como rocha. Posso dizer que eles estão implorando por atenção e logo terão. Meu pau tem gotas de gozo caindo da ponta e as utilizo para marcar uma trilha no seio. Estou pingando tanto que não será necessário qualquer lubrificante e ela está escorregadia em segundos. “Agora aperte seus seios em volta do meu pau, Tink. É isso, faça gostoso e apertado em volta de mim.” Eu me inclino um pouco para frente e seguro a cabeceira da cama enquanto ela empurra seus peitos juntos. Balanço meus quadris um pouco e assisto como a ponta do meu pau aparece para fora no alto dos peitos quando eu empurro para frente.

“Ai Deus! Isso mesmo Tinkerbell. Estou tão perto.” Só de ver meu pau fodendo ela já seria o suficiente para me fazer gozar. Mas minha fada faz ficar melhor ainda. Ela se abaixa e lambe a pontinha do meu pau quando ele aparece entre os seios e eu me perco. “Porra!” Grito e sinto minhas bolas se apertarem. Acho que não bombeei nem dez vezes antes de gozar. Sua única e pequena lambida foi tudo que precisei para chegar ao ápice e estou gozando por cima dela. Em seus seios, seu pescoço.

Eu continuo empurrando os quadris como se estivesse fodendo sua buceta. Assim, meu gozo está espalhado entre seus peitos e rola abaixo pelo queixo e pescoço. Eu a marquei completamente e a visão dela assim me faz gozar ainda mais.

Meu pau continua duro mesmo depois de gozar. Desço dos seios e em segundos meus quadris estão entre suas pernas, enfiando meu pau ainda duro como pedra dentro de sua buceta apertada e molhada. Ela grita de espanto e prazer e joga a cabeça para trás, expondo seu pescoço coberto de porra.

A visão de uma parte minha a cobrindo faz meu pau se apertar outra vez. Começo a empurrar com força, tomando seu corpo de volta, mas com cuidado já que ela está grávida do meu bebê. A visão do meu gozo sobre ela e saber que minha semente está crescendo dentro de seu corpo me deixa enlouquecido. Uso a palma da minha mão para espalhar a porra por todo seu corpo, em volta do pescoço e por todos seus peitos. Eu a quero coberta de mim e somente de mim. Quando acabo de esfregar tudo em sua pele, me inclino e sugo seu mamilo, sentindo meu próprio gosto nela e levando minha loucura por ela ao ponto da insanidade.

Olho dentro dos olhos dela, sem parar minhas fortes arremetidas. “Tink, diga que não vai me abandonar nunca mais,” rosno e baixo uma mão para o ponto onde nossos corpos se fundem.

“Nunca mais vou te deixar,” ela diz sem fôlego.

“Nunca,” digo com mais firmeza e esfrego o polegar em seu clitóris.

“Nunca!” ela grita e sinto seu corpo tensionar. Ela está prestes a gozar e estou com ela.

“Você é minha,” resmungo e enfio com força uma última vez, segurando meu pau dentro dela enquanto me esvazio. Esfrego seu clitóris e suas pernas se movimentam para cima e ela grita com sua liberação. Seu corpo fica lindamente corado e tudo que posso pensar é em quão perfeita minha fada é.

Nossos orgasmos nos deixam respirando com dificuldade, mas não estou nem perto de terminar com ela. Beijo seu corpo enquanto me afasto, e faço meu caminho entre suas pernas.

“Bray, estou uma bagunça aí embaixo. Não faça isso agora”, ela implora e tenta encobrir sua buceta.

“Tire suas mãos, Tink. Fui eu que fiz esta bagunça aqui embaixo. Pretendo limpar tudo.” Com relutância ela tira as mãos do caminho e eu afasto e levanto suas pernas, com os joelhos dobrados, deixando-a completamente exposta para mim. Vejo nossa paixão vazando de dentro dela, escorrendo para sua bunda e passo meus dedos ali, seguindo a trilha. Quando toco sua bunda, ela se encolhe, e sorrio para mim mesmo. “Um dia nós vamos chegar aqui, Tink. Mas não hoje,” digo, e apenas corro meu dedo indicador coberto de porra em torno de seu anel apertado.

Com a outra mão penetro sua buceta e começo a esfregar seu ponto ‘G’. Ela mantém os joelhos para cima, enquanto com uma mão penetro sua buceta e com a outra pressiono contra sua entrada. Posso ouvir os gemidos de excitação e me abaixo para beijar seu clitóris.

Minha fada começa a gíngar seus quadris e não demora muito para atingir outro orgasmo. Sua buceta está tão bonita e inchada e beijo e chupo seus lábios para ajudar a aliviar a dor. Estou trabalhando em todos seus pontos de prazer com minhas mãos, boca e língua. Quero que ela saiba quanto de prazer posso lhe dar. Que vou fazer isso e qualquer coisa que ela precise ao meu lado. Se o que ela quiser for ficar deitada nesta cama ao dia todo com minha boca presa a sua buceta, faria isso com prazer.

Antes que eu perceba ela está gozando. Seu corpo fica tenso, sua buceta pulsa e ela empurra o clitóris contra meu rosto. Tink está me usando completamente para seu prazer e meu pau duro não pode estar mais feliz.

Uma vez que arranco o restinho do seu orgasmo, me levanto e fico de pé. “Vire-se, Tinkerbelle, ainda não terminei com você.”

Ela ri preguiçosamente e a ajudo a rolar, e colocar sua bunda no ar. Meu pau ainda está completamente duro e doloroso como se eu não tivesse gozado duas vezes. Mas ao vê-la assim, com seu traseiro redondo grande exposto, acho que nem se gozasse cem vezes seria o suficiente.

Deito na cama debaixo dela e a viro para que ela possa sentar no meu rosto. Quero que ela fique confortável, mas sei que nessa posição ela goza mais forte. Posiciono seus joelhos em ambos os lados da minha cabeça e suavemente puxo seus quadris para baixo de forma que sua buceta fique diretamente sobre a minha boca.

“Quero que goze no meu rosto, Tink. Quero que monte com força, use-me para seu prazer. Eu vou te tocar, e usar o seu mel para me masturbar, então não se preocupe comigo. Quero que você goze tantas vezes quanto puder até que suas pernas não aguentem mais, e então vou segurá-la para que possa gozar mais algumas vezes.”

“Oh, Deus, Bray,” ela diz trêmula.

“É só Bray, baby. Deus não está nem chegando perto desta bucinha.” Tink ama sua buceta no meu rosto e começo a trabalhar.

Lambo, chupo e a toco com os dedos por três orgasmos até que as pernas dela não conseguem mais aguentar seu peso. Gozei em algum momento antes do primeiro orgasmo dela e vim outra vez lá pela sexta vez dela, sem nem mesmo encostar no meu pau.

Nós dois estamos uma bagunça melada quando pegamos no sono e tudo em que consigo pensar é que estamos grudados para sempre, por toda eternidade.

“Vamos dar uma olhada neste bebê?” Dra. Long diz. Normalmente isto seria realizado por um técnico, mas entrei em contato pessoalmente com ela para agendar esta consulta e expliquei que queria tratamento especial, não importando o preço. Dinheiro sempre acaba deixando as pessoas mais gentis.

Comecei a ter um ataque de pânico quando nós dois entramos no consultório da obstetra. Felizmente, Tink percebeu e segurou minha mão, me deixando mais calmo. Tenho tantos medos quando se trata dela estar grávida e ter um bebê, mas sei que enquanto ela estiver comigo, posso fazer qualquer coisa.

Estou sentado numa cadeira ao lado de Tink e seguro sua mão enquanto a médica espalha o gel por sua barriga. “Você já

está suficientemente adiantada. Vocês dois querem saber se é menino ou menina?”

“Não.”

“Sim.”

Nós olhamos um para o outro e sorrimos. “Tink, eu preciso saber. Há tanta coisa que é desconhecida e não suporto mais surpresas com esse bebê. Tenho que ter controle sobre algo.”

Ela toca o lado do meu rosto e vê toda a ansiedade que tenho em meu coração sobre ela e nosso filho. Quero lhe dar tudo no mundo, mas preciso disso. Ela me dá um pequeno sorriso e acena com a cabeça em concessão. “Ok, vamos descobrir”, dando à médica sua aprovação.

Depois de alguns minutos observando os movimentos do bebê e da médica nos informando que o bebê é forte e saudável como deveria ser, sinto minha ansiedade cedendo um pouco e já posso respirar melhor.

“Bem, parece que temos um broto na maçã... Parabéns, é um menino.” Diz Dra. Long e sinto um sorriso tão grande no meu rosto que tenho certeza que poderia quebrar alguns recordes. Olho para minha fada e ela está chorando e sorrindo ao mesmo tempo. Eu me inclino e a abraço. Temos ali um momento de silêncio juntos, apenas curtindo nossa profunda felicidade. Eu ficaria feliz de qualquer forma. Não me importa se vamos ter menino ou menina, mas descobrir o sexo do bebê juntos é especial e algo que sempre vou guardar comigo como um tesouro.

* * * * *

Ao sairmos do consultório, não vejo o carro de Hank. “Isso é estranho,” digo e continuo procurando pelo estacionamento. Sinto os cabelos de minha nuca se arrepiarem, como se estivéssemos sendo observados e passo meu braço em volta de

Tink, apertando-a contra meu corpo. Sinto-me muito exposto parado do lado de fora e pego meu celular. “Vamos voltar lá para dentro para esperar. Aqui não é muito seguro.”

Ela me olha, mas concorda com a cabeça e coloca uma das mãos sobre a barriga, de forma protetora. No momento em que nos viramos, percebo um movimento pelo canto dos olhos e ouço o som de flashes pipocando. Olho em volta e de repente estamos cercados por câmeras e telefones. Há paparazzis por todos os lados. “Segure-se em mim, Tink,” digo rispidamente e a pego no colo, correndo de volta para o consultório. Preciso empurrar com o cotovelo algumas pessoas para que saiam do caminho e meu pânico está nas alturas. As pessoas nos cercam e ficam fazendo perguntas sobre quem Rebecca é e de quanto tempo é sua gravidez. Percebo que meu mundo inteiro está ali nos meus braços e é minha obrigação mantê-los protegidos. Deixo meu pânico de lado e faço o que precisa ser feito. Assim que entro pelas portas do consultório, as enfermeiras vêm do balcão para nos ajudar. Elas pegam Tink, ajudam-na a se sentar numa cadeira de rodas e começam a fazer perguntas. Vejo Dra. Long saindo e ela já está em cima de Tink no mesmo instante para se assegurar que está tudo bem. Os paparazzis estão do lado de fora do prédio, mas as janelas são insufilmadas, assim, não conseguem ver aqui dentro.

Imediatamente pego meu celular e ligo para Hank. Quando ele não atende, sei que tem algo ruim acontecendo. Tento mais três vezes apenas para me certificar e como ele não atende, desisto. Preciso tirar Tink daqui antes de me preocupar com Hank. Ele é um menino grande e é bem treinado. Se não estiver morto, vai conseguir encontrar o caminho para casa.

“Aqui,” diz a Dra. Long e oferece suas chaves. “Estacionei na garagem privativa aqui atrás. Pegue meu carro e vá embora com segurança. Rebecca está um pouco nervosa, mas está bem para ir embora. Não tenho a menor ideia de como a imprensa

descobriu que estava aqui, mas vou me informar melhor e tomar conta deste assunto. Prometo que isso não vai acontecer outra vez. Posso fazer visitas domiciliares daqui para frente.”

“Nós apreciaremos muito isso. Obrigado,” digo e pego Tink.

“Eu posso caminhar, Bray,” ela sussurra em meu ouvido, mas eu a ignoro. Nós dois sabemos que o desaparecimento de Hank não é um bom sinal e, neste momento, esta é a única coisa que posso fazer para mantê-la protegida.

“É por isso que não saímos da cobertura,” digo por entre os dentes cerrados. Nunca vou me acostumar aos malefícios que a imprensa pode causar. Aos estragos que podem fazer. Prefiro me esconder na minha torre e só sair para trabalhar e alguns eventos específicos.

“Leve-nos de volta. Estou com medo.”

“Eu estou com você. Ninguém vai encostar na minha fada.”

“Ainda sem retorno?” Tink pergunta da banheira.

“Nada. E o rastreador está inativo. Seu celular deve ter sido desligado. Dei alguns telefonemas e tem umas pessoas dando uma olhada no assunto.” Assim que voltamos eu a coloquei na banheira quentinha para relaxar enquanto dava alguns telefonemas.

Falei com cinco dos homens que trabalham para mim além de Hank e o último registro do GPS que conseguimos é de um

lugar próximo ao clube de Nico. Isto não me surpreende. Também tenho quase certeza de que foi Nico que avisou à imprensa sobre nosso bebê e sobre onde estávamos para causar uma cena. Aposto que ele ficou desapontado por não ter conseguido pegar Rebecca também e minha raiva ferve com o pensamento.

“Talvez deva vir na banheira um pouquinho. Acho que também precisa relaxar.”

“Nós dois sabemos o que vai acontecer se eu entrar nesta banheira.”

Tink ri um pouco e estende os braços como em um convite. “Esta é a ideia, Baunilha.” Fico espantado em ver como ela consegue processar uma situação como esta, mas então me lembro que ela teve uma vida difícil e esta não é a pior coisa pela qual já passou.

“Está bem, mas sem gracinhas,” digo e ela me dá um sorriso perverso.

Tiro minhas roupas e entro na banheira, deixando uma quantidade impiedosa de bolhas nos cercarem.

“Quanto de espuma de banho colocou aqui?”

“Não finja que não gosta. Olha toda diversão que podemos ter,” ela diz e se vira em meus braços. Ela está me dando um sorriso enorme e então se inclina um pouco ao ver minha cara de interrogação.

“Que tipo de diversão podemos ter com bolhas?”

“Bem, bem, bem... Por exemplo; estas bolhas são comestíveis.”

“Como?” estou confuso.

“Eu comprei esta espuma de banho antes de... ir embora.” Ela hesita com suas próprias palavras, mas rapidamente se recupera. “E ainda estava aqui, então pensei em usar.” Posso ver que ela ficou hesitante ao mencionar que me deixou, mas ter ela aqui comigo agora deixa tudo bem.

“Então, a gente pode comer isso? Eu te amo Tink, mas isso parece meio demais.”

Ela ri e se inclina um pouco mais para trás. “Eu também te amo. Bom, tanto faz, mas pensei que gostaria de experimentar.” Nesse momento, ela agarra seus seios e os empurra juntos, deixando as bolhas se acumularem no colo. Ela se inclina para baixo um pouco e lambe o vale coberto de bolhas e meu pau que já estava duro, agora está totalmente ereto de um jeito doloroso. Não tenho certeza se ele chegou a baixar nas últimas vinte e quatro horas.

“Mmmmm, Baunilha. Nada mal,” ela diz e volta a lambe seus peitos.

Rapidamente puxo as mãos dela, libertando seus peitos. Eles saltam um pouco, e lambo meus lábios, precisando prová-los eu mesmo. Eu a puxo para mim e a faço montar em meu colo, enquanto minha boca encontra seus mamilos cobertos pela doce espuma. Eu lambo, sugo e gemo em torno de sua pele e a sinto se inclinar para baixo e colocar a língua em meu pescoço.

“Porra,” gemo ao redor de seu mamilo. “Esta é a melhor ideia que você já teve.”

Antes que perceba, meu pau está dentro dela e nós estamos nos beijando e provando nossa pele coberta de baunilha enquanto a fodo lentamente. Quando ambos finalmente gozamos, decidimos tomar uma ducha para enxaguar a bagunça pegajosa. Quando o chuveiro nos conduz a bagunças mais

pegajosas desistimos de tentar nos manter limpos e eu a coloco na cama.

“Durma um pouco, Tink. Quando você acordar, terei alguma comida pronta.” Ela mal está consciente o suficiente para acenar com a cabeça contra o travesseiro.

CAPÍTULO QUINZE

BECS

“Acorde, minha fadinha.”

Sinto os lábios quentes de Bray em meu pescoço. Amo quando ele me acorda deste jeito. Apaguei depois do banho. Não sei se é o bebê ou se é a sequência de eventos dos últimos dias, mas estou exausta. Talvez seja um pouco de cada coisa. Nem consigo me lembrar de como cheguei à cama ou há quanto tempo estou dormindo. Estico-me e tento puxar Bray para ficar comigo, mas ele resiste.

Quando abro meus olhos, posso ver a preocupação no rosto dele. É uma diferença tão grande do homem que era quando o conheci. Ao invés de sempre estar impassível e frio como gelo, agora ele deixa certos sentimentos aparecerem. Ou talvez eu apenas tenha aprendido a interpretá-lo melhor, mas de qualquer forma, me aquece saber disso.

“O que há de errado?” pergunto, sentando na cama. A iluminação fraca do quarto me indica que estive dormindo por pouco tempo, pois o sol ainda está se pondo.

“Encontram Hank. Ele está bem,” diz antes que eu possa perguntar. Mas tem alguma coisa errada, pela cara de Bray.

“O que há de errado então?”

“Disseram que ele levou uma pancada na cabeça. Esteve apagado no hospital e acabou de acordar. Ninguém fazia ideia de quem ele era, já que ele não tinha nada consigo.”

“Ai meu Deus! Mas ele está bem? Foi um assalto?” Eu o metralho com perguntas enquanto tento me levantar da cama. Devemos ir ao hospital para ver como ele está.

“Tink, se acalme, ele está bem, como disse. É só, é que deveria ir vê-lo e...”

“Então vamos! O que estamos esperando?” digo, saindo da cama e procurando alguma roupa. Visto calças de malha e pego uma camiseta de Bray, da Harvard University, antes de calçar chinelos. Quando me viro, Bray ainda está sentado na cama, com um olhar preocupado no rosto.

Segurando seu rosto nas mãos, tento tranquilizá-lo. Sei que Hank tem estado com ele desde sempre. “Bray, você mesmo disse que ele está bem. Você não tem que se preocupar.”

Puxando-me em seu colo ele enterra o rosto em meu cabelo.

“Não é só isso. Não quero tirar você daqui de dentro depois do que aconteceu e não quero deixá-la aqui sozinha.”

“Eu prometo que não vou fugir outra vez.” Sinto seu corpo endurecer com as minhas palavras. Sei que ainda temos muito que superar, mas quero que ele saiba que não vou fazer isso novamente. Ficar sem ele me deixou miserável. Eu fugi porque pensei que não poderia caber em seu mundo, mas isso não me importa mais. Podemos viver em nosso próprio mundo se assim tiver que ser. Prefiro ficar na bolha que ele fez para nós, do que viver lá fora sem ele.

“Você nunca mais vai me deixar,” ele diz apertando seu maxilar e não posso evitar dar um sorriso.

“Nunca.” prometo. Nunca me senti tão segura de nada na minha vida. Se Bray realmente me quer aqui, então ficarei. Depois da minha confirmação, sinto que parte da tensão deixa seu corpo.

“Você não pode me manter presa aqui para sempre.”

“Eu sei. Confie em mim, já pensei nisso o suficiente, e talvez eu tenha até procurado por alguns castelos onde poderia te esconder,” ele diz, se afastando um pouco e me olhando. Seus olhos cinzentos claros procurando os meus como se avaliando minha reação. Que reação, não tenho certeza, mas sei que ele não está brincando.

“Bray, se você se sentir melhor que eu fique, então vou ficar. Se quer que eu vá com você, então vamos. Mas como disse, não vou deixar você”, o tranquilizo mais uma vez. Sei que o que ele está dizendo, é mais profundo do que apenas sobre esta noite. A forma como ele tem agido desde que voltei também me fez repensar um monte de coisas. Que talvez eu estivesse o entendendo errado.

“Acho que seria melhor...” As palavras de Bray são interrompidas pelo barulho da porta da frente se abrindo. O som é fraco, mas é a única explicação. Lembro que Bray me deu sua chave extra e disse que poucas pessoas têm acesso ao apartamento. Nunca soube de mais ninguém que tenha entrado aqui assim em todo o tempo que vivi aqui.

“Fique aqui,” ele diz me colocando na cama e apressadamente saindo do quarto.

Momentos depois ouço o som de tiros.

“Ela não está aqui,” Bray grita.

“Sim, com certeza. Vejo o jeito que olha para ela. Confie em mim, eu conheço aquele olhar.” A voz de Nico envia arrepios

através do meu corpo. Meu estômago se revira com a lembrança do tempo que passei com ele. Ele está enlouquecendo. Minha prioridade é manter o bebê seguro, então tento pensar rápido.

Pegando o telefone na mesa de cabeceira, ligo para 911 brandindo o endereço antes de desligar, ignorando as perguntas da mulher na outra extremidade da linha.

“Você quer o resgate, conseguiu. Vou pagar e você desaparece,” ouço Bray dizer enquanto lentamente espio no corredor para conseguir uma visão melhor do que está acontecendo. Talvez possa dar a Bray um sinal de que a polícia está a caminho. Não sei se ele sabe o quão louco Nico realmente é.

“Deixa eu te perguntar uma coisa, Sr. Tiro Quente. Que preço aceitaria por ela, se os lugares estivessem trocados?”

“Nenhum!” Bray responde instantaneamente.

“Então sabe como me sinto.”

“Nunca vou contar a você onde ela está.”

“É, foi o que pensei. Mas talvez dois ou três buracos de bala possam te fazer mudar de ideia. Ou talvez ela simplesmente venha para fora quando te ouvir gritando.”

As palavras de Nico são como adagas em meu coração. Finalmente tenho uma família e está prestes a ser arrancada de mim. Coloquei Bray nisto, e agora ele pode perder sua vida. Se puder atrasar isso, talvez a polícia chegue aqui a tempo. Posso impedi-lo de machucar Bray. Sei que ele não quer me matar. Talvez me machuque, mas nunca se sabe quando se está lidando com um maluco.

Quando alcanço o final do corredor, Bray está de frente para a ponta de entrada. Seus olhos rapidamente se desviam

para mim e nós dois sabemos que ele acabou de cometer um deslize.

“Pode sair, Becs. Ou prefere mesmo que eu atire nele?”

Bray sacode a cabeça para mim, mas sei que preciso fazer isso. Que outra opção tenho? Virando a esquina, vejo Nico de pé na entrada, com uma arma apontada diretamente para Bray. Os olhos dele parecem selvagens e sei que ele está chapado. Sua pele geralmente é morena e agora está pálida e com um brilho de suor. Seus cabelos escuros estão bagunçados e descuidados, e parece que ele não vê um chuveiro há dias. Ele ainda é tão grande como sempre, mas está tão alterado com as drogas que parece ainda mais assustador. Eu já vi o mesmo olhar no rosto do meu irmão.

“Nico, por favor.” Imploro, me colocando entre ele e Bray. “Eu vou embora com você, apenas me deixa pegar minhas coisas.” É tudo que consigo pensar em dizer para ganhar algum tempo. Mas ele não compra minha história.

“Não. Você não precisa de qualquer coisa. Venha até aqui e me beije.”

Jesus, ele está completamente louco. Achei que sua obsessão por mim tivesse começado porque fui a primeira pessoa a lhe dizer não. Não me joguei aos pés dele quando me deu bola, então passou a me encarar como um desafio. Agora, com todas as drogas na sua cabeça, sua fixação por mim acabou com qualquer resquício de sanidade.

Bray rosna de trás de mim, e me viro a tempo de impedi-lo de se mover para frente. Nico ri, aponta a arma para minha cabeça e nós dois paramos de nos mover completamente.

“Nico! Acalme-se,” digo. “Eu vou com você. Por favor, não o machuque. Farei o que quiser.”

“Faça isso outra vez e vou atirar nela.” Ele olha fixamente para Bray que parece que vai explodir a qualquer minuto, mas coloca as mãos para o alto. “Na verdade, acho que está na hora de uma lição de boas maneiras. Que tal eu permitir que Rebecca chupe meu pau e se ela fizer isso direitinho, eu deixo você viver.”

“Só por cima do meu cadáver,” Bray ferve. Posso sentir sua raiva em ondas, preenchendo todo o ambiente.

Nico aponta a arma de volta para Bray. “Isso pode ser providenciado,” ele diz com escárnio e não tenho dúvidas que ele é capaz de fazer qualquer coisa. Está procurando um motivo para ferir Bray.

“Você está completamente louco,” grito, tentando trazer sua atenção de volta para mim. *Só mais um pouco*, tento me tranquilizar.

“Eu estou louco? Eu estou completamente louco? O mocinho aí te contou que o próprio pai matou a mãe por causa de obsessão? Loucura é você continuar aqui. Quero dizer, olha para o cara. É só uma questão de tempo até que ele faça o mesmo com você.”

Meu coração dói por Bray. Sei que tudo que me contou foi doloroso e ter Nico jogando isso em sua cara deve doer.

“Viu?! Ele nem negou, não é mesmo? Você está obcecado por ela?” Nico pergunta, movendo os olhos para Bray. Posso ver a vergonha que ele sente com esta pergunta. Mas não é o roto falando do esfarrapado? Pelo menos a obsessão de Bray tem amor e carinho. Nico está fodido.

“Você está certo. Eu vou com você, como já disse.”

“Isso não está em negociação, Becs. O que estamos discutindo aqui é o quanto você quer que Bray continue vivendo. Quero alguma recompensa por ele ter te tirado de mim. Ele sabe

que você me mostrou sua buceta? Que eu gozei olhando para ela?”

Bray dá dois passos para a frente com a provocação de Nico, fazendo-o apontar a arma para mim. Desta vez, ele a direciona para minha barriga. “Tsk, tsk,” ele diz com um sorriso na boca. “Agora, venha aqui e fique de joelhos, Becs. Não vou falar outra vez.”

Antes que eu possa me mover, percebo um movimento atrás de Nico, que o faz se virar. De repente, dois disparos são ouvidos na entrada. Entro em pânico e caio no chão segurando meu abdômen e sinto um corpo se jogar sobre o meu. Instantaneamente sei que é Bray está protegendo meu corpo com o próprio. O seu cheiro preenche meus pulmões e tento me focar nisso em vez de pensar no medo que estou sentindo.

“Ele está morto.”

Estremeço com as palavras, sabendo de quem são.

“Sam!” ofego, tentando sair debaixo de Bray. Ele percebe minhas intenções e me ajuda. Quando tento ir para Sam, ele envolve um braço em mim e me segura.

Sam parece que levou uma boa surra, e não dorme há dias. Quase uma casca de seu antigo eu.

“Sinto muito, Becs. Deus, estou tão foddidamente arrependido. Você é tudo que tenho no mundo e fiz isso com você.”

Antes que eu possa responder, a sala está cheia de policiais. Eles veem Sam segurando a arma e ele é jogado ao chão. É então que finalmente percebo o chão de mármore branco coberto com o sangue de Nico, seu corpo imóvel no centro dele.

As próximas horas são um caos. Nunca fico longe do alcance de Bray enquanto ele me dá toques reconfortantes. Mas

parece distante, mais uma vez. Disse que vai contratar o melhor advogado que puder encontrar para meu irmão. Que vai conseguir a ajuda e reabilitação que precisa.

Descobrimos que Nico conseguiu entrar no apartamento de Bray nocauteando Hank e roubando suas chaves. Toda a informação é muito para processar, mas sinto alívio. Está tudo acabado. Está feito e o resto terá que ser resolvido, mas estou segura, Bray está seguro, e o mais importante: nosso bebê também está. Talvez algo bom saia disso e Sam receba a ajuda de que precisa.

Olho para Bray que me encara com olhos suplicantes, como se eu não fosse mais dele. Mal posso esperar para que todos saiam, porque se Bray acha que não sou dele, ele tem outro pensamento vindo.

De banho recém-tomado, sento no meio de nossa cama, esperando que Bray termine o seu. Quando tudo foi explicado, me desculpei e sai para limpar a sujeira que sentia em minha pele. Fiquei no banho por mais de vinte minutos antes de compreender que Bray não iria se juntar a mim.

Quando finalmente saí, ele estava sentado aos pés da cama segurando sua cabeça com as mãos. Quando tentei escovar meus dedos por seu cabelo ele se afastou e resmungou que estava indo tomar seu banho agora que eu havia saído. Trinta minutos depois, ele continua lá dentro. Acho que está tentando

superar minha demora. Esperando que eu desmaie antes dele sair. Não vai acontecer.

“Você ainda está acordada? Deveria descansar Rebecca.”
O uso do meu nome me faz encará-lo.

“O. Que. Está. Acontecendo. Baunilha?” atiro de volta. Não tenho ideia de qual é seu problema.

“Não vamos fazer isso hoje à noite. Descanse e conversaremos de manhã,” ele diz com uma voz derrotada. Estou cansada para burro, mas, ainda mais cansada desta merda de ‘vamos falar sobre isso depois’.

“Não. Agora. Você tinha esperanças que eu tivesse adormecido, não é? Apenas admita. Você não quer falar comigo.”

Vindo até a cama, ele se senta perto de mim roçando um dedo em minha bochecha para colocar uma mecha do meu cabelo para trás.

“Você precisa de um retoque nas cores. Está muito desbotada. Comprei mais tinta. Já chequei e é boa para mulheres grávidas.”

Reviro os olhos com sua declaração. Apesar de querer mesmo me jogar nele e beijá-lo até que eu mal consiga respirar.

“Responda.”

“Você está certa. Queria que já estivesse dormindo quando eu saísse do banho,” ele responde sem dizer mais nada. Vou ter que arrancar isso dele.

“Por quê?” pergunto de um jeito que mostra meu desagrado.

“Eu queria mais uma noite. Para te segurar em meus braços antes que você me desse o fora.”

“Está de brincadeira comigo, né?” Escapa de mim de um jeito mais agressivo do que queria, mas não esperava que ele dissesse uma coisa destas. Para ser bem sincera, nem sei o que esperava. Talvez que sou problemas demais. Que não valho à pena. Sinto como se ele estivesse me empurrando para longe, mas então as palavras de Nico soam em minha mente: “Ele está obcecado por você.” A ideia de Bray estar obcecado por mim me deixa agitada. Merda, me excita.

Subo em seu colo, ignorando o olhar de choque em seu rosto. “Por que está obcecado por mim? Por isso?” Digo com sarcasmo, deixando um sorriso brincar em meus lábios. Seus olhos se agitam para os meu. Ele só me olha fixamente e não diz nada. “Vai me trancar num quarto e nunca mais me deixar sair?” Brinco.

Seu rosto se torna ainda mais sério com minhas palavras. Talvez fazer uma piada sobre Nico não seja a melhor ideia.

“Não vou mentir, pensei nisso.”

Dou risada com suas palavras. “Boa sorte na tentativa, Baunilha.” Inclinando-me dou um beijo em sua boca. Ele retorna, mais forte do que eu esperava. E antes que perceba, estou debaixo dele.

“Não é só uma transa, Rebecca. Estou obcecado por você. Nem sei o que sou capaz de fazer para ficar com você. Não sei quantas regras eu quebraria. Não permitiria que fosse embora, se quisesse,” ele confessa.

“Mas acabou de dizer que achava que eu iria embora de manhã.”

“Achar e permitir são duas coisas bem diferentes. Não tenho certeza do que faria amanhã de manhã.”

Depositando um beijo suave nos lábios dele, murmuro “Ok,” porque na verdade não me importo. Ele me quer aqui e eu quero ficar. Que importância tem? Quando tento puxá-lo contra mim, ele se afasta.

“Você não está levando isso a sério. É um medo real. Meu pai tinha esta obsessão por minha mãe. Ele a matou. Você não tem medo que eu acabe fazendo o mesmo?”

“Não,” respondo, simplesmente porque este não é um medo meu. Ele nunca machucaria um fio do meu cabelo. A ideia é totalmente ridícula.

“Você deveria. Eu lutei contra esse desejo inexplicável que tenho por você desde o começo. Eu vi onde ele estava me levando. Não se perguntou por que nunca beijei alguém antes de você? Era porque eu não podia ser como meu pai. Ficar obcecado com algo desse jeito. Mas você me conquistou sem fazer esforços. Você era apenas a Rebecca, e eu estava hipnotizado por tudo o que fazia. Estar perto de você me fez sentir realmente vivo pela primeira vez. Eu não tinha como deixá-la ir, e agora estou aqui: me tornando a única coisa que tanto lutei para não ser.”

“Quer me matar, Bray? Mataria-me se eu quisesse te deixar?”

“Você não está me deixando e eu nunca te faria mal.”

“Então! Que diferença faz? Sei que você não me machucaria e nunca mais quero ir embora. Eu te amo, Bray. Não consegue enxergar isso? Você me completa. Somos perfeitos um para o outro. Meu caos para sua ordem. Só fui embora porque achei que nunca poderia me amar. Mas na verdade, já me amava tanto, que isso estava te aterrorizando. Olha só para a gente: tentando afastar um ao outro devido ao medo de ser rejeitado. Quando na verdade são essas coisas que nos atraem.”

“Acha mesmo isso?”

“Sim. Cada palavra. Sinta-se livre para se tornar completamente e totalmente obcecado por mim. Na verdade, encorajo este comportamento,” digo, sorrindo e balançando a cabeça em concordância. Quem é que não vai querer que o homem que ama seja devotado deste jeito?

“Casa comigo?”

“Eu casaria neste momento se tivesse um padre aqui.”

Ele se mexe para descer da cama, mas passo os braços e pernas em volta dele e o aperto contra mim. “Primeiro faça aquela coisa de me dar tantos orgasmos que nem consigo mais me mexer.”

Vejo que ele pensa sobre o assunto por alguns momentos e então me olha e sorri. “Acabei de limpar minha lista de tarefas do dia. A única coisa na minha agenda é: fazer minha Tinkerbell gozar!”

Deixo escapar uma risada e ele enterra o rosto no meu pescoço, beijando-me suavemente. Um dia destes vou perguntar a ele o motivo deste meu apelido.

EPÍLOGO

BRAY

Dez anos depois

Fecho a porta e um sorriso perverso se espalha por meu rosto. Nosso filho Peter acabou de sair para uma semana de acampamento de verão e agora, minha fada e eu, temos a casa toda para nós.

Mudamos-nos para o subúrbio um pouco antes de Peter nascer. A cobertura era ótima, mas decidimos que queríamos uma vida bem normal para nosso menino. Compramos uma casa com um quintal tão grande que dez crianças podem brincar ali, mas infelizmente Tink e eu não tivemos mais nenhum filho. Dra. Long nos disse várias vezes que Peter foi um milagre. O pequeno corpo de Tink só conseguiu carregá-lo até as trinta semanas. Então ela teve um sangramento e quase perdi os dois. Depois do nascimento ela precisou passar por uma histerectomia⁵ de emergência. Desta forma, ela não pode mais ficar grávida.

Acho que foi mais difícil para mim do que para Tink. Queria que ela tivesse tudo que sempre desejou e se ela quisesse mais filhos, eu os teria dado. Não me importaria se tivéssemos

⁵ A histerectomia é a remoção cirúrgica do útero, que também pode incluir a retirada das trompas adjacentes e do ovário.

que adotar ou usar uma barriga de aluguel. Mas ela disse estar feliz com a vida do jeito que está.

Todos os dias olho para ela e nosso filho e fico sobrecarregado com a emoção do quão sortudo sou. Embora ainda resida um pouco de medo no fundo da minha mente sobre o nível de minha obsessão por ela, lembro de que nunca lhe faria mal. Há pensamentos obscuros em minha mente e, às vezes, eles querem dar as caras. Mas logo me lembro do quanto minha fada é gentil e frágil e tudo que quero então é amá-la e protegê-la.

“Oh, Tink,” cantarolo enquanto tranco a porta e aciono o alarme. Fui ao supermercado hoje mais cedo, assim temos um estoque de comida para uma semana de imersão em casa. Não planejo dar sequer um passo fora ou deixar que ela o faça, pelos próximos sete dias. Também espero não vestir qualquer roupa. Assim, já começo abrir minha camisa, começando a me despir agora mesmo.

Ouçó alguma coisa à minha direita. Olho para lá, mas não vejo nada. O sistema de intercomunicação da casa é ligado e ouço Tink pelos alto-falantes. “Chamando Sr. Baunilha,” ela diz com um sotaque inventado horrível.

Reviro meus olhos com o apelido. Ela não me chama assim muitas vezes, mas quando o faz é geralmente para me irritar e me fazer persegui-la. Funciona.

Vou até o intercomunicador e mantenho o botão pressionado. “Há uma fada solta na casa?”

“Oh sim, acredito que ela está sendo super safada e jogando pó mágico para todo lado. Você provavelmente deve encontrá-la e dar-lhe umas boas palmadas.”

“Se continuar me chamando de Baunilha, vai conseguir essa palmada.”

“Oh não, Baunilha! Nesse caso, Baunilha, vou me certificar de avisá-la para não lhe chamar de ‘Baunilha’. Tenho certeza que ela não quer irritá-lo, Baunilha. Isso é tão rude, certo?”

“Tink,” digo num rosnado.

“Boa sorte tentando me encontrar,” ela ri e desliga o comunicador.

Ela se acha muito esperta, mas sei exatamente onde ela está. Desabotoo minha camisa enquanto subo as escadas, largando-a pelo caminho. Ao chegar no alto, tiro minha calça e sapatos, ficando somente de cueca.

Caminho até nosso quarto e assovio uma melodia enquanto vou diretamente ao closet. Posso ouvi-la rindo antes mesmo de abrir a porta e não consigo evitar dar uma risada também. Ela foi descoberta, mas está muito alegrinha para se importar.

“Saia daí com suas mãos para o alto e sem calças se quiser continuar vivendo,” eu digo.

Um segundo depois ela abre a porta e tenta passar correndo por mim, completamente nua. Ela geme com prazer quando a pego e a atiro sobre o ombro, me dirigindo para a cama. Solta um grito quando a jogo para baixo e subo por cima dela.

“Como sabia onde eu estava?” Pergunta e começa a me beijar em todo o rosto e pescoço.

“Porque sabe como gosto do meu lado do armário arrumado, e está determinada a me deixar louco, bagunçando tudo a cada chance que tem.”

Ela ri enquanto passa a mão pelo meu corpo e coloca seus dedos para dentro da minha cueca, e então em volta do meu pau

duro. Inclina-se e sussurra no meu ouvido, “Todas as chances que tenho, Baunilha”, e lambe meu pescoço.

Rosno novamente e me inclino para trás, tirando sua mão do meu pau dolorido, e a joga sobre sua barriga.

“Você está implorando por umas palmadas, não está Tink?” Ela balança a bunda redonda e carnuda contra mim e eu dou-lhe uma boa palmada. Ela dá um guincho, mas, não protesta.

“Espalhe suas pernas, quero ter acesso a minha buceta enquanto você toma sua palmada.”

Ela geme contra a cama e empurra a bunda no ar, enquanto abre as pernas, e me dá acesso. Eu alcanço por baixo e acaricio sua buceta, sentindo o quão molhada está. “Parece que está necessitada, Tink. Qualquer coisa em particular que queira?”

“Faça aquela coisa que faz para eu gozar demais”, diz ela no colchão, e tenho que morder meu lábio para não rir. Não poderia amá-la mais nem se tentasse.

“Qualquer coisa para você, minha pequena fada”, digo, e com isso, puxo minha mão para trás e bato com força em sua buceta. Ela grita, e seu corpo se estica, mas o traseiro balança para trás, implorando por mais.

Será uma longa semana, e só espero que meu pau sobreviva a isso.

sweet *sweet* *SWEET* **sweet club book's** **BOOK'S**
CLUB BOOK'S *SWEET* **club** **BOOK'S** **CLUB CLUB**
CLUB **CLUB** **sweet** *CLUB* **BOOK'S** **sweet** *CLUB*
club **sweet club book's** **book's**
sweet club book's *SWEET* *CLUB* *club book's* *CLUB* *CLUB* *SWETT*
CLUB *SWEET* *CLUB BOOK'S* *SWEET* *club book's* *SWEET*
sweet *club* **SWEET CLUB BOOK'S** **BOOK'S** *club* *book's*
sweet **SWEET** **club** *sweet* **club** *book's*
SWEET CLUB BOOK'S

club *club* **club** **SWEET** *club* **book's** *SWETT* *book's*
club *CLUB* *club* *book's* *book's* *CLUB* *CLUB* **SWEET** *club*
club **CLUB** **club** **book's** *club* **BOOK'S** **club**
CLUB *SWEET* **BOOK'S** *club* *CLUB* **club** *book's* **CLUB**
sweet *club* **BOOK'S** *club* *club* **club** **club**
BOOK'S **CLUB** *SWEET* *book's* **club** **club**
club *CLUB* **sweet** **club** **BOOK'S** *club* **BOOK'S**
CLUB **SWEET** *club* **BOOK'S** *sweet* *club* *book's* *book's*
SWEET *club* **SWEET CLUB BOOK'S** **sweet** **CLUB** **CLUB**
CLUB *book's* **BOOK'S** *CLUB* *SWETT* *sweet* *club* *book's* **CLUB**
BOOK'S **sweet** **SWETT** **SWEET CLUB BOOK'S** *CLUB*

THE *Virgin*
DUET
ALEXA RILEY